

Maria Ko – Piera Ruffinatto

# *A mão de Deus trabalha em ti*

***O acompanhamento na vida de Dom Bosco e de  
Maria Domingas Mazzarello***

***Âmbito para a formação***

---

Tradução:

Ir. Maria Aparecida Nunes, FMA e Ir. Maria Gazzetto, FMA



Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora – Roma

Todos os direitos reservados à  
Editora Edebê Brasil Ltda.  
SHCS CR - Quadra 506 - Bloco B - Loja 59  
70.350-525 - Brasília (DF)  
Tel.: (61) 3214-2300

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes, FMA e Ir. Maria Gazzetto, FMA  
Revisão: Ir. Olga de Sá, FMA e Zeneida Cereja da Silva  
Diagramação: Helkton Gomes da Silva  
Projeto Gráfico e Capa: Herbert Barbosa

## APRESENTAÇÃO

Tenho o prazer de apresentar este subsídio, fruto da experiência vivida pelas Mestras de noviças das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) nos lugares dos Fundadores, durante o curso de formação realizado em Roma, de 18 de fevereiro a 21 de março de 2013.

A proposta situa-se no horizonte do já consolidado “Projeto Mornese”, animado pelo Âmbito para a Formação, que se propõe re-ler o itinerário histórico-espiritual dos Fundadores à luz das Constituições das FMA, do Projeto Formativo *Nos sulcos da Aliança* e da experiência vocacional pessoal.

No horizonte do Capítulo-Geral XXII, que solicitava a cada FMA viver o acompanhamento como estratégia privilegiada para a realização do próprio projeto vocacional, a proposta desta experiência foi colocada no coração do curso de formação para as Mestras das noviças, com o desejo de oferecer não somente a elas, mas ao Instituto inteiro, uma preciosa contribuição para o aprofundamento da temática. Realmente, o acompanhamento, mesmo sendo particularmente decisivo em algumas fases formativas, como por exemplo, o noviciado, mantém sua importância estratégica em todas as idades da vida, porque é lugar privilegiado para o discernimento do projeto de Deus sobre a própria existência, projeto que não é realidade consumada, mas processo em construção, dom e tarefa.

A *lectio divina* oferecida por Ir. **Maria Ko** e a releitura do itinerário espiritual de João Bosco e de Maria. D. Mazzarello, na ótica do acompanhamento, apresentada por Ir. **Piera Ruffinatto**; a meditação pessoal da Palavra de Deus e das fontes salesianas e sua partilha em grupos; a visita aos lugares das origens e as celebrações foram as propostas que imprimiram unidade e significatividade à experiência. Mesmo se o que está escrito não retrata completamente o que

se viveu, creio que seja importante compartilhar este material, que poderá ser valorizado de muitos modos.

Chegue, com ele, a cada FMA, em particular a quem é chamada a acompanhar e a apoiar jovens ou Irmãs, no seu cotidiano caminho de resposta ao Senhor, o augúrio de *ser sinal e expressão do amor de Deus* e da bondade de Maria Auxiliadora, vivendo o entusiasmo apostólico do *da mihi animas cetera tolle* de Dom Bosco e Madre Mazzarello.

Roma, 13 de maio e 2014.

*Ir. Maria Américo Rolim*  
*Conselheira-geral*  
*para o Âmbito da formação FMA*

## SIGLAS E ABREVIações

### Documentos da Igreja

- CCC      *Catecismo da Igreja Católica*, Roma, Livraria Editora Vaticana, 1992.
- CV      BENTO XVI, Carta encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade: *Caritas in veritate*, 29 de junho de 2009, em *Enchiridion Vaticanum (EV)* /26, Bolonha, Dehonianos 2012, 680-793 [1-79].
- DV      CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a divina Revelação: *Dei Verbum*, 18 de novembro de 1965, em *Enchiridion Vaticanum (EV)*/1, Bolonha, Dehonianos 1979<sup>11</sup>, 872-911 [1-26].
- EG      FRANCISCO, Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual: *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, Roma, Livraria Editora Vaticana, 2013.
- EN      PAOLO VI, Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo: *Evangelii nuntiandi*, 8 de dezembro de 1975, em *Enchiridion Vaticanum (EV)*/5, Bolonha, Dehonianos 1979, 1588-1716 [1-82].
- MC      PAOLO VI, Exortação apostólica sobre o culto mariano: *Marialis cultus*, 2 de fevereiro de 1974, em *Enchiridion Vaticanum (EV)*/20, Bolonha, Dehonianos 2004, 12-122 [1-59].

- NMI      JOÃO PAULO II, Carta apostólica no final do grande jubileu do ano 2000: *Novo millenium ineunte*, 6 de janeiro de 2001, em *Enchiridion Vaticanum (EV)*/20, Bolonha, Dehonianos, 2004, 12-122 [1-59].
- RM      JOÃO PAULO II, Carta encíclica sobre a Beata Virgem Maria na vida da igreja a caminho: *Redemptoris mater*, 25 de março de 1987, em *Enchiridion Vaticanum (EV)*/10, Bolonha, Dehonianos, 1989, 1272-1421 [1-52].
- VC      JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*, 25 de março de 1996, em *Enchiridion Vaticanum (EV)* 15, Bolonha, Dehonianos, 1999, 434-775 [1-112].

### Fontes Salesianas

- Const. FMA INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Constituições do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*, Roma, Instituto FMA, 1984.
- Cronistória* CAPETTI Giselda (editada por), *Cronistória [do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora]*, Roma, Instituto FMA, 1974-1978, 5 vol.
- C      MAZZARELLO Maria Domingas, *A sabedoria da vida. Cartas de Maria Domingas Mazzarello*, editadas por Maria Esther Posada – Anna Costa – Piera Cavaglià, Turim, SEI 1994<sup>3</sup>.
- LOME      INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Para que tenham vida e vida em abundância. Linhas orientadoras da missão educativa das FMA*. Leumann (Turim) LDC 2005.

- MB João Batista LEMOYNE – Angelo AMADEI –Eugênio CERIA, *Memórias Biográficas de Dom Bosco (do Beato, de São João Bosco)*, S. Benigno Canavese – Turim, Escola Tipográfica Salesiana SEI, 1898-1939, 19 vol.
- MO Bosco João, *Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales de 1815 a 1855. Ensaio introdutivo e notas históricas* editadas por Aldo Giraud, Roma, LAS 2011.
- ORME Piera CAVAGLIÀ – Anna COSTA (por), *Pegadas de vida vestígios de futuro. Fontes e testemunhos sobre a primeira comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora. (1870-1881)*, Roma, LAS 1996.
- PF INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Nos sulcos da Aliança. Projeto formativo do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*, Leumann (Turim), LDC 2000.



# Na lógica do itinerário

## *Introdução à experiência*

O objetivo que nos propomos nesta experiência vivida nos lugares de Dom Bosco e Ir. Maria Domingas Mazzarello é revisitar seu itinerário espiritual à luz da Palavra de Deus para focalizar, de um lado, sua *resposta pessoal ao seu chamado*, e do outro, *descrever a ação formativa* daqueles que os acompanharam em seu itinerário de crescimento humano e espiritual, em particular os guias que os ajudaram a discernir o projeto de Deus em suas vidas.

Faremos, pois, uma experiência de *lectio divina e lectio sanctorum estritamente interligadas*. De fato, elas se iluminam mutuamente e, de certo modo, iluminam também nossa experiência pessoal. No Projeto formativo *Nos sulcos da Aliança* declara-se que a Palavra de Deus é «o grande quadro de referência» da formação.<sup>1</sup> Tal afirmação justifica essa imposição. Realmente, Dom Bosco e Ir. Maria Domingas Mazzarello foram guiados pelo Espírito neste amplo horizonte de salvação. Com a mesma intensidade de amor e a mesma sabedoria pedagógica, Deus guiou, de geração em geração, seus filhos, desde as personagens bíblicas, até os santos ao longo da história, os nossos Fundadores, até nós e depois de nós. «A sabedoria, no curso das idades, entrando nas almas santas, forma amigos de Deus e profetas» (*Sab 7,27*).

Os santos são uma espécie de “Bíblia viva”, traduzida em experiência. A sua vida é uma síntese evangélica, uma exegese concreta e facilmente legível dos mistérios revelados. Lembra isto o Concílio Vaticano II, quando afirma que a compreensão da Palavra de Deus cresce não apenas graças ao trabalho dos teólogos, mas também mediante «a experiência feita por uma compreensão mais profunda das coisas espirituais» (*DV 8*). Os carismas suscitados pelo Espírito Santo na Igreja e o testemunho dos santos dão um forte impulso ao progresso da compreensão da fé. Portanto, o confronto com a Palavra de Deus e a visita aos vários lugares que marcam o itinerário de crescimento de João Bosco e Maria Domingas Mazzarello criam

<sup>1</sup> PF 12.

uma espécie de “círculo hermenêutico”: a palavra de Deus ilumina a memória dos nossos santos Fundadores, e sua vida traduz a palavra de Deus no concreto do nosso ser FMA hoje.

## 1. A tradição educativa salesiana como “mistagogia”

No Projeto Formativo, lê-se: “A presença discreta e sábia de Maria Domingas acompanha Irmãs e meninas por um caminho alegre e exigente de santidade. Inaugura-se assim uma tradição educativa caracterizada por uma *mistagogia*, ou seja, iniciação ao mistério, expressa nos gestos de uma maternidade gerada pelo Espírito”.<sup>2</sup>

A categoria do *mistério* foi recuperada pelo Concílio Vaticano II. Ela expressa a ideia de que a vida cristã é “vida em Cristo e no Espírito” à qual se tem acesso por meio do Batismo e é cultivada e desenvolvida por meio dos Sacramentos.

A ação *mistagógica* consiste em “pegar uma pessoa pela mão e ajudá-la a entrar na profundidade do seu mistério, considerado a partir do mistério pascal de Jesus. Isto implica atenção à ação da graça que secretamente age em cada pessoa humana e na história. Vamos considerar também as dinâmicas pessoais, os acontecimentos históricos, os acontecimentos cotidianos, difíceis e sofridos, dentro dos quais o mistério se apresenta e se manifesta com uma riqueza a ser explorada para frutificar”.<sup>3</sup>

A educação e a formação cristã, nesta linha, não são senão um grande “acompanhamento mistagógico, um desenvolvimento do processo da iniciação cristã que consiste numa progressiva assimilação pessoal dos dons recebidos e se realiza num contexto eclesial, com o apoio de um guia”.<sup>4</sup>

Aquele ou aquela que educa/forma/acompanha – o *mestre-testemunho* – tem a tarefa de «colocar a pessoa em sintonia com a sua realidade mais íntima, para ajudá-la a perceber a voz do “Mestre

<sup>2</sup> PF 10.

<sup>3</sup> CACUCCI Francesco, *Introduzione*, em ANGIULI Vito, *Educazione come mistagogia. Un orintamento pedagogico nella prospettiva del Concilio Vaticano II*. Roma, Centro Litúrgico Vicentino, 2010, 6.

<sup>4</sup> ANGIULI, *Educazione come mistagogia* 50.

interior” que fala na profundidade do coração e abre atalhos de libertação e caminhos de esperança». <sup>5</sup>

Na *mistagogia*, portanto, encontram significado e colocação tanto o acompanhamento como a prática educativa cristã. Ambos, de fato, podem ser considerados como um acompanhamento mistagógico desde que respeitem dois princípios fundamentais:

- o princípio *da unidade do ato educativo* pelo qual maturidade cristã e crescimento humano – mesmo distintos no processo educativo – nunca são separáveis. A educação é um processo complexo no qual se compenetraram aspectos humanos e elementos divinos, componentes pessoais e intervenções por parte da comunidade humana e eclesial, dinamismos e processos de amadurecimento humano que não são separados da ação misteriosa, mas real, da graça divina. Como fundamento existe a «convicção da validade, mesmo em campo educativo, do princípio cristológico da unidade na distinção entre humano e divino e da interação entre mistério de Cristo e mistério do homem»; <sup>6</sup>
- o princípio *da integração das diversas dimensões da pessoa* segundo o qual a educação deve visar à perfeição integral da pessoa humana inserida na comunidade e na sociedade. É uma obra de conversão intelectual, porque diz respeito à orientação para o inteligível e o verdadeiro, conversão moral porque orientada ao bem, conversão religiosa porque voltada para Deus. <sup>7</sup>

## 2. As características do acompanhamento

O Projeto Formativo aprofunda, ulteriormente, as etapas de desenvolvimento do processo de acompanhamento segundo estas características:

<sup>5</sup> CACUCCI, *Introduzione*, em *Ibid* 6-7.

<sup>6</sup> ANGIULI, *Educazione come mistagogia* 101-106.

<sup>7</sup> Cf. l. cit.

### *Dinamicidade*

A fidelidade ao projeto de Deus não é uma realidade estática, limitada a alguns tempos particulares, fixada na história pessoal, mas um dinamismo: «O caminho de maturação vocacional é uma peregrinação rumo à maturidade da fé, rumo ao estado adulto do ser crente, chamado a decidir a própria vida em liberdade e responsabilidade segundo o misterioso desígnio de Deus».<sup>8</sup>

### *Processo e gradualidade*

A lógica do processo está inscrita na natureza humana. Segundo esta lógica, não existem saltos evolutivos, mas crescimentos progressivos na autoconsciência, liberdade e responsabilidade, que introduzem e predisõem o terreno às características subsequentes. Elas são graduais, porquanto proporcionam um estágio de maturidade relativa à fase de vida que se está atravessando, atingível pela pessoa com os meios de que dispõe no “*aqui e agora*” de sua história.

### *No tempo e no espaço*

A atenção para colocar o “tempo biográfico” dentro de um “tempo cronológico” concebido como *Kairós*, quase como um “seio” que permite a gestação da nova criatura. O Projeto Formativo fala de «ciclos vitais em que a pessoa se encontra, devendo enfrentar tarefas específicas de desenvolvimento e confrontar-se com mudanças significativas, possibilidades e riscos, até encontrar o seu específico modo de ser – servir – amar».<sup>9</sup>

## *2.1. As etapas do itinerário*

A subdivisão do itinerário espiritual é ritmada pelas etapas clássicas da via *purgativa, iluminativa e unitiva*, que são reinterpretadas pelo Projeto Formativo, segundo a lógica do dinamismo da fide-

<sup>8</sup> PF 86.

<sup>9</sup> PF 43.51.

lidade mais atenta ao processo, segundo uma lógica em espiral e não linear:

- *Personalização* (assunção livre e pessoal dos conteúdos da fé).
- *Interiorização* (o agir nasce do ser e do ser “em Deus”).
- *Purificação* (experiência da provação, da dor, da aridez, da crise necessária para alcançar a vida plena segundo o Espírito).

Outra interessante proposta é a de Vito Angiuli,<sup>10</sup> segundo a qual as etapas do caminho mistagógico são as seguintes:

- *Atração* (é o momento no qual se experimenta a potência da atração do amor de Cristo, fonte de todo itinerário de fé).<sup>11</sup>
- *Iniciação* (a partir da atração – que, como centelha, dá origem a um grande fogo – abre-se um caminho de aproximação pessoal ao mistério. Nesta fase é muito importante a ação do guia).<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Cf. ANGIULI, *Educazione come mistagogia*, 106-116.

<sup>11</sup> A experiência pessoal de Cristo é central e fundamental no itinerário formativo. Afirma Marko Rupnik: «Diante dos jovens formandos, os formadores devem pôr-se a pergunta, se lhes foi aberto um mundo realmente espiritual, ou seja, se foram introduzidos, no Espírito Santo, a uma verdadeira relação com Cristo, ou se foram mantidos sobre um fundamento psicológico que faz adquirir noções, convicções, racionalizações, mas que não abre realmente ao mundo religioso» (RUPNIK MARKO, *Dall'esperienza alla sapienza. Profesia della vita religiosa*, Roma, LIPA 2000, 65).

<sup>12</sup> A este propósito são provocantes as palavras de André Foisson: « Uma pastoral de acompanhamento aceita a condição de cada nascimento; por primeiro, nós não estamos na origem da vida e do crescimento. Pois, gera-se sempre algo diferente de si mesmo. Os pais o experimentam; os filhos nunca sabem a exata extensão do seu desejo ou de seu sonho. Aquele que nasce é sempre diferente de si mesmo. Também para a transmissão da fé é assim. Não pertence à ordem da reprodução ou da clonagem. É sempre da ordem da chegada. Nesta pastoral parte-se do princípio de que o ser humano é “capaz de Deus”. Não devemos produzir nele esta capacidade. Não temos nem mesmo o poder de comunicar a fé. Não se fabricam novos cristãos como se fabricam pães ou pneus Michelin. A fé de um novo crente será sempre uma surpresa e não o fruto de nossos esforços. O resultado de um entendimento. Claro, a fé não se transmite sem nós. Apesar disso, não temos o poder de comunicá-la. A nossa tarefa é velar sobre as condições que a tornam possível, compreensível, praticável e desejável. A pastoral trabalha sobre as condições. O restante é questão de graça e de liberdade » (FOISSON André, *Evangelizzare in modo evangelico. Piccola grammatica spirituale per una pastorale di accompagnamento*, São Cadernos da Secretaria da CEI 12 [2008] 34, 42).

- *Configuração* (realiza-se por meio do Espírito que plasma nos corações dos crentes os traços de Jesus e a ação de Cristo ressuscitado em meio aos seus).
- *Irradiação* (resultado desta progressiva configuração a Cristo é a capacidade de irradiar a luz interior recebida como dom).

## 2.2. A dimensão experiencial do itinerário

A dimensão experiencial do itinerário brota da natureza da vocação cristã, do fato de *ser uma relação de amor*, uma *Aliança* que pode desenvolver-se apenas no concreto da vida pessoal e eclesial: «O realismo dos Fundadores nos ensina que a vida é gerada pela vida, o testemunho prevalece sobre a palavra e incide mais profundamente nos corações».<sup>13</sup>

Por experiência como “escola de vida” entendemos uma realidade vivida com intensidade e globalidade, de modo a alcançar, a conhecer e a deixar-se modelar por aquilo que se experimenta. Neste sentido, fazer experiência «significa colocar em ato um processo de unificação dos vários dinamismos da pessoa: cognitivos, emotivos, operacionais, sociais, motivacionais, para alcançar e escolher o bem e o verdadeiro com a totalidade do próprio ser, do qual pode brotar uma nova síntese existencial».<sup>14</sup>

No coração de todas as experiências que marcam as pessoas e gradualmente as transformam está *a experiência central de Deus* que se realiza «na oração, nos Sacramentos, nos frequentes e rápidos *recolhimentos* do coração, centro habitado por Deus, que permitem a leitura evangélica da realidade».<sup>15</sup>

A partir daqui se articula a proposta metodológica do itinerário formativo, constituída por *experiências típicas, tarefas de desenvolvimento e propostas formativas*.

<sup>13</sup> PF 12.44.

<sup>14</sup> LOME n. 87.

<sup>15</sup> PF 45.

### 2.3. A dimensão feminina e mariana

Esta dimensão é a condição irrenunciável para o carisma salesiano entendido e vivido pelas Filhas de Maria Auxiliadora. De fato, se a dimensão mariana é essencial à vida cristã, revela, todavia, uma afinidade especial com as mulheres e sua missão. O chamado a cuidar das jovens, como *Filhas de Maria Auxiliadora*, expressa uma identidade mariana que contém a síntese de uma espiritualidade que deve permear a nossa experiência pessoal e comunitária e nos pede para expressar hoje o inédito de Maria.<sup>16</sup>

Neste horizonte de significados, coloca-se a presente experiência nos lugares dos Fundadores. Percorreremos seu itinerário de maturação humana e cristã, procurando caracterizar as etapas fundamentais, os pontos nodais críticos, as tarefas de desenvolvimento por eles assumidas no fluir das experiências e suas mediações como educadores e formadores: a família, os professores, os amigos, os guias e os diretores espirituais. Sem usar esquemas rígidos, procuraremos convergências e peculiaridades, deixando à sua intensa experiência a tarefa de iluminar nossa prática formativa.

<sup>16</sup> Cf. *ibid.* 29-31.

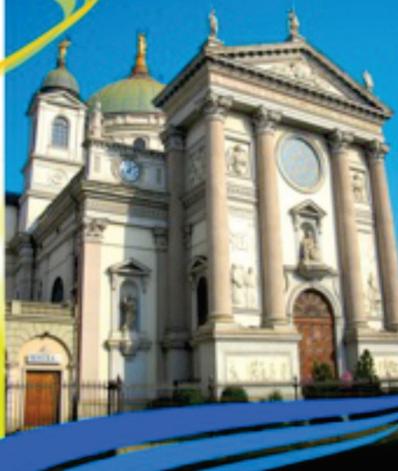


# O itinerário de Dom Bosco

*Dos Beechi*



*a Turim*





# *Caminhando com a Palavra*





## Deus lhe deu um coração grande, como a areia das praias do mar

Esta descrição da grandeza do coração de Dom Bosco é, para nós, muito familiar. Com convicção, nós a proclamamos na antífona de entrada da Missa de sua festa: «O Senhor deu-lhe sabedoria e prudência, e um coração grande como a areia das praias do mar». Cantamos com entusiasmo em várias línguas, em todo o mundo salesiano: «Deus te deu um coração grande como a areia das praias do mar. Deus te deu o seu Espírito: libertou-te para o amor». A imagem da areia das praias do mar tem evidentes referências bíblicas: lembra o rei Salomão, de quem a Bíblia diz: «Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias e mente tão grande como a areia das praias do mar» (*1Rs* 5,9); evoca em particular Abraão, a quem Deus faz solene promessa: «Eu te abençoarei com toda a sorte de bênçãos e tornarei muito numerosa a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar» (*Gn* 22,17).

A figura de Dom Bosco é semelhante à de Abraão: de fato, os dois “patriarcas” têm em comum, sobretudo, a vocação de ser “pai”. Abraão é pai do povo eleito por Deus (cf. *Lc* 1, 55.73). Num momento de depressão e de desânimo do povo de Israel, o profeta Isaías lança com orgulho este convite: «Olhai para a rocha da qual fostes talhados, para o buraco do qual fostes tirados. Olhai para Abraão, vosso pai» (*Is* 51,1-2). O pai Abraão é garantia de boa qualidade, é prova de «raiz santa» (cf. *Rm* 11,16), é sinal de esperança para o futuro, é motivo de confiança e de coragem. A paternidade de Abraão não é apenas circunscrita ao povo de Israel, mas é universal. Ele foi feito por Deus «pai de uma multidão de povos» (*Gn* 17,5), «pai na fé» (*Rm* 4,12; cf. *Heb* 11,8-19), «pai de todos os crentes», porque «Filhos de Abraão são aqueles que vêm pela fé» (*Gl* 3,7; cf. *CC* 145-146). Dom Bosco assemelha-se a ele enquanto pai da família salesiana, pai de um vasto movimento mundial na Igreja, «pai de uma multidão». Queremos sublinhar um particular: em 1988, ano centenário de sua morte, com a carta *Iuvenum Patris* de João Paulo II, a Igreja declarou oficialmente «Pai e Mestre da juventude».

Enquanto percorremos o itinerário do crescimento humano e espiritual de Dom Bosco, deixamo-nos iluminar pelo relato bíblico do caminho interior de Abraão, prestando atenção no modo admirável como Deus educa e guia, suscita e fecunda a fé neste grande «pai de todos os crentes».

## **1. O amor é mais forte que o pecado**

No *Gênesis*, a história de Abraão tem um pano de fundo sombrio. Ao relato da vocação (*Gn* 12) segue imediatamente o da construção da torre de Babel (*Gn* 11), que assinala o ponto culminante de um suceder-se de pecados. Não obstante Deus haver demonstrado um grande amor ao homem, este lhe dá as costas e dele se afasta. Por meio de uma série de eventos o mal cresce e se propaga até estender-se em dimensão universal.

Do pecado de Adão e Eva ao fratricídio de Caim, à violência de Lamech, à malvadez irrefreável da geração de Noé e ao orgulho descarado dos construtores da torre de Babel, os anéis da cadeia do mal se espessam e se tornam sempre mais vigorosos. O amor de Deus, porém, é mais forte do que o pecado. Justo e misericordioso, mesmo castigando, Deus tem gestos surpreendentes de ternura: as túnicas de pele com as quais reveste Adão e Eva (*Gn* 3,21), o sinal de proteção imposto a Caim (*Gn* 4,15), a arca de Noé (*Gn* 6,14 ss) e o arco-íris (*Gn* 9,12-17). São todas expressões de um amor surpreendente e superabundante, garantias seguras de que a criação ainda pode ter um futuro bonito, testemunhas incontestáveis de que entre delito e castigo não existe pura e simples simetria. Paulo dirá: «Onde abundou o pecado, superabundou a graça» (*Rm* 5,20).

O Deus que criou a terra bonita e boa e a tornou fecunda para o homem, não desiste do seu projeto original, não obstante a resposta negativa do homem ao seu amor gratuito. Ele ainda quer assegurar à humanidade, felicidade, dignidade e liberdade sobre esta terra. Ele ainda é amante da vida, ainda tem confiança no homem e no seu potencial para o bem. Por isso retoma o seu plano em termos novos com a eleição de Abraão.

Com a construção da torre de Babel parece que a ruptura entre o homem e Deus e a perda da unidade da humanidade sejam definitivas, mas não está aqui o fim da história. Entre os grupos dispersos existe o clã de Terach, do qual Deus chamará Abraão como aquele no qual serão abençoados todos os povos (*Gn 12,3*). Os relatos da torre de Babel e da vocação de Abraão põem em evidência elementos que estão em clara contraposição. Os homens tomam a iniciativa dizendo um ao outro: «Vinde, façamos tijolos...», «Vinde, construamos uma cidade e uma torre, cujo cimo toque o céu» (*Gn 11,3*). Deus, em vez, diz a Abraão: « Sai... e vai para a terra que te mostrarei » (*Gn 12,1*). Eis o motivo da construção da torre: «Façamos o nosso renome para não nos dispersarmos sobre a terra» (*Gn 11,4*); diferente é a perspectiva que Deus apresenta a Abraão: «Tornarei grande o teu nome [...] em ti serão abençoadas as famílias da terra» (*Gn 12,2-3*). Por isso, o episódio da torre de Babel termina assim: «O Senhor dispersou os homens sobre toda a terra» (*Gn 11,9*); na vocação de Abraão, ao contrário, Deus assegura: «Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra» (*Gn 12,3*).

## **2. A promessa excede os desejos**

O Senhor disse a Abraão: «Sai da tua terra, do meio dos teus parentes, da casa de teu pai e vai para a terra que vou te mostrar» (*Gn 12,1*). O Senhor se apresenta sem muitos preâmbulos, assim fará também com Moisés, com Samuel, com Isaías, com Jeremias e com tantos outros personagens bíblicos. Ele não se impõe por ser Criador e Senhor poderoso, mas se faz perceber como uma presença misteriosa, uma força atraente, uma abertura fascinante, um desafio que desperta as energias, os recursos e as aspirações no interior do homem. Encontra o homem no momento exato em que o homem se esforça para ser homem, isto é, quando cultiva ideais autênticos no seu íntimo e luta para realizá-los.

Abraão parte. Esta resposta ao convite de Deus não o transforma automaticamente em um homem santo; simplesmente a sua vida assume uma nova densidade, um novo sentido, uma nova determi-

nação e se impregna de uma nova presença. De nômade, vagando pelo mundo ele se torna cidadão da terra prometida. É notável a comparação que o filósofo Emmanuel Lévinas faz entre Ulisses e Abraão. Ulisses, no final de uma longa viagem, encontra-se na sua própria casa, no ponto de partida; Abraão, em vez, coloca-se a caminho confiando completamente naquela presença misteriosa que o precede. No final encontra-se numa terra nova, espaço de vida designado para ele e para a sua descendência.

Afinal, para um nômade como Abraão, que levava uma existência precária e instável à beira dos grandes impérios do século XX a.C., o sonho maior era ter uma vida segura, uma terra fértil, pastagens tranquilas, filhos numerosos. Deus lhe vem ao encontro exatamente aqui. Ocorre, então, um abraço entre a promessa divina e a esperança humana. Entrando nos desejos e nos sonhos do homem, Deus não os sufoca, não os bloqueia, mas os dilata, os eleva. Com suas promessas encoraja o homem a transcender-se, a olhar mais para o alto. «Farei de ti um grande povo e te abençoarei [...] em ti serão abençoadas todas as famílias da terra» (*Gn* 12, 2-3). A promessa de Deus excede os desejos. Abraão intui que aquilo que o espera ultrapassa sua frágil vida, sua breve história, sua pequena família e seus tímidos sonhos de prosperidade e segurança.

### **3. Para o alto e para a frente**

As promessas de Deus a Abraão podem ser resumidas nestas palavras: «Olha para o céu e conta as estrelas, se conseguires contá-las» (*Gn* 15,5); «Levanta os olhos e, do lugar onde tu estás, dirige o olhar para o norte e o sul, para o oriente e o ocidente» (*Gn* 13,14). São palavras muito bonitas, simbólicas, sugestivas, poéticas; palavras de amizade e de confiança. O Senhor convida o pai de seu povo eleito a sair ao largo, a *olhar para o alto e para a frente*. Deus dialoga com o homem nos vastos espaços do amor e da beleza, não na angústia dos direitos e dos deveres. Ele quer que os cidadãos da sua terra tenham um olhar amplo e voltado para o alto, que sejam capazes de abordar

o infinito com a candura e a simplicidade da criança que se põe a contar as estrelas.

Os Padres da Igreja, refletindo sobre a dignidade do homem, observam que, diferentemente dos animais, ele tem um corpo ereto, dirigido para o alto e não rastejante como a serpente, nem curvo ou com a cabeça inclinada, olhando para baixo. Somos criaturas feitas para olhar para o alto, mas infelizmente não desenvolvemos o suficiente este dom. Se não sabemos olhar para o céu, tornamo-nos um pouco semelhantes aos animais.

No livro do profeta Oseias, o Senhor diz com amargura: «O meu povo é duro para se converter: chamado a olhar para o alto, ninguém sabe erguer o olhar» (Os 11,7). Na liturgia eucarística o celebrante, antes do *prefácio*, convida a assembleia: « *Sursum corda* – Corações ao alto! », pois é necessário aproximar-se do mistério com o coração para o alto. Nós respondemos com muita tranquilidade e evidência: «O nosso coração está em Deus». É uma resposta que nem sempre corresponde à realidade. Sabemos contar as estrelas? Nossa vida é marcada por muitos números e códigos e precisamos sempre fazer tantas contas. O que contamos? Muitos dos nossos contemporâneos não sabem contar outra coisa senão o dinheiro. O fato de contar as estrelas revela admiração, inocência e simplicidade, fantasia e beleza, amplidão de horizonte, grandeza de coração, esperança e alegria, senso lúdico e poético da vida.

#### **4. Deus se compromete**

A confiança de Deus no homem suscita a confiança do homem em Deus e em si mesmo. A promessa de Deus ao homem infunde-lhe alegria e gratidão, coragem e otimismo, e o impele a doar-se com generosidade aos outros. Assim vemos Abraão abandonar tudo e partir conforme as indicações de Deus, erguer um altar em agradecimento a Deus, tratar Ló com generosidade, acolher com amor os hóspedes, receber o dom inesperado do filho Isaac e estar pronto para oferecê-lo em sacrifício, mesmo com imensa dor. A promessa de Deus realizou grandes coisas no pai do povo de Israel.

Há ainda mais. Deus não apenas promete bens, mas se compromete pessoalmente, entra em relação mais profunda, estabelece laços de proximidade e de comunhão, faz uma aliança com o homem. Ele declara: «Serei o vosso Deus» (*Gn* 17,8), e ainda promete: «Tornarei grande o teu nome e te tornarás uma bênção» (*Gn* 12,1). Isto não significa somente que Deus, além dos bens materiais, garante glória e fama ao patriarca, mas o mais bonito desta promessa está no fato de que o nome de Abraão se tornará uma fonte de bênçãos porque assumido pelo próprio Deus no momento da sua autoapresentação. Deus quis qualificar-se com o nome de Abraão, ficou satisfeito por ser proclamado e invocado como «o Deus de Abraão» (*Ex* 3,15). Aqui está a grandeza do nome de Abraão: entrou para fazer parte do cartão de visita de Deus. E aqui está, sobretudo, a grandeza de Deus: um Deus que não se envergonha de ligar-se ao nome, ao rosto, à vida e à história de suas criaturas, um Deus que confia, que se compromete, mesmo conhecendo a fragilidade humana. O autor da Carta aos Hebreus diz bem: «Deus não se envergonha de se chamar seu Deus: preparou para eles até uma cidade» (*Hb* 11,16).

Ainda hoje Deus gosta de apresentar-se como «o Deus dos nossos pais». Na realidade ninguém de nós nasce com o claro conhecimento de Deus. O Deus que vem ao nosso encontro é sempre o Deus de alguém, o Deus a nós apresentado e apontado por outros, um Deus do qual outros fizeram experiência no passado, um Deus acreditado, amado por outros antes de nós e junto conosco. O nosso Deus quer ser Deus *herdável, transmissível, partilhável*. Israel chamava o seu Deus: o «Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó». Nós, filhos e filhas de Dom Bosco, poderíamos chamá-lo: o «Deus de Dom Bosco». Este Deus recebido com gratidão pelos nossos antepassados na fé e no carisma é, por sua vez, um Deus a ser comunicado, entregue, doado a outros, um Deus a ser gerado no coração de outras pessoas, em particular dos jovens. É assim que Deus vive na história humana, de geração em geração, é assim que o seu amor se estende por meio de uma corrente maravilhosa de testemunhos, é assim que homens e mulheres de «coração grande como a areia das praias do mar» se tornam pais e mães fecundos.

## Atração em cadeia

Dom Bosco, como jovem estudante e seminarista em Chieri, recebe uma sólida formação e, ao mesmo tempo, faz uma experiência de amizade intensa com seus companheiros. É também por meio das relações interpessoais e do acompanhamento recíproco que ele cresce e amadurece. Dedicará muitas páginas das suas *Memórias do Oratório* àqueles anos. Falará com muito entusiasmo da “sociedade da alegria”; contará sobre a amizade com o hebreu Jonas, com o qual passará momentos agradáveis, tocando instrumentos, lendo e discutindo; de Luís Comollo, dirá: « Sempre o tive como íntimo amigo, e posso dizer que foi com ele que comecei a aprender a viver como cristão. Coloquei plena confiança nele e ele em mim». <sup>17</sup> João Bosco, em Chieri, percebe que para crescer são necessários os amigos, não apenas os educadores e os especialistas. Lembrar-se-á disso por toda a sua vida de educador. Procurará sempre tornar os jovens pequenos apóstolos entre os companheiros, num ambiente onde se experimenta o amor nos simples gestos cotidianos, onde o bem se difunde com espontaneidade e a alegria se torna contagiante.

«A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração”». É uma frase lapidar do Papa Bento XVI, que o Papa Francisco retoma em sua exortação apostólica. <sup>18</sup> Este dinamismo de atração era operante em Chieri, em Valdocco, em Mornese, em Nizza, tanto entre os jovens de Dom Bosco como entre as jovens das primeiras comunidades das Filhas de Maria Auxiliadora, mas já havia sido operante na Galileia, em Jerusalém, na comunidade dos discípulos de Jesus. Vamos tentar detectá-lo folheando o Evangelho.

### 1. Acompanhados por Jesus, os discípulos aprendem a acompanhar outros

A comunidade dos discípulos, querida e constituída por Jesus, tem nele seu centro de gravitação. Esta relação com Jesus constitui,

<sup>17</sup> MO 112.

<sup>18</sup> Cf. EG 14.

por sua vez, o centro das relações interpessoais entre os Doze. Na medida em que as relações com o Mestre se intensificam, as relações entre os Apóstolos também se reforçam. Em momentos e circunstâncias diferentes, todos receberam o chamado de Jesus. Foi uma *convocação* à sua vocação. Agora o discipulado os fraterniza num mesmo caminho. Juntos eles se deixam acompanhar pelo Mestre e juntos descobrem o seu mistério. A comunhão de vida com o Mestre torna-se comunhão de vida entre eles. O acompanhamento recebido do Mestre torna-os capazes de acompanhamento recíproco. Jesus faz de modo que eles, seguindo-o, se tornem companheiros uns dos outros. Propõe-lhes um novo relacionamento, marcado pela fraternidade. Com o relato do envio dos Doze em missão dois a dois (cf. *Mc* 6,7), os evangelistas aludem à ajuda que devem prestar-se reciprocamente na missão. Os Apóstolos são convidados por Jesus a descansar juntos, ao retornar da atividade missionária. Pequenos detalhes como o de Pedro, que faz um sinal a João para informar-se quem vai trair Jesus (cf. *Jo* 13,24); o de João, que corre mais rápido rumo ao sepulcro, mas cede o passo a Pedro para que entre primeiro (*Jo* 20, 4-6), ou a cena no lago em que Pedro diz: «Eu vou pescar», e os outros se solidarizam com ele, dizendo: «Nós vamos com você» (*Jo* 21,3) revelam um clima de simplicidade familiar e uma relação de fraternidade entre os discípulos.

A comunhão em que vive a comunidade primitiva, porém, não é estática, pacífica, invulnerável, não é um lugar onde tensões, conflitos, discórdias, choques, desencontros etc. não encontrem espaço. Estes elementos discordantes, porém, fazem parte da vida cotidiana deles e os evangelistas não os escondem. Há concorrência no grupo. Discutem sobre quem é o maior (cf. *Mc* 9,34). Todos ambicionam o primeiro lugar sem, todavia, ter a coragem de admiti-lo. Aliás, quando Tiago e João dirigem a Jesus o pedido audaz de sentar-se ao seu lado no seu reino, todos se escandalizam e ficam indignados com eles (cf. *Mc* 10,41). Pequenos litígios e desencontros pouco edificantes não devem ser raros num grupo de homens tão diferentes. A pergunta de Pedro a Jesus: « Quantas vezes devo perdoar o irmão que peca contra mim? Até sete vezes?» (*Mt* 18,21) – talvez não fosse uma simples pergunta teórica. Pedro provavelmente tinha motivos con-

cretos para fazê-la. Aflorava também a intolerância para com os que não pertenciam ao grupo (cf. *Mt 19,21*).

Jesus acompanha com paciência os discípulos no processo de “formar comunidade”, repreende-os severamente pelos comportamentos de inveja e de ciúmes surgidos entre eles e os educa ao que é indispensável para viverem a fraternidade e a comunhão. Aos discípulos que, pelo caminho, haviam discutido sobre quem seria o maior, Jesus ensina que na sua comunidade «se alguém quer ser o maior, seja o último de todos e o servo de todos» (*Mc 9,35*). À pergunta de Tiago e João de sentar-se um à sua direita e outro à sua esquerda no reino futuro, e à reação de indignação por parte dos outros dez, Jesus contrapõe um modo de agir em claro contraste com o dos poderosos e grandes no mundo: « Entre vocês não seja assim; quem quiser ser grande, seja seu servo » (*Mc 10,43*). Mateus nos transmite todo um discurso de Jesus sobre a vida fraterna em comunidade, no qual sublinha a importância de acolher os pequenos, da fraternidade e do perdão mútuo nas desavenças (cf. *Mt 18*).

Um elemento importante para viver o acompanhamento recíproco em comunidade é rezar juntos dirigindo-se ao mesmo Pai. Ao longo do caminho do discipulado, Jesus introduz os Doze na sua relação de amor e de intimidade com o Pai, ao qual podem falar com confiança (cf. *Lc 11,1-4*). A oração do *Pai nosso* tornar-se-á para os discípulos de Jesus fonte de energias espirituais e força de união. Bento XVI, referindo-se a *Lc 6,12s*, ressalta que « a vocação dos discípulos é um evento de oração; eles são, por assim dizer, gerados na oração e na familiaridade com o Pai. Assim, o chamado dos doze vai muito além dos aspectos apenas funcionais, assume um sentido profundamente teológico: o seu chamado nasce do diálogo do Filho com o Pai e n’Ele está ancorado».<sup>19</sup> Gerados na oração, os discípulos não podem viver a própria identidade e missão, a não ser alimentados pela oração. O ensinamento do Mestre sobre o amor recíproco culmina no evento pascal. A última ceia é o momento em que, mediante a instituição da Eucaristia, com o sinal do lava-pés e com as suas palavras, ele antecipa este grande mistério que dará o fundamento último à comunhão dos discípulos com ele, e entre si.

<sup>19</sup> BENTO XVI, *Gesù di Nazaret*, vol. I, Milão, Rizzoli 2007, 204.

## 2. «*Encontramos o Messias!*»

Focalizemos a atenção num episódio – o chamado dos primeiros discípulos segundo João (Jo 1, 35-51) – que parece paradigmático no contexto da reflexão sobre o acompanhamento recíproco na primeira comunidade dos discípulos.

*No dia seguinte, João ainda estava lá com dois dos seus discípulos e, fixando o olhar em Jesus que passava, disse: «Eis o cordeiro de Deus!». E os seus dois discípulos, ouvindo-o falar assim, seguiram Jesus.*

*Jesus, então, voltou-se e, observando que eles o seguiam, disse-lhes: «O que procurais?». Responderam-lhe: «Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?». Disse-lhes: «Vinde e vereis». Então foram e viram onde ele morava e ficaram com ele naquele dia; eram quase quatro horas da tarde. Um dos dois que haviam ouvido as palavras de João e O haviam seguido, era André, irmão de Simão Pedro. Ele encontrou por primeiro seu irmão Simão e lhe disse: «Encontramos o Messias» – que quer dizer Cristo – e o conduziu a Jesus. [...] No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia; encontrou Filipe e lhe disse: «Segue-me!». Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael e lhe disse: «Encontramos aquele do qual escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, o filho de José, de Nazaré». Natanael lhe disse: «De Nazaré pode vir algo de bom?». Filipe respondeu-lhe: «Vem e vê».*

O relato da vocação dos primeiros discípulos, narrado por João é muito diferente, pela modalidade, estrutura e ambientação, daquele transmitido pelos sinóticos que, normalmente, lembra com mais clareza o episódio do mar da Galileia, de Jesus que passa e para, que chama os irmãos Pedro e André, Tiago e João, dizendo-lhes: «Siguem-me! Farei de vocês pescadores de homens» (Mc 1,17; cf. Mt 4,16-22; Lc 5, 1-11). Em João encontramos uma cena diferente: não é no lago da Galileia, mas num lugar não preciso, como se quisesse dizer: “Todo lugar pode ser o ponto de encontro com Jesus”. Os discípulos não são chamados juntos, mas em momentos distintos, com um efeito em cadeia devido ao seu testemunho.

Na cena inicial está João Batista, que proclama: «Eis o cordeiro de Deus!» (v. 36) e testemunha diante dos próprios discípulos, a quem se deve realmente seguir. Com humildade e discrição, ele serve como um dedo indicador, como uma ponte para favorecer outros a chegarem até Jesus. Dois dos seus discípulos, «ouvindo-o falar assim» (v. 37), seguem Jesus. João é um modelo de acompanhante. Nas representações artísticas, o Batista muitas vezes aparece com o dedo em riste. Pensemos, por exemplo, na famosa pintura de Leonardo da Vinci exposta no Museu do Louvre. Aquele dedo consegue sintetizar e simbolizar o traço mais original da personalidade de João: Ele é aquele que prepara o caminho, é a voz que transmite a palavra, é a lâmpada que arde na noite à espera da luz do dia, é o amigo que se alegra com a chegada do esposo, é aquele que diz: «Ei-lo!», é um dedo para indicar um outro Alguém e depois desaparecer.

As duas cenas seguintes são pintadas pelo evangelista em dois painéis simétricos. Depois do encontro pessoal com Jesus, André, um dos dois discípulos, busca o irmão Simão Pedro e o conduz a Jesus. O mesmo faz Filipe com Natanael. O comum, na dinâmica das duas cenas, é a mediação humana no discipulado de Cristo. A pessoa chamada torna-se acompanhante de outros, a Jesus. A partir do testemunho de André, começa o caminho de discipulado de Simão; e do testemunho de Filipe, o discipulado de Natanael.

Na descrição de João, André e Filipe revelam um caráter comunicativo. São homens de grande coração, generosos, zelosos e desejosos de levar outros a Jesus. Quando descobrem algo de bom e de belo apressam-se em compartilhar logo com os demais. Na cena da multiplicação dos pães é André que descobre o menino com cinco pães e dois peixes, e o leva a Jesus, contribuindo assim para o milagre. (cf. *Jo* 6, 8-9). Quando um grupo de gregos quer ver Jesus, é André, juntamente com Filipe, que facilita o encontro (cf. *Jo* 12, 20-22). O primeiro encontro deles com Jesus encheu-os de alegria: não podiam guardar um dom tão grande para si. André o anuncia ao irmão Simão fazendo uma profissão de fé: «Encontramos o Messias». De modo semelhante Filipe comunica a Natanael: «Encontramos aquele sobre o qual escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas, Jesus, filho de José de Nazaré». Seu anúncio é a participação de uma certeza, um testemunho de fé, uma partilha alegre da bonita descoberta,

um relato de experiência pessoal, uma comunicação apaixonada e envolvente.

O testemunho, porém, não encontra automaticamente pronta acolhida, pelo menos no caso de Natanael. Ao anúncio alegre de Filipe, ele reage com frieza, ceticismo e suspeita. Fechado no seu preconceito não consegue entender como de Nazaré, uma cidade insignificante, possa vir algo bom, portanto este Jesus não lhe interessa. Estamos diante de um escândalo incomum. Muitos, sobretudo aqueles que se consideram seguros de si e das próprias ideias, impactados com o anúncio de Jesus, sentem-se bloqueados diante de um Deus que se faz pequeno, um Deus humilde e escondido. É o mistério escondido aos eruditos e aos sábios. Filipe não tenta clarificar ou resolver a dúvida de Natanael, mas sim convidá-lo a uma experiência pessoal com Jesus, a mesma vivida por ele antes, e que mudara a sua vida. Ele faz ao amigo um convite cordial: «Vem e vê» (Jo 1,46). Aprendera com Jesus, porque foram precisamente estas as palavras com as quais Jesus se dirigira aos primeiros dois discípulos, atraídos por ele (cf. Jo 1,39). Realmente, são duas as coordenadas do discipulado: a comunhão com Jesus para estar com Ele: – «vem e vê» – e uma corrida rumo aos irmãos com uma nova visão da vida, a do Senhor Jesus, proclamando n’Ele a fé.

Os cristãos têm o dever de anunciar o Evangelho «não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem compartilha uma alegria, aponta para um horizonte grandioso, oferece um banquete desejável», diz o Papa Bento.<sup>20</sup> Faz-lhe eco o Papa Francisco: « Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não dizemos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas que somos “discípulos-missionários”, sempre. Se não estivermos convencidos, olhemos para os primeiros discípulos que, imediatamente depois de terem encontrado o olhar de Jesus, saíram para proclamá-lo, cheios de alegria: “Encontramos o Messias” (Jo 1,41)».<sup>21</sup>

Deus gosta de se servir da mediação humana para comunicar sua presença, sua palavra e seus dons. A sua mensagem corre de boca em boca, de vida em vida, de coração a coração, criando uma

<sup>20</sup> Citado pelo Papa Francisco em EG 14.

<sup>21</sup> *Ibid.* 120.

comunidade de crentes. Não somente as pessoas individualmente, mas toda a comunidade testemunha, relata, atrai outros a Jesus. A fé convicta torna-se um bem que se comunica. Assim escreverá João: «Aquilo que vimos e ouvimos, anunciamos a vocês para que também vocês estejam em comunhão conosco» (1Jo 1,3). Depois da morte de Jesus, o testemunho e a pregação que provém da fé e da experiência cristã serão a “metodologia” normal para levar as pessoas a Jesus. E Deus quer este contágio alegre, este acompanhamento, mesmo sendo pobre e limitado. Quem é fascinado por Jesus, leva outros ao fascínio por Ele; é nisto que ainda hoje consiste a evangelização. Ainda hoje o seguimento de Cristo alimenta-se como um fogo que acende o outro para incendiar-se e arder juntos.

Concluimos com estas palavras sugestivas do Papa Francisco: «A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, a experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo sempre mais. Porém, que amor é este que não sente a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de fazê-la conhecida? Se não experimentamos o intenso desejo de comunicá-lo, precisamos rezar para pedir a Ele que torne a nos fascinar. Precisamos implorar diariamente, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida morna e superficial. Postos diante d’Ele com o coração aberto, deixando que Ele nos contemple, reconhecamos este olhar de amor que descobriu Natanael no dia em que Jesus se fez presente e lhe disse: “Eu te vi quando estavas debaixo da figueira” (Jo 1,48). Quão doce é estar diante de um crucifixo, ou de joelhos diante do Santíssimo, ou simplesmente estar diante dos seus olhos! Quanto bem nos faz deixar que Ele volte a tocar a nossa existência e nos lance para comunicar a sua vida nova! Então, o que sucede é que, em definitivo, “aquilo que vimos e ouvimos, nós o anunciamos” (1 Jo 1,3)».<sup>22</sup>

<sup>22</sup> *Ibid.* 264.

## Um coração configurado ao Coração de Cristo bom pastor

Enquanto percorremos o caminho do jovem sacerdote João Bosco nos seus anos vividos no Colégio Eclesiástico de Turim sob a sábia guia do diretor espiritual Dom José Cafasso, abrimos com docilidade o Evangelho para descobrir e aprofundar o estilo com que Jesus acompanha seus discípulos. Mesmo reconhecendo que a obra educativa de Jesus não é redutível a um ato isolado, a uma única experiência oportuna, nós nos detemos apenas num episódio. Queremos contemplar, por meio de um pequeno fragmento, a arte de Jesus no ato de dilatar o coração dos discípulos, tornando-o semelhante ao seu.

O texto é extraído do Evangelho de Marcos, no qual fazemos dois destaques: Todo o Evangelho de Marcos pode ser lido como um itinerário e um modelo de formação e de acompanhamento desenvolvido por Jesus em relação aos seus discípulos. O trecho que vamos focalizar *Mc 6,30-44* faz parte da primeira etapa (cap. 1-8). É precedido pelo relato do chamado dos primeiros discípulos (1,16-20), pela eleição do grupo dos doze (3,13-19) e pelo seu envio em missão (6,6b-13). Em toda esta primeira parte do caminho percebe-se uma grande confiança de Jesus em seus discípulos. O trecho por nós escolhido ilustra como Jesus acompanha estes homens, por ele escolhidos e chamados, à descoberta dos próprios recursos, acreditando neles mais do que eles mesmos estão cientes .

Juntamente com o clima de confiança, Marcos faz emergir a tensão entre o ensino de Jesus e a incompreensão daqueles que o escutam: da multidão (1, 22.27; 5,20;6,2;7,37) e também dos discípulos (4,41; 6,51;8,16-21;8,27), porque também estes têm dificuldade para entender e seguir o Mestre. Este trecho traz-nos o exemplo de como Jesus, com sábia pedagogia, transforma a mentalidade e o coração dos discípulos atraindo-os para mais perto de si.

### 1. O texto *Mc 6,30-44* e a cena

*Os apóstolos reuniram-se em torno de Jesus e contaram a ele tudo o que haviam feito e ensinado. E ele lhes disse: «Vinde vós, sozinhos*

*a um lugar deserto e descansai um pouco». Realmente, ali havia muita gente chegando e saindo, e eles não tinham tempo nem mesmo para comer. Foram, então, de barco a um lugar deserto, afastado. Muitos, porém, os viram partir e, sabendo disso, de todas as cidades acorreram para lá a pé, e os precederam. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e sentiu compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor, e se pôs a ensinar-lhes muitas coisas. Já estava ficando tarde quando os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe disseram: «Este lugar é deserto e já é tarde. Despeça-os para que indo pelos campos e povoados vizinhos possam comprar para si o que comer». Mas ele lhes respondeu: «Dai-lhes vós mesmos de comer». Os discípulos replicaram: «Devemos comprar duzentos denários de pão e dar-lhes de comer?». Respondeu-lhes: «Quantos pães tendes? Ide ver». Informaram-se e disseram: «Cinco, e dois peixes». Ordenou que fizessem o povo sentar-se em grupos sobre a grama verde. Todos se acomodaram em grupos de cem e de cinquenta. Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, recitou a bênção, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem; e repartiu os dois peixes entre todos. Todos comeram e saciaram-se. E ainda recolheram doze cestos cheios das sobras dos pães e dos peixes. E os que haviam comido os pães eram cinco mil homens.*

Devia ser um dia tranquilo e repousante, em intimidade com o Mestre. Os discípulos voltavam da missão com tantas aventuras para contar, tantas experiências para compartilhar e tantas emoções para digerir. Jesus escuta-os com atenção, reconhece o cansaço e o esforço sustentado por estes missionários principiantes, sabe bem que precisam de uma pausa, convida-os a ficar com ele num lugar solitário para descansar um pouco. Mas eis que o imprevisto vem arruinar os belos planos: o povo os descobriu na barca, rumo ao local do seu retiro e logo criou um grande movimento para alcançá-los. Marcos deixa-nos imaginar a disputa da corrida entre a barca no lago e o povo, a pé, na margem. No final vence o povo, de modo que, à chegada de Jesus o lugar que devia ser solitário, agora estava lotado por uma grande multidão.

## 2. A reação de Jesus e dos discípulos diante da mesma cena

Como Jesus reage? A descrição de Marcos é concisa e repleta de significado: ele «viu» e «teve compaixão». Jesus abraça com o olhar toda aquela multidão agitada, desejosa de encontrá-lo. O espetáculo comove o seu coração de bom pastor. Ele vê rostos sinceros e bons, rostos duvidosos e perdidos, rostos ansiosos e inquietos, rostos que destilam sonhos e desejos, rostos que interrogam, rostos marcados pelo sofrimento e pelo peso do cotidiano, rostos em busca, à espera de iluminação, de orientação e de conforto. Parece-lhe encontrar-se diante de um rebanho sem pastor e experimenta um sentimento de profunda compaixão por eles (a respeito do verbo *esplanchnísthê* usado por Marcos, podemos dizer: as suas entranhas se contraíram). Jesus vê, comove-se e começa «a ensinar-lhes muitas coisas»: um movimento espontâneo do olhar ao coração e do coração à ação.

E os discípulos? Enquanto Jesus olha para a multidão com compaixão, eles olham com preocupação para o sol que está se escondendo; enquanto Jesus se deixa alcançar por aquela gente, investindo tempo e energia, seus discípulos pensam no modo de mandá-la embora. Eles tomam a iniciativa e fazem uma proposta ao Mestre, totalmente imerso no ensino da multidão: «O lugar é deserto e já é tarde; despeça-os para que indo pelos campos e povoados vizinhos, possam comprar para si o que comer». Eles sabem avaliar bem a situação (o tempo: é tarde; o lugar: é deserto; aquela gente: é numerosa), tirar uma conclusão e apresentar uma proposta. O processo é perfeito, mas a concretização final, pobre. É uma hipótese de bom senso, realista, oportuna, conveniente, facilmente realizável, preveniente, até mesmo sábia, mas não condiz com a lógica e os sentimentos de Jesus. Os discípulos não têm nenhuma intenção de cuidar daquelas pessoas: que cada um cuide de si, que cada um se arranje! Pedem a Jesus para “fechar a escola” e despedir a multidão.

Jesus não comenta a sugestão dos apóstolos, convida-os a pensar numa outra direção: em vez de distanciar-se das necessidades daquela gente, por que não tentar perguntar-se: «O que podemos fazer para ajudá-los?». Com uma ordem de comando, «Dai-lhes vós mesmos de comer», Jesus impele os seus discípulos a saírem da sua

“zona de conforto”, a passarem da atitude passiva ao envolvimento ativo, da inércia abdicatória à busca industriosa, da tentação de delegar a outrem ao empenho criativo, de um frio distanciamento dos problemas do mundo a uma mais profunda imersão na história. O Papa Francisco tem palavras muito incisivas a este respeito. Ele exorta a ser «uma Igreja em saída», «uma Igreja de portas abertas».<sup>23</sup> A Igreja «não é uma alfândega» na qual os pastores «se comportam como controladores da graça e não como facilitadores».<sup>24</sup> Ele adverte contra o risco da «introversão eclesial» e da preocupação de «autopreservação».<sup>25</sup> «Mais do que o medo de errar, espero que nos mova o medo de fechar-nos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos com os quais nos sentimos tranquilos, enquanto fora há uma multidão de famintos, e Jesus nos repete sem parar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37)».<sup>26</sup>

Aqui, diante da multidão faminta, Jesus estimula os discípulos a usarem a inteligência, mas, sobretudo, o coração. Ele quer que todos os que o seguem compartilhem a sua «compaixão» pelo povo, que tenham o coração terno e grande, movido por um amor forte e zeloso, como o seu. Paulo dirá: «O amor de Cristo nos impele» (2Cor 5,14). Ele mesmo experimentará como o amor é um motor poderoso que coloca em movimento todos os recursos humanos. Trata-se da «fantasia do amor»,<sup>27</sup> do dinamismo de *saída* que Deus quer provocar nos crentes»,<sup>28</sup> da paixão apostólica do *Da mihi animas* de Dom Bosco e do *A ti as confio*, dirigido a Maria Mazzarello.

Vendo a insistência do Mestre, os discípulos apresentam uma segunda proposta: «Devemos sair para comprar duzentos denários de pão e dar-lhes de comer?». A formulação é a de uma pergunta hipotética, porque estão cientes de que se trata de uma solução não realista, aliás, impossível. Calculam os custos, são preventivos, e veem logo que é uma soma difícil de alcançar, mas também, se estives-

<sup>23</sup> EG 46.

<sup>24</sup> *Ibid.* 47.

<sup>25</sup> *Ibid.* 27.

<sup>26</sup> *Ibid.* 49.

<sup>27</sup> NMI 31, 50.

<sup>28</sup> EG 20.

sem dispostos a pagá-la, onde iriam comprar tantos pães num lugar afastado, quase ao anoitecer? Estimulados por Jesus abandonaram a ideia inicial de despedir a multidão e começaram a pensar de modo mais construtivo. Têm boa vontade de ajudar, mas permanecem no horizonte do bom senso humano.

Jesus, provocado pelas duas propostas, sugere uma nova, com perspectiva diferente: «Quantos pães vós tendes? Ide verificar». Convida-os a vasculhar as próprias sacolas, e verificar o pouco que têm consigo. Nenhuma fuga do problema, nenhuma delegação, nenhuma aquisição com dinheiro: é preciso examinar melhor os próprios recursos, descobrir e recolher tudo o que já se possui e depois partilhá-lo. Jesus não pergunta: «Vós tendes pão?», mas «Quantos pães vós tendes?», seguro de que eles têm alguma coisa, ainda que sejam muito pobres. «Ninguém é tão pobre que nada possa dar», diz um provérbio. «Ide verificar»: é preciso agir, é preciso colocar-se em busca. Quem busca seriamente, quem escava em profundidade, encontra alguma coisa para oferecer: às vezes, trata-se de alguma coisa que nem sabemos de ter, de alguma coisa que, apenas no momento em que se decide partilhar com outros é que se percebe possuir.

### **3. A multiplicação dos pães e a transformação dos discípulos**

Os cinco pães e os dois peixes são bem pouca coisa, um número desproporcional à grande multidão, mas a pobreza pode se tornar matéria para o milagre: a partilha faz a multiplicação, passando pelas mãos do Senhor.

Acolhida a sua humilde contribuição, Jesus pede aos discípulos que os façam sentar-se em grupos sobre a grama verde; assim as pessoas, que no início pareciam ovelhas sem pastor, agora se encontram dispostas como para um banquete. São hóspedes de Jesus e dos seus. O relato passa, em seguida, da comunicação verbal à gestual e simbólica. Jesus faz uma série de gestos repleta de significado: «Tomou os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu, benzeu-os, partiu os pães, deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem». Nas mãos de Jesus, aqueles pães doados pelos discípulos tornam-se o lugar sagrado em que a pobreza do homem se encon-

tra com os espaços infinitos de Deus. O fruto da terra e do trabalho humano, agraciado pelo desaparego e pela oferta generosa, agora com Jesus pode subir ao céu, ao trono de Deus. E Deus o aceita e abençoa.

No final, Jesus restitui os pães e os peixes aos discípulos. Eles, que antes haviam depositado nas mãos do Mestre o seu humilde dom, agora o retomam abençoado e partido para ser partilhado com o povo. Os pães e os peixes foram multiplicados para saciar cinco mil pessoas, mas também os discípulos se transformaram: de espectadores pouco participativos, que se contentam com soluções precipitadas e pouco empenhativas, tornaram-se pessoas totalmente envolvidas na compaixão de Jesus pelo povo, seus industriosos colaboradores na realização do milagre.

## Maria, Mestra de acompanhamento

Hoje temos a graça de ficar bastante tempo na basílica de Maria Auxiliadora, um lugar santo que testemunha o amor intenso de Dom Bosco por Maria. É um lugar querido por todas as FMA, não só porque aqui experimentamos de modo particular a presença viva de Maria, mas também porque este monumento de pedra tem uma mensagem eloquente e vital para nós que somos o «monumento vivo de agradecimento a Maria». Tanto do monumento-templo como do monumento-Instituto das FMA, Dom Bosco pode dizer: «*Aedificavit sibi domum Maria*».<sup>29</sup> Foi Maria quem construiu a sua casa. Foi Maria quem tudo fez.

A dimensão mariana é constitutiva da nossa identidade. Declaramos explicitamente que o Instituto surgiu «por uma intervenção direta de Maria» (*Const.* art 1), o nome, escolhido por Dom Bosco, para nós, expressa claramente esta marca com que nos caracterizamos na Igreja. Cada FMA, enquanto chamada, consagrada e enviada, tem uma particular relação com Maria, a Mãe e a Mestra. Nas Constituições, mesmo se o termo “acompanhamento” não é utilizado, existe a firme convicção de que Maria está sempre «ativamente presente em nossa vida e na história do Instituto» (*Const.* art 44). Em particular, no que diz respeito à formação, afirma-se que Maria é «modelo e guia», «Mãe e Educadora de cada vocação salesiana. Nela encontramos uma presença viva e o auxílio para orientar decididamente a nossa vida a Cristo e tornar sempre mais autêntico o nosso relacionamento pessoal com Ele» (*Const.* art 79).

Não apenas no nosso Instituto, mas em toda a Igreja, em toda a história da humanidade o acompanhamento de Maria é vivo, eficaz e incessante. João Paulo II diz com razão: é Maria que, «desde os primeiros capítulos do *Gênesis* até o *Apocalipse*, acompanha a revelação do designio salvífico de Deus em relação à humanidade».<sup>30</sup> Nesta prospectiva, procuramos contemplar alguns ícones marianos apresentados pelo Novo Testamento.

<sup>29</sup> MB IX 247.

<sup>30</sup> RM 47.

## 1. «Alegra-te, cheia de graça: o Senhor está contigo» (Lc 1,28).

### Maria é acompanhada por Deus

Estamos diante da tradicionalmente chamada cena da “anunciação”. O relato de Lucas lembra alguns modelos do Antigo Testamento: o modelo da vocação-missão, do anúncio de um nascimento e, em particular, o modelo da Aliança no Sinai. Este fincar as raízes no Antigo Testamento dá ao relato da Anunciação uma tonalidade particular: o que está acontecendo agora está em continuidade com os eventos do passado, índice do amor de um Deus fidelidade, fidelidade esta ao mesmo tempo transcendida pela novidade impetuosa.

Na dinâmica do diálogo, o anjo fala três vezes referindo-se diretamente a Maria:

- «Alegra-te, cheia de graça: o Senhor está contigo» (v. 28);
- «Não temas, Maria, porque achaste graça junto de Deus» (v. 30);
- «O Espírito Santo descera sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra» (v. 35).

A nenhuma outra personagem bíblica foram assegurados, assim de modo tão explícito e insistente, a presença e o acompanhamento de Deus. A saudação *chaire*: – alegra-te, exulta, rejubila, – é usada, no Antigo Testamento, sempre no contexto de uma profecia messiânica (cf. *Sf* 3,14-15; *Gl* 2,21.23; *Zc* 9,9). A «Filha de Sião», Jerusalém, era convidada a exultar pela vinda e presença de seu Deus, em seu meio. Agora Maria é chamada a alegrar-se pela mesma razão: o Senhor vem a ela, faz nela a sua morada para, assim, cumprir a promessa messiânica. Na saudação, em lugar do nome próprio, encontramos o original apelativo *kecharit mén*, que se apresenta como um nome particular dado a Maria pelo próprio Deus. É formado pela raiz *chá-ris* (graça, amor, favor, dom) e pode ser traduzido assim: «Tu que foste e permaneces cheia da graça divina», ou «tu que és sempre amada por Deus». Toda a existência de Maria está sob o olhar benevolente de Deus. A complacência divina acompanha-a sempre. Esta realidade é reafirmada, reforçada e explicitada na segunda palavra do anjo: «encontreste graça junto de Deus». Maria encontra-se imersa numa

forte corrente de amor, sua vida é conduzida por um fluxo de gratuidade que vem de Deus.

No Antigo Testamento, a fórmula «eu estou/estarei contigo», ou «o Senhor está contigo» é garantia da assistência e do acompanhamento de Deus. É muitas vezes dirigida aos eleitos de Deus em vista da missão à qual são chamados: Deus assegura a Isaac a sua presença durante o tempo difícil da carestia (*Gn* 26,3); na visão de Betel, Jacó recebe a garantia da ajuda divina para tomar posse daquela terra (*Gn* 28,15); Moisés será assistido por Deus para fazer o povo de Israel sair do Egito (*Ex* 3,11-12; 4,12); igualmente Josué para a passagem do Jordão (*Js* 1,5). A afirmação volta em seguida no relato da vocação de Gedeão (*Jz* 6,12) e de alguns profetas (como *Jr* 1,8). A expressão «não temer...» é também recorrente nas teofanias (*Gn* 15,1; 21,7; *Dn* 10,12,19 etc.). Agora estas palavras tranquilizadoras são dirigidas a Maria em sentido mais real e mais profundo.

Diante da surpresa e da perplexidade de Maria, à sua pergunta: «Como se fará isto, se não conheço homem?», o anjo responde: «O Espírito Santo descerá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra». O Espírito que «descerá sobre» (cf. *1 Sm* 16,13; *Is* 32,15; *At* 1,8) e o Espírito que «cobrirá com a sua sombra» são imagens extremamente sugestivas. Evocam várias imagens do Antigo Testamento, igualmente sugestivas: a do Espírito criador comparado a um pássaro que incuba a matéria informe para dela fazer nascer a vida (*Gn* 1,2); a de Deus que protege com solicitude suas criaturas sob suas asas (*Sl* 9,4; 140,8); a dos querubins que cobrem com suas asas a arca da aliança (*Ex* 25,20; *1Cr* 28,18); a da nuvem que cobre a tenda da reunião (*Ex* 40,34-35) e o templo de Jerusalém (*1Rs* 8,10-12). Agora, o Espírito Santo, Potência do Altíssimo, cobrindo Maria com sua sombra, torna-a fecunda de uma vida nova e a faz tornar-se mãe do Novo Adão, do Filho de Deus encarnado. O Espírito “cria” em Maria a humanidade de Cristo, que inaugura os tempos novos da salvação. A mística nuvem do Espírito faz de Maria a nova arca da aliança, o novo templo dentro do qual mora Deus. O Espírito acompanhará Maria ao longo de toda a sua vida; Ele a disporá a pronunciar o *fiat*, a ajudará a descobrir e a exultar pelas «grandes coisas feitas pelo Senhor» (*Lc* 1,49), lhe dará sabedoria para «guardar todas as coisas meditando-as no coração» (*Lc* 2,19.51), a tornará testemu-

nha profética, penetrando no mistério de Cristo, lhe dará força para ficar aos pés da cruz, participando da dor do Filho, a tornará mãe e mestra que acompanha a Igreja ao longo de todo o seu percurso no mundo e na história.

## **2. «Jesus crescia em sabedoria, idade e graça...» (Lc 2,52). Maria acompanha Jesus**

No relato do nascimento de Jesus, Lucas alude ao gesto delicado de Maria: «Deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e o colocou em uma manjedoura» (Lc 2,7). É um gesto simples que exprime toda a ternura materna, afetuosa e respeitosa de Maria por este menino que é filho de Deus e seu filho. Quando o anjo anunciar a boa notícia do nascimento do menino aos pastores, lhes dará como sinal: «encontrarão um menino envolvido em faixas, deitado numa manjedoura» (Lc 2,13). Maria e José são os pais (cf. Lc 2, 27.43) deste filho singular que constitui o centro dos seus cuidados e o sentido de suas vidas. Eles se encontram envolvidos neste mistério escondido há séculos na mente de Deus e que se tornou realidade diante de seus olhos: «O Verbo se fez carne e veio habitar entre nós» (Jo 1,14). São as primeiras testemunhas deste nascimento ocorrido em condições humildes e pobres, primeiro passo daquele «aniquilamento» (cf. Fl 2,5-8), que o Filho de Deus livremente escolhe para a salvação de toda a humanidade. E esta criança é confiada aos seus cuidados.

O amor terno da mãe, expresso no momento do nascimento, acompanhará o filho em cada fase da vida. Maria de fato está unida a Jesus por um vínculo íntimo e indissolúvel. Nela e por ela Jesus, ainda escondido no seu seio, é conduzido a João e Isabel; como criança, é mostrado por ela aos pastores, aos magos do Oriente, aos anciãos Simeão e Ana; pelas suas mãos é oferecido ao Pai no templo; já adulto, é por ela indicado como a Palavra à qual obedecer. No momento culminante da vida de Jesus, no momento supremo da oferta de si, Maria participa, aos pés da cruz, do doloroso mistério do aniquilamento e da morte «sofrendo profundamente com o seu Unigênito,

associando-se com ânimo materno ao seu sacrifício e consentindo amorosamente na imolação da vítima por ela gerada».<sup>31</sup>

O acompanhamento de Maria não se limita aos momentos importantes da vida de Jesus, mas se realiza também e, sobretudo, no cotidiano. Dos longos anos de Jesus em Nazaré, o relato dos evangelistas é muito pobre. Temos apenas algumas pinceladas e muito espaço vazio, tanto assim que se estabeleceu o uso de chamar este período «os anos obscuros de Jesus». Mas aquele pouco que Lucas diz é extraordinariamente denso: «O menino crescia e se fortificava, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele» (*Lc 2,40*); «Desceu então com eles para Nazaré e lhes era submisso. [...] E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens» (*Lc 2, 51-52*). Juntamente com José, Maria o educa, iniciando-o na compreensão de si mesmo e no discernimento da vontade de Deus sobre ele, o introduz no conhecimento do mundo, da sociedade, das tradições, da Lei e de todas aquelas pequenas coisas que são frutos da sabedoria e da experiência, e que podem ser transmitidas somente pela mãe. É interessante notar que, com a descrição do crescimento de Jesus, Lucas diz também algo a respeito de Maria: «Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração» (*Lc 2,51*). Trata-se de um crescer juntos, de um acompanhamento recíproco, mãe e filho, numa ajuda mútua: Maria ajuda Jesus a crescer «em sabedoria, idade e graça» e Jesus ajuda sua mãe a crescer em memória, acolhida, reflexão, grandeza de mente e de coração, na participação sempre mais consciente e profunda do mistério da salvação.

Durante o período de vida em Nazaré, somente um episódio da vida de Jesus adolescente é contado por Lucas: o da Páscoa em Jerusalém, quando Jesus tinha doze anos. A viagem de Jesus à Cidade Santa, nesta idade, assinala uma etapa do seu crescimento, é a antecipação de outra viagem a Jerusalém que culminará na sua Páscoa, assinala também uma etapa no acompanhamento recíproco entre mãe e filho.

Tendo reencontrado Jesus no templo depois da perda e três dias de busca ansiosa, Maria pergunta-lhe: «Filho, por que fizeste isso conosco? O teu pai e eu, angustiados, te procurávamos» (*Lc 2,48*). À

<sup>31</sup> RM 18.

pergunta da mãe, Jesus responde com duas outras perguntas: «Por que me procuráveis? Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?» (Lc 2,49). Ele tem um «dever» no desígnio do Pai: com o crescimento em idade e em sabedoria ele desenvolve, sobretudo, a consciência da sua missão. Também Maria cresce na acolhida da identidade de Jesus – este filho que ela envolveu em faixas no nascimento não é apenas filho seu – e nela cresce a consciência de ser, também ela, depositária do mistério de Deus; ela já o sabia, desde o momento do anúncio do anjo: agora tudo parece mais vivo e real e, ao mesmo tempo, mais duro e incompreensível. Ao lado de seu Filho também Maria tem um «dever» no plano do Pai. Este episódio mostra que nem sempre foi fácil para Maria acompanhar Jesus. Maria tem humaníssimos «por quês» (Lc 2,49) de «não compreensão» (Lc 2,50); não compreende logo, mas se deixa compreender, abre-se ao mistério deixando-se envolver, respeitando os ritmos da revelação histórica de Deus. Neste sentido João Paulo II pôde afirmar: Maria, durante toda a sua vida, esteve «em contato com a verdade de seu Filho apenas na fé e mediante a fé» (RM 17). Em Maria, o caminho de fé conhecia «um particular esforço do coração». «Mas, na medida em que a missão do Filho se clareava aos seus olhos e no seu espírito, ela mesma como Mãe abria-se sempre mais àquela “novidade” da maternidade, que devia constituir a sua “parte” ao lado do Filho».<sup>32</sup>

A mãe é ao mesmo tempo mestra e discípula: Maria e Jesus acompanham-se, reciprocamente, crescendo juntos em conformidade com a vontade de Deus.

### **3. «Entrada na casa de Zacarias...» (Lc 1,40). Maria acompanha outras vidas**

Na Mariologia contemporânea, a dimensão relacional da pessoa de Maria emerge como uma pista importante para a reflexão teológica e para a vida da Igreja. A categoria da relação torna-se uma chave fecunda também para a interpretação bíblica. De fato, não passa despercebido à Escritura que a personalidade humana estrutura-se também na interação com o ambiente circunstante e, sobretudo, com as outras

<sup>32</sup> *Ibid.* 20.

peçoas. Nos poucos trechos evangélicos que falam dela, Maria aparece dotada de forte identidade que a torna rica de iniciativas, segura nas decisões e pronta na ação. É sujeito ativo em primeira pessoa: adianta os passos rumo à montanha de Judá, vai ao encontro das pessoas, participa das festas, toma livremente a iniciativa oferecendo a sua ajuda, acompanha a vida dos outros com amor cuidadoso.

O relato da Visitação vem logo em seguida ao da Anunciação. Desafiando a distância e os desconfortos, Maria empreende com solicitude a viagem rumo à casa de Zacarias e Isabel. O que enche o seu coração dá asas aos seus pés. Agora, o regente de sua vida, a força movente de cada uma de suas ações é a «potência do Altíssimo» (*Lc* 1,35) que a envolve. À sombra do Espírito Santo e com o Filho de Deus dentro de si, Maria é capaz de irradiar a força que experimenta profundamente; visitada por Deus, torna-se agora visita de Deus para os outros; a «serva do Senhor» (*Lc* 1,38) faz-se agora serva dos homens.

Com o seu caminhar por estradas incômodas para alcançar o outro em sua casa, Maria inaugura o estilo de Deus, o estilo do serviço, da humildade, do acompanhamento simples e familiar, da solidariedade com quem tem necessidade. Nela, o Deus Encarnado faz-se o Deus que entra na trama humana e permeia de si também a esfera do cotidiano. A salvação adquire tonalidade doméstica. «Hoje devo entrar em tua casa», «Hoje a salvação entrou na tua casa» (*Lc* 19, 5-9): aquilo que Jesus dirá mais tarde no encontro com Zaqueu é, de algum modo, realidade antecipada por meio de Maria.

A cena do encontro de Maria com Isabel é rica de beleza e de delicadeza feminina. «No episódio da visitação, parece que os homens – escribas, sacerdotes, militares, funcionários civis... – foram colocados à parte. No momento em que o tempo alcança a plenitude (cf. *Gl* 4,4; *Ef* 1,10), duas mulheres são as protagonistas: Isabel, da tribo de Aarão, mulher do sacerdote Zacarias (cf. *Lc* 1,5); Maria, de tribo desconhecida, prometida em casamento a José, da casa de Davi (cf. *Lc* 1,27; *Mt* 1,18.20). Ambas estão grávidas: Isabel por uma “intervenção da graça” do Senhor (cf. *Lc* 1,13. 24-25); Maria por obra

do Espírito Santo (cf. *Lc* 1,34-35); Isabel, estéril e idosa, traz no seio o precursor; Maria traz no seu seio virginal o Messias salvador».<sup>33</sup>

Maria e Isabel: duas mulheres inclinadas para o futuro do seu ventre, duas mulheres que guardam dentro de si um mistério inefável, um milagre estupendo. Une-as a consciência de terem se tornado objeto de particular predileção de Deus, entusiasmo-as e as faz explodir em bênçãos e em canto de louvor, a missão comum de colaborar com Deus em um projeto grandioso, torna-as solidárias a experiência da maternidade prodigiosa. O prodígio de Deus em Isabel foi para Maria um «sinal» que a ajudou a pronunciar o seu *fiat*; agora é o prodígio de Deus em Maria que se faz sinal para Isabel, um sinal que suscita nela uma confissão de fé. Assim as duas mulheres são, uma para a outra, lugar da descoberta de Deus, epifania da sua grandeza e motivo para louvá-lo e agradecer-lhe. Ao se reconhecerem reciprocamente como sinal de Deus, a sua comunicação, repleta de intuição e de compreensão profunda, permeada pelo respeito ao mistério, torna-se bênção, faz-se canto e poesia. Temos neste encontro um modelo maravilhoso de acompanhamento recíproco.

No encontro das duas mulheres, as duas crianças também se encontram no seio materno: Jesus, «Filho do Altíssimo» (*Lc* 1,32) e João, «profeta do Altíssimo», que «caminhará adiante do Senhor para preparar-lhe o caminho» (*Lc* 1,76). As duas crianças encontram-se no limiar de duas épocas, no limite entre a antiga e a nova aliança, entre a promessa e o cumprimento da promessa, entre a espera e a realização. Na presença do seu Senhor e ao ouvir a voz de sua mãe, João vibra de alegria. Tem-se aqui o sinal da alegria do «amigo do esposo» (*Jo* 3,29), o júbilo do Precursor pelo irromper do tempo messiânico.

O Deus que entra na casa dos homens por meio de Maria é o Deus da vida e da alegria. A presença de Maria emana alegria contagiante, faz exultar um menino no seio materno, torna felizes os anciãos. «Os jovens e os velhos rejubilarão. Eu mudarei o seu luto em alegria, eu os consolarei e os farei felizes» (*Jr* 31,13). As crianças que nascem e os anciãos que chegam à plenitude de suas vidas, encontram-se e se unem na exultação, louvando o mesmo Deus que é

<sup>33</sup> *Servi del Magnificat*, 210º Capítulo-Geral da Ordem dos Servos de Maria, 146-147.

«amante da vida» (Sb 11,9) e que «se alegra com as suas obras» (Sl 104,31).

Ao longo de toda a sua vida, Maria continua a multiplicar e a difundir por toda parte a pura alegria da qual está plena, aquela alegria brotada da saudação do anjo: «Alegra-te Maria» e que se torna mais íntima e profunda pela sua experiência de levar Deus em sua vida. Com o nascimento de Jesus esta alegria se estenderá aos pastores de Belém por meio do anúncio do anjo: «Eu vos anuncio uma grande alegria, que será de todo o povo» (Lc 2,10). Levando Jesus ao templo, Maria fará o velho Simeão e a profetiza Ana transbordarem de alegria. Em Caná, mais tarde, não virá a faltar a alegria ao banquete das núpcias, graças à intercessão de Maria junto ao seu Filho.

Maria, mestra na arte do acompanhamento, faz-nos entender que acompanhar a vida e o caminho dos outros significa levar Jesus às suas casas, comunicando e difundindo a alegria que provém dele. Maria viveu aquilo que Paulo dirá na sua carta aos Coríntios: «Nós não pretendemos ser os donos da vossa fé; somos, em vez disso, os colaboradores da vossa alegria» (2Cor 1,24).

#### **4. «Fazei o que ele vos disser» (Jo 2,5) Maria acompanha o homem a Jesus**

Maria tornou-se Mãe de Deus porque «acreditou no cumprimento das palavras do Senhor» (Lc 1,45): é a interpretação do *fiat* de Maria por Isabel, sob a inspiração do Espírito Santo. A ela faz eco Agostinho, quando diz: «Maria, cheia de fé, concebeu Cristo primeiro no seu coração e depois no seu seio». À plenitude de graça por parte de Deus corresponde a plenitude de fé por parte de Maria.

Abandonada completamente em Deus, empenhada em avançar constantemente na «peregrinação da fé», Maria sintonizou-se lenta e profundamente com Deus. Pela sua fé viva, ela chega a um forte entendimento com Ele, a uma adequação de todo o seu ser à esfera divina, a ter uma intuição do pensamento de Deus, a saber discernir espontaneamente a sua vontade, a sentir palpitar dentro de si o coração de Deus. Em Caná da Galileia, nós a encontramos assim: sim-

ples, discreta, confiante ao lado de seu Filho, segura de ser atendida porque intimamente sintonizada com ele.

Em Caná, Maria assume um papel profético. É «porta-voz da vontade de Deus, indicadora daquelas exigências que devem ser satisfeitas, a fim de que o poder salvífico do Messias possa manifestar-se.<sup>34</sup> As duas frases concisas, por ela pronunciadas: «Eles não têm mais vinho» (*Jo* 2,3) e «Fazei o que ele vos disser» (*Jo* 2,5) ressaltam esta dimensão. Maria lê em profundidade a história humana, percebe os problemas ainda ocultos, acolhe os lamentos ainda não verbalizados, descortina o sofrimento ainda sem nome. Ela descobre o nó essencial da miscelânea e o apresenta ao seu Filho, o único que o pode desatar. E, enquanto isso, prepara os servos para acolherem a ajuda divina, com uma indicação segura.

«Fazei o que ele vos disser»: entre as poucas palavras pronunciadas por Maria no Evangelho, estas são as únicas dirigidas aos homens. É por isso que, com razão, são consideradas «o mandamento da Virgem». São, também, suas últimas palavras registradas no Evangelho, quase um «testamento espiritual». Depois disso Maria não falará mais; disse o essencial, abrindo os corações a Jesus: somente ele tem «palavras de vida eterna» (*Jo* 6, 68). Nestas palavras de Maria percebem-se os ecos da fórmula da Aliança do Sinai. Na conclusão da Aliança, o povo promete: «Faremos tudo o que o Senhor disse» (*Ex* 19,8; 24, 3.7; *Dt* 5,27). Maria não apenas personifica Israel obediente à Aliança, mas é também aquela que induz à obediência, agora não mais à Aliança, mas a Jesus, a partir do qual tem início uma Nova Aliança, tem início um povo novo. Isso emerge com maior evidência quando se leem estas palavras de Maria em paralelo com as últimas palavras de Jesus Ressuscitado no Evangelho de Mateus: «Fazei discípulos todos os povos [...] ensinando-lhes a observar tudo o que lhes ordenei» (*Mt* 28,19).

Maria, então, leva ao seguimento de Jesus, acompanha os homens à obediência e à consideração de sua Palavra, como referência absoluta. Maria ajuda a formar a comunidade nova de Jesus, acompanha o processo para que seus membros se tornem discípulos e amigos de seu Filho; pode-se também dizer que Maria ajuda Jesus

<sup>34</sup> RM 20.

a fazer amigos no sentido do que Ele mesmo havia dito: «Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando» (Jo 15,14).

O convite «Fazei o que ele vos disser», pronunciado por Maria, não é um convite teórico, abstrato, mas é uma exortação amadurecida pela experiência pessoal. Maria não acompanha dando receitas, mas compartilhando sua vida, sua experiência, sua sabedoria, seu segredo de santidade. A palavra entra no coração e na vida do interlocutor apenas quando brota do coração e da vida de quem fala. Maria, experiente em ouvir e confiar na palavra de Deus, agora pode ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo. A sua fé é contagiante, o “*faça-se*” vivido por ela, em profundidade, torna-se o “*fazei*” convincente, dirigido a outros.

## **5. «Mulher, eis o teu filho» (Jo 19,26).**

### **Maria acompanha o caminho de toda a humanidade**

Maria é Mãe de Deus. Maria, a *Theotókos*, a Mãe de Deus, é a epifania de um dos maiores mistérios do cristianismo, uma das surpresas de amor de Deus mais desconcertantes feitas à humanidade. A experiência única e prodigiosa de gerar na carne o Autor da vida encheu de admiração a própria Maria. Esta admiração prolonga-se na contemplação da Igreja, no decorrer dos séculos. Porém, para Maria, o fato de ser mãe não é uma realidade estática que se conquista de uma vez por todas. Ao longo da sua «peregrinação da fé» ela fez, um caminho de crescimento e de maturação em sua maternidade, vivendo toda uma gama de sentimentos maternos. Há a espera silenciosa ao contemplar o lento esclarecimento do segredo dentro de si, a alegria íntima ao afagar nos braços o filho recém-nascido, a satisfação e o orgulho ao apresentá-lo aos pastores e aos magos. Há a dor da fuga e do exílio para proteger e salvar a vida daquele que é a Vida do mundo. Há a doçura da intimidade nos anos de Nazaré. Há, depois, a experiência difícil e desconcertante da perda de Jesus aos doze anos, no templo. No curso da vida pública de Jesus, a maternidade de Maria continua a desenvolver-se e a aprofundar-se. Com sobriedade e discrição, Maria está presente «não como uma mãe zelosamente voltada para o próprio Filho divino, mas como mulher que, com sua ação,

favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo e cuja função materna dilatou-se, assumindo sobre o Calvário dimensões universais». <sup>35</sup>

Para Maria, avançar na peregrinação da fé é, ao mesmo tempo, avançar no amadurecimento da sua maternidade. Assim como a peregrinação da fé culmina no evento pascal do Filho, assim o caminho de maternidade. No Calvário, ao lado da cruz de Jesus, estavam sua mãe, com outras três mulheres, e o discípulo amado por Jesus. Vendo a Mãe, Jesus lhe disse: «Mulher, eis teu filho». E ao discípulo: «Eis tua mãe». João Paulo II, comentando esta cena, fala de uma «nova maternidade de Maria», do «fruto do “novo amor”, que nela amadureceu definitivamente aos pés da cruz, mediante a sua participação no amor redentor do Filho». <sup>36</sup> De modo análogo, Agostinho já dizia que Maria é Mãe não apenas da Cabeça, mas também dos membros do corpo místico de Jesus gerado pela sua morte redentora. Levantado na cruz, o Filho de Maria revela-se «o primogênito dentre muitos irmãos» (*Rm* 8,29); em torno dele reúnem-se em unidade todos «os filhos de Deus dispersos» (*Jo* 11,52), e Maria se descobre mãe de uma multidão de filhos. É Jesus quem a ela os confia. Jesus Crucificado revela, ao mesmo tempo, a nova identidade do discípulo e da mãe. Com um único olhar, ele abraça “a mãe e o discípulo amado” (19,26), símbolo e figura de todos aqueles que, aceitando o amor de Jesus, se tornarão seus discípulos.

Em Nazaré, Maria começou o seu caminho de maternidade aceitando o projeto misterioso de Deus: «Eis que conceberás um Filho»; agora é este Filho que lhe propõe uma nova maternidade universal. Em Caná, Maria colocou-se como mediadora entre seu Filho e os homens; agora é seu Filho que se faz mediador entre ela e os homens, dizendo-lhe: «Mulher, eis o teu filho!». No supremo momento em que se cumpre a sua missão salvífica, antes de pronunciar: «Tudo está consumado!» (*Jo* 19,30). Jesus quis confiar toda a humanidade aos cuidados maternos de Maria, para que a guie e acompanhe com amor.

<sup>35</sup> *MC* 37.

<sup>36</sup> *RM* 23.

O relato de João termina assim: «E daquele momento em diante, o discípulo a levou para a sua casa» (*Jo* 19,27). A expressão *eistáidia* significa ao pé da letra “entre as suas coisas próprias”, em sentido espiritual pode ser entendida como “acolheu-a no seu ambiente vital”, “no seu espaço interior e espiritual”, “na sua intimidade”. Daqule momento em diante, Maria aceita acompanhar com amor materno cada pessoa, sem distinção de raça, cultura, sexo, condição social e estilo de vida. Naqule momento, enquanto a humanidade redimida acolhe a Mãe, Maria acolhe cada filho a ela confiado pessoalmente por seu Filho e o introduz no seu coração materno, para sempre.

## **6. «Eram assíduos e unidos na oração com Maria, a Mãe de Jesus» (At 1,14).**

### **Maria acompanha o nascimento e o crescimento da Igreja**

Vimos que no quarto Evangelho, Maria aparece somente duas vezes, em dois momentos cardeais da vida do Filho: em Caná e aos pés da cruz, no início da vida pública e no final da vida e da missão de Jesus. São dois episódios rigorosamente correlacionados, que se referem um ao outro por meio de grande inclusão. Nos dois episódios é comum a indicação da presença de Maria: «estava a mãe de Jesus» (*Jo* ,1), «estava a sua mãe» (*Jo* 19,25). São duas pinceladas que preenchem o branco que está no meio e lançam tudo para o infinito. João transmite claramente esta mensagem: do início ao fim, Maria acompanha Jesus e seus discípulos.

Também Lucas sublinha a presença de Maria em momentos importantes: no início do *Evangelho* e no início dos *Atos*. No plano de Lucas, entre os primeiros capítulos de suas duas obras, existe um paralelismo. *Lc* 1-2 e *At* 1-2 podem ser considerados como o evangelho respectivamente da infância de Cristo e da Igreja. A função destes «relatos da infância» em comparação com o restante do *Evangelho* e dos *Atos* é muito semelhante. *Lc* 1-2 representa uma síntese inicial, uma miniatura, em que se encontram esboçadas e de maneira velada as grandes linhas e os maiores temas do evangelho. A mesma coisa pode-se dizer de *At* 1-2, o «evangelho da infância da Igreja»:

Lucas anunciou, de forma suave e sutil, as coordenadas de sua ecle-siologia e as articulações principais da sua segunda obra. E nos dois «inícios» Maria ocupa um lugar relevante: assim como acompanhou Jesus continua a acompanhar a Igreja em seu caminho.

Eis a cena nos *Atos*: depois da ascensão de Jesus, os onze Apóstolos voltaram a Jerusalém, «eram assíduos e unidos na oração juntamente com algumas mulheres, dentre elas Maria, a mãe de Jesus e com os irmãos dele» (*At* 1,14). É significativo que somente Maria, além dos Apóstolos, é lembrada com o seu nome próprio, acompanhado pelo título máximo da sua identidade: “a mãe de Jesus”. Ela, porém, não está separada do restante da Igreja, ao contrário, encontra-se no coração do mistério da salvação e da comunidade eclesial ao lado dos Apóstolos, primeiras testemunhas de Jesus. A presença de Maria não é uma simples informação historiográfica, mas Lucas quer evidenciar a continuidade existente entre o Jesus histórico, nascido por obra do Espírito com a colaboração de Maria, e o nascimento da Igreja por obra do mesmo Espírito, com a mesma colaboração de Maria. O “acompanhamento” de Maria também faz a função de fio de união entre o Jesus histórico e a Igreja.

As pessoas que estavam juntas «assíduas e unidas em oração» (*At* 2,1) não formavam um grupo que se encontrava pela primeira vez. Pedro e João, Tiago e André etc. eram amigos há muito tempo e companheiros no seguimento de Cristo. Antes, aquele grupo era uma comunidade que se reunia de modo novo e se reencontrava depois da morte e ressurreição de Jesus: eventos que provocaram uma reviravolta em suas vidas pessoais. À luz desses eventos deviam agora reorganizar suas vidas. Unidos e recolhidos, esperavam o «poder do alto» (*Lc* 24,48) para iniciar a missão que Jesus lhes havia confiado: serem suas testemunhas até os extremos da terra (cf. *At* 1,8). O Espírito lhes dará a sabedoria para discernir e projetar, a coragem para assumir caminhos difíceis, a força para perseverar em sua vocação.

Perita em orar, Maria une a Igreja e a guia na oração. Ela, que concebeu o Filho de Deus por obra do Espírito Santo, agora “concebe” o corpo místico de seu Filho à espera do Espírito e em sua acolhida. Maria, a «mãe de Jesus», agora é também Mãe da Igreja. Logo depois da ascensão de Jesus, Ela exerce sua maternidade realizando a

vontade de seu Filho, que, na cruz, confiou aos seus cuidados toda a humanidade redimida pelo seu amor, com as palavras: «Mulher, eis o teu Filho!».

Depois desta cena, Maria não aparecerá mais nos *Atos dos Apóstolos*. Depois desta pincelada firme, haverá muito espaço em branco, muito silêncio. Isto não deve causar admiração porque para Lucas o primeiro capítulo é programático para todo o livro e para a vida da Igreja. As várias igrejas locais, que nascerão nos séculos seguintes, até hoje são a presença no tempo e no espaço daquela primeira comunidade de testemunhas de Cristo Ressuscitado, reunida pelo Espírito e acompanhada por Maria.

# *Caminhando com Dom Bosco*





## Nos Becchi de Castelnuovo: o tempo da confiança

**«Minha mãe me disse:  
“Meu filho, Deus realmente tomou posse do teu coração”»**

«Da terra trabalhada – afirma Lamartine – não nasce somente o trigo, mas toda uma cultura». Em torno desta constatação, Pedro Braidó reconstrói a biografia histórico-espiritual de João Bosco.<sup>37</sup>

Efetivamente, para abordar o itinerário de Dom Bosco, é importante utilizar um método correto, colocando-o na história do seu tempo, respeitando sua mentalidade e os quadros de referência.

A religiosidade de Dom Bosco, afirma Pedro Stella, é «o modo como ele sentiu e viveu a própria relação com Deus e como, em força disso, foi levado a agir e a inserir-se na história. [...] Religiosidade que, apesar de singular, apesar de construída sobre a própria experiência, mesmo assim aparece, com muita evidência, tributária a um tempo e a um ambiente, a um modo coletivo de sentir e de viver que ocorrerá ter presente na medida em que intervém para configurar e modificar a vida de Dom Bosco».<sup>38</sup>

Esta tarefa está longe de ser simples porque «para se descrever o nascer e o desenvolver-se do modo de sentir Deus em alguém, seria preciso estar dentro dele, identificar-se com ele: viver a sua vida, no seu tempo, estar na sua alma, ser uma só alma com ele. E com Dom Bosco isso não é fácil. Suas páginas autobiográficas, suas lembranças pessoais não são como as de Teresa D'Ávila e tampouco como as de Teresa de Lisieux. São em grande parte tardias e muito raramente – muito fugazmente – chega-se a surpreender Dom Bosco expressando os próprios sentimentos religiosos interiores, as motivações do seu agir. Ele quase sempre relata fatos: de que modo a sua vida se desenvolveu antes e depois do sacerdócio, como nasceu o Oratório, como se desenvolveram as obras “que a divina providência lhe con-

<sup>37</sup> Cf. Braidó Pedro, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, vol. I, Roma, LAS 2003, 112.

<sup>38</sup> STELLA Pedro, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica* vol. I, *Vida e obra*, Roma, LAS 1979, 17.

fiou”. Todavia, em tudo isso já se pode descobrir um modo de sentir e de apresentar a própria vida. Sendo assim, não nos cabe senão escutar, ler e penetrar pelas frestas que ele nos deixou no maciço edifício exterior da sua operosidade, esforçando-nos para ver melhor com a ajuda também de instrumentos que ele então não tinha e que nos são fornecidos hoje pelo desenvolvimento de muitas ciências.<sup>39</sup>

Antes de dar a palavra ao próprio Dom Bosco, que nos conduzirá ao seu mundo interior, é bom parar para considerar o contexto cultural no qual ele nasceu e viveu. É ainda Braidó que nos oferece algumas coordenadas importantes. A infância e a meninice vividas nos Becchi são aqueles períodos nos quais se desenvolvem em João as virtudes fundamentais que ele empresta da cultura campesina: a simplicidade e a prudência, a tenacidade e a flexibilidade, além de uma religiosidade profundamente ligada à moralidade e que, por isso, se expressa nos bons costumes, na concórdia e na paz, na vida sóbria e laboriosa. O desenvolvimento posterior de sua prática religiosa está ligado aos sacramentos da Confissão e da Comunhão.

Além da escola que, como sabemos, era incompleta, na estruturação de sua personalidade foram mais incisivas as aprendizagens proporcionadas pelas histórias, relatos, discursos do ambiente campesino. Ele havia adquirido um patrimônio de sensibilidade, emoções, imagens, ideias e hábitos típicos da cultura campesina, ligados à convivência doméstica no lar, ao trabalho agrícola e à participação em eventos relacionados com a colheita e com o tempo: fadigas, esperas, temores, severa escola de empreendedorismo e de confiança na Providência.<sup>40</sup>

## 1. Dom Bosco narra sobre si mesmo

As *Memórias do Oratório* são o escrito mais autobiográfico de Dom Bosco. Elas nos permitem afastar um pouco o véu que cobre o itinerário interior do Santo para entrar no seu *modo de sentir e de perceber Deus e a sua paternidade, de viver a fé e de se deixar acompa-*

<sup>39</sup> *Ibid.* 17.

<sup>40</sup> Cf. Braidó, *Don Bosco prete dei giovani I*, 111-121.

*nhar* pelas pessoas que o circundam em uma vida cristã sempre mais pessoal e convicta.

As *Memórias* não obedecem a uma cronologia rígida, elas não são um simples relato de crônica, mas tencionam trazer à luz eventos determinantes e distintivos da vida de Dom Bosco. Este, junto com tais fatos, apresenta personagens significativas, que assumem papéis-chave em ordem ao seu processo de amadurecimento humano e cristão. Deixemo-nos guiar por ele para entrever, embora por indícios, a ação de tais guias e os reflexos em sua vida.

Uma primeira e importante consideração, afirma Aldo Giraudó, deve ser feita acerca dos *sujeitos* das *Memórias*. De fato, o início do relato leva o leitor a perceber que existe um *sujeito divino*, «um “Deus misericordioso”, dono dos fatos e dos corações, que continua a governar a história pessoal e social em perspectiva salvífica e redentora, suscitando vocações e inspirando caminhos».<sup>41</sup> Junto com Ele há um *sujeito humano*, isto é, Dom Bosco que, no seu relato, envolve o leitor, transformando a história pessoal numa leitura histórico-providencial de toda a obra salesiana. Esta premissa é muito importante por colocar os eventos e as intervenções das pessoas que acompanham João no seu itinerário espiritual, em perspectiva correta. De fato, Dom Bosco está preocupado em fazer compreender ao leitor que a origem da missão salesiana e da sua própria vocação está no chamado de eleição de Deus ao qual ele responde com liberdade e com crescente radicalidade.

O relato detalhado e dramatizado do sonho que teve aos nove anos de idade é o evento que dá origem a todo o relato, dividindo-o em três décadas: cada uma delas é um capítulo da história de Dom Bosco que se funde sempre mais com a do Oratório, fazendo-nos entrar na lógica do seu itinerário vocacional, inseparavelmente ligado à missão da salvação dos jovens. Os primeiros dez anos da infância (1815-1824) constituem uma grande introdução, um importante prelúdio ao desenvolvimento das três décadas. A *primeira década* (1825-1835) estreia com a apresentação de João que, com dez anos,

<sup>41</sup> GIRAUDO Aldo, *L'importanza storica e pedagogico-spirituale delle Memorie dell'Oratorio*, em Dom Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855* - Ensaio introdutório e notas históricas editado por Aldo Giraudó, Roma, LAS 2011, 21.

ocupa-se das crianças fazendo uma espécie de oratório festivo.<sup>42</sup> A segunda década é polarizada em torno de um evento-símbolo: o encontro com Bartolomeu Garelli na sacristia do *Convitto* de São Francisco de Assis, em Turim.<sup>43</sup> A terceira década, enfim, completa o relato, apresentando o diálogo com o órfão da Valsesia, primeiro jovem que será acolhido por Dom Bosco no novo abrigo de Valdocco.<sup>44</sup> A arquitetura das *Memórias* nos oferece a chave interpretativa do itinerário espiritual de Dom Bosco, colocando-nos em vigilância, isto é, atentos para separar os eventos que dizem respeito à sua pessoa, dos que contribuem para esclarecer e fazer amadurecer o projeto oratoriano. Então, a sua própria espiritualidade, isto é, o seu modo de relacionar-se com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo, será compreendida nesta prospectiva.

## 2. Um caminho espiritual orientado à confiança em Deus

A leitura das *Memórias* permite-nos identificar duas *tarefas de desenvolvimento* que esperam pelo jovem Bosco e que ele consegue progressivamente realizar com a ajuda da graça divina e com a mediação solícita da mãe Margarida Occhiena e de D. João Calosso: «a confiança em Deus e a *'ritiratezza'*». Este último termo, afirma Giraud, «não tem um correspondente na linguagem contemporânea, mas, no uso de Dom Bosco, inclui o recolhimento interior, a defesa de pensamentos e sentimentos de toda forma de dispersão ou dissipação, junto com uma vida retirada e laboriosa».<sup>45</sup>

A confiança em Deus, sinônimo de fé confiante e de abandono, é o princípio de uma relação autêntica, de uma vocação cristã genuína: «facetas de um único movimento de fé permeado pelo sentimento de correspondência ao chamado do Senhor».<sup>46</sup>

Tal postura, todavia, para poder se desenvolver e crescer no jovem, precisa das mediações humanas. Os pais de João, Francisco

<sup>42</sup> Cf. MO 65.

<sup>43</sup> Cf. *Ibid.* 127.

<sup>44</sup> Cf. *Ibid.* 171.

<sup>45</sup> Giraud, *L'importanza storica e pedagogico-spirituale* 33.

<sup>46</sup> *Ibid.* 34.

e Margarida são os primeiros mestres-testemunhas da confiança em Deus. Francisco, no momento de sua morte, recomenda a Margarida para “ter confiança em Deus”. Esta recomendação ressoará continuamente no coração de Margarida, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida como, por exemplo, durante a carestia.

Relata Dom Bosco o que a mãe teve a lhes dizer: «Meu marido, no leito de morte, pediu-me para ter confiança em Deus. Então venham, ajoelhem-nos e rezemos. – Depois de breve oração, levantou-se e acrescentou: – Em casos extremos, usar os meios extremos. Então [...] matou um bezerro e assando uma parte dele apressadamente, pôde alimentar a família enfraquecida».<sup>47</sup> Este exemplo leva-nos a concluir que o modo com que Dom Bosco descreve a atitude da confiança em Deus, nas *Memórias*, está ligado à «imagem exemplar de Margarida, síntese de confiança na providência, de operosidade, de espírito de sacrifício, de frugalidade e de dedicação educativa».<sup>48</sup>

Os filhos de Margarida, embora ela não o perceba, observam e aprendem. Ela, além disso, está ciente do seu dever de cuidar da educação humana, moral e religiosa de seus filhos e a esta tarefa dedica-se com toda a solícitude, como testemunha o próprio Dom Bosco: «Teve o máximo cuidado de instruir seus filhos na religião, iniciá-los na obediência e ocupá-los em atividades compatíveis com a sua idade. Desde pequeno ela mesma me ensinou a rezar; assim que me tornei capaz de participar junto com meus irmãos, fazia-me ajoelhar com eles de manhã e à tarde e todos juntos rezávamos as orações em comum, e também o Terço. Lembro-me de que foi ela mesma que me preparou para a minha primeira confissão e me acompanhou até a Igreja; foi confessar-se por primeiro e me recomendou ao confessor; depois, ajudou-me a fazer o agradecimento. Continuou a me acompanhar até me julgar capaz de fazer sozinho, e com dignidade, a minha confissão».<sup>49</sup>

Também no memorável evento da primeira Comunhão, Margarida cuida de João: «Naquela manhã ela não me deixou falar com ninguém, acompanhou-me à sagrada mesa e fez comigo a preparação e o agradecimento. [...] Naquele dia não quis que eu me ocupasse

<sup>47</sup> MO 60.

<sup>48</sup> GIRAUDO, *L'importanza storica e pedagogico-spirituale* 33.

<sup>49</sup> MO 61.

com trabalhos materiais, mas que empregasse todo o tempo para ler e rezar. Entre as muitas coisas que me disse, minha mãe repetiu várias vezes estas palavras: “Meu querido filho, este foi um grande dia para você. Estou persuadida de que Deus realmente tomou posse do seu coração. Agora, prometa-lhe fazer tudo o que lhe for possível para conservar-se bom, até o fim da vida. Futuramente procure comungar sempre, mas cuide para não cometer sacrilégios. Diga sempre tudo na confissão, seja sempre obediente, vá de boa vontade ao catecismo e às pregações, mas pelo amor de Deus fuja como da peste dos que têm más conversas”». <sup>50</sup>

Os conselhos de Margarida tornam evidente a dinâmica da relação com Deus: a fuga do pecado que impede a comunhão com Ele, o empenho para guardar a sua presença no coração e viver na sua graça, as condições para manter-se nesta atitude de abertura e de confiança n’Ele. Neste sentido, Margarida é educadora religiosa e também guia espiritual do filho. Ela o introduz no conhecimento vital de Deus e da sua paternidade, aspecto ao qual ele, órfão de pai, é particularmente sensível. Assim, afirma Giraud: «aprendemos que a imagem de Deus mais querida e familiar a Dom Bosco é a do Pai misericordioso e providente, que não obscurece a do Criador onipotente, soberano e senhor de todas as coisas, e a do Juiz exigente. Um Deus que se revela por meio do cosmo e das criaturas, mas cujo conhecimento “é também inato, ou seja, inserido pelo próprio Deus no coração do homem”». <sup>51</sup> E prossegue citando Pedro Stella: «Com este Deus, Dom Bosco vive uma comunhão íntima e vivíssima, que une oração e vida e se torna elemento unificador de sua personalidade. Deus “domina, como um sol meridiano, a mente de Dom Bosco... Em qualquer estado de alma ele sente e contempla o Deus criador e senhor, princípio e razão de ser, de tudo»». <sup>52</sup>

Os ensinamentos de mamãe Margarida acompanham João na compreensão de que Deus é um Deus *presente* e o nosso coração

<sup>50</sup> *Ibid.* 69.

<sup>51</sup> GIRAUDO Aldo, *Il volto di Dio Padre nella Spiritualità e nella Pedagogia salesiana*, em DICASTÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *L’esperienza di Dio Padre nella Spiritualità Salesiana*, Jornadas de Espiritualidade para a Família Salesiana, Barcelona – Martí-Cololar 15-17 janeiro 1999, 69.

<sup>52</sup> *L. cit.* Cf. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica* II, Roma, LAS 1979, 19-27.

deve estar fixo nesta divina Presença. Ele é percebido como *presença operativa e providencial*: «Dom Bosco, nas páginas das *Memórias do Oratório*, entrelaça a lembrança da fadiga de viver, especialmente dos momentos de incompreensão e de escuridão interior, com o memorial da intervenção providente e terna do Pai celeste. Ele percebe um nexó inseparável entre a pobre fragilidade humana e o amor misericordioso e concreto do Deus providente. Aprendeu que a confiança em Deus, expressa na oração, nunca é vã, também nos momentos de desespero».<sup>53</sup> Ele é um Pai *amoroso e responsabilizante*. Tal amor divino, ele o percebe, sobretudo, por meio da significatividade das relações humanas: «o amor intenso da mãe, o calor e a profundidade das amizades, a dedicação educativa e formativa dos professores e dos poucos “fiéis amigos da alma” encontrados».<sup>54</sup>

Margarida, mulher de oração contínua,<sup>55</sup> oferece a João «uma visão da vida fortemente centrada na *presença amorosa* de Deus, pressuposto e condição essencial para que nele se enraizasse um *habitus* contemplativo, uma atitude de vida constantemente em união de afetos e de vontade com o Absoluto».<sup>56</sup>

### 3. A descoberta de um fiel amigo da alma

A confiança em Deus, que João vai desenvolvendo sob a sábia orientação da mãe, é a atitude mais adequada a quem quer seguir um chamado do alto.<sup>57</sup> Aqui entra em cena D. João Calosso como “singular protagonista”, formador e guia do jovem em busca de paternidade humana e espiritual. Narra Dom Bosco: «Pus-me logo nas mãos de Dom Calosso [...]. Dei-lhe a conhecer tudo a meu respeito. Cada palavra, cada pensamento, cada ação era-lhe prontamente manifestada. Isto lhe agradou muito, porquanto, do mesmo modo podia orientar-me nas questões espirituais e temporais. Conheci então o

<sup>53</sup> GIRAUDO, *Il volto di Dio Padre* 76.

<sup>54</sup> *Ibid.* 77.

<sup>55</sup> Cf. MB III 376.

<sup>56</sup> BUCCELLATO Giuseppe, *Appunti per una «Storia spirituale» dio sacerdote Gio' Bosco*, Leumann (Turim). LDC 2008, 14.

<sup>57</sup> Cf. GIRAUDO, *L'importanza storica e pedagogico-spirituale* 34.

que significa uma orientação estável, um fiel amigo da alma que, até aquela data, ainda não havia encontrado. A partir daquele período, comecei a saborear o que é a vida espiritual». <sup>58</sup>

Comenta Giraud: «Nas atitudes do sacerdote idoso que se aproxima do jovem, no intenso vínculo de paternidade-filiação que progressivamente se desenvolve, na confiante entrega do discípulo que se abre à plena revelação dos pensamentos e à obediência cordial, vislumbramos algumas das clássicas características do acompanhamento espiritual. Os resultados comprovados nos fazem intuir a intensidade do evento e o impacto sobre a alma de João: “Daquela época em diante comecei a *saborear* o que é a vida espiritual, já que antes eu agia mais materialmente, como a máquina que faz uma coisa sem saber a razão”. Neste tipo de relação, pode-se dizer que acontece uma espécie de geração espiritual, acompanhada do despertar da consciência interior adormecida. Há comunicação de vida entre um pai generosamente acolhedor e um filho que felizmente se sente amado e experimenta no seu íntimo, de modo incisivo, um nascimento para Deus e para si mesmo. O “gosto” pela vida espiritual experimentado por um jovem de quinze anos é sinal do acesso a um nível profundo do próprio espírito, no qual forças vitais se liberam. Há também um componente de instrução, de correção e de estímulo: «“Entre outras coisas, em pouco tempo proibiu-me uma penitência que eu costumava fazer, não adequada à minha idade e condição. Encorajou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e me orientou a fazer diariamente uma breve meditação, ou melhor, um pouco de leitura espiritual”. Não se trata, seja como for, de doutrinação, de um ensinamento sobre Deus e a vida virtuosa ou moral, mas de um encaminhamento do jovem para “águas profundas”». <sup>59</sup>

O afeto sincero, forte e paterno, que João percebe da parte de D. Calosso abre-o à confiança e ao abandono e, então, confia-lhe a sua experiência de vida, não apenas os pecados, mas também «os estados de alma, os projetos, os sonhos e as inclinações [...] e assim é ajudado a tomar consciência de desejos profundos, é sustentado para

<sup>58</sup> MO 71.

<sup>59</sup> GIRAUDO Aldo, “*Gli feci conoscere tutto me stesso*”. *Aspetti dell’accompagnamento spirituale dei giovani secondo don Bosco*, em *Accompagnare. Tra educazione, formazione e spiritualità*, Cadernos de Espiritualidade Salesiana Nova série 2, Roma, LAS 51.

purificá-los, retificá-los e orientá-los para Deus». <sup>60</sup> E ao fazer isso, comenta ainda Giraudo, «experimenta grande satisfação, paz e alegria intensa, iluminação e gosto pela vida nova». <sup>61</sup> Nesta descrição, Dom Bosco deixa transparecer como concebe o acompanhamento espiritual. Nas biografias edificantes de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco o descreverá de modo minucioso e detalhado, fazendo entender quanta importância confere ao momento “prévio” do acompanhamento, que considera essencial para que desencadeie a confiança e a amizade entre o educador e o jovem, e este se entregue confiante em suas mãos.

### **Para a reflexão e a partilha**



- ✓ Com quais traços o rosto de Deus se manifesta a João menino e adolescente?
- ✓ Quais aspectos do acompanhamento de João por mãe Margarida te tocaram mais? Quais te parecem mais importantes a serem recuperados hoje?
- ✓ Quais estratégias utiliza D. Calosso para despertar e orientar a consciência de João rumo a uma escolha de Deus mais consciente?

<sup>60</sup> *L. cit.*

<sup>61</sup> *Ibid.* 52.

## Em Chieri: o tempo da *amizade*

«*Desejava ser padre logo para entreter-me  
no meio dos jovens*»

### 1. Dez anos que valem uma vida

Os dez anos vividos por João Bosco em Chieri (1831-1841) valem realmente “uma vida”, como felizmente se expressa o estudioso Secondo Caselle, profundo conhecedor da condição juvenil da vida de Dom Bosco nesta cidade.

Também nesta etapa vamos nos deixar guiar pelas *Memórias do Oratório*, nas quais Dom Bosco reserva muitas páginas ao relato desta fecunda década.

Em Chieri, afirma Pedro Stella, explode a riqueza da personalidade de João Bosco: «temperamento polivalente, fácil à simpatia, versátil, serviçal, inteligente, com memória prodigiosa». <sup>62</sup> Para ele, então, esta é uma década fundamental no campo da disciplina interior, religiosa, moral e pela inédita experiência comunitária vivida, que lhe oferece a possibilidade de alargar os seus contatos humanos numa cidade com horizontes de vida mais amplos. <sup>63</sup>

Sua formação intelectual amplia-se e se enriquece na dimensão leigo-humanista, durante a frequência às *escolas públicas*, e à escola eclesiástica clerical, no *Seminário*. Além da cultura aprendida nos livros, existe aquela ligada à vida, mediada pelos diversos ambientes formativos que ele frequenta. Podemos dizer que a experiência de Chieri foi vivida em três comunidades formativas particulares: a comunidade dos professores da escola pública e das pessoas que o apoiam nestes primeiros anos, a comunidade juvenil da Sociedade da Alegria por ele conduzida, enfim, a comunidade do Seminário. Uma quarta comunidade será a constituída pelos formadores do Colégio Eclesiástico de Turim.

Coprotagonistas deste acompanhamento são: de um lado os membros que constituem estas comunidades para os quais ele tem palavras de estima e de apreço, demonstrando gratidão e reconhecimento; do outro lado, ele, João, no esplêndido ideal de sua juventude,

<sup>62</sup> Cf. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità* I, 43.

<sup>63</sup> Cf. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani* I, 123.

jovem receptivo, que assimila as propostas fazendo-as próprias, com um caráter sociável e simpático, capaz de ganhar a confiança e a estima dos coetâneos e dos adultos. Um jovem determinado na escolha do seu ideal e, para alcançá-lo, capaz de submeter-se a qualquer sacrifício ou renúncia.

As tarefas de desenvolvimento que esperam por João estão na linha da progressiva unificação das forças da mente e do coração em torno do ideal sacerdotal, a purificação das motivações, a mais consciente renúncia ao homem “velho” para revestir-se do “homem novo”, que vive segundo a lei de Deus. Consultando novamente as *Memórias do Oratório*, focalizamos brevemente cada uma dessas comunidades para reconhecer nelas propostas formativas, modalidades de acompanhamento, resultados obtidos. No final, vamos dar mais espaço ao processo de discernimento vocacional e ao acompanhamento vivido por João com os seus guias.

## 2. A comunidade formativa das escolas públicas

O ambiente escolar da comunidade de Chieri é descrito por Dom Bosco como vivaz e original, comunidade educativa e formativa global, na qual pessoas, instituições e experiências, disciplina e alegria juvenil, cultura humanista, religião e empenho ético criam o clima ideal para o crescimento de sua personalidade, estimulando sua inserção ativa. Ela é uma comunidade educativa entendida como pluralidade de presenças diversificadas com modalidades relacionais, funções e tarefas, indispensável para plasmar personalidades completas e serenas.<sup>64</sup> Nas *Memórias*, Dom Bosco para um pouco para descrever as qualidades formativas e relacionais de seus professores:

*Dom Eustachio Valimberti* é a imagem viva da acolhida cordial e da aproximação confiante, sobretudo na delicada fase da sua primeira inserção no novo ambiente. Ele, afirma Dom Bosco: «Foi a primeira pessoa que conheci... Deu-me muitos bons conselhos sobre como me afastar dos perigos; convidava-me a ajudá-lo na missa e isto sempre lhe oferecia a oportunidade de me dar alguma boa sugestão: foi ele que me conduziu ao Prefeito da Escola e me apresentou aos demais professores».<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Cf. GIRAUDO, *Servite il Signore nella gioia. Don Bosco, maestro di vita spirituale*, pró-manuscrito 23-24.

<sup>65</sup> MO 78.

*Dom Valeriano Pugnetti*, professor de música, encarna o cuidado personalizado e afetuoso: «Usou de muita caridade para comigo, ajudou-me na escola, convidava-me para ir à sua casa e, movido de compaixão pela minha idade e pela minha boa vontade, nada poupava do que pudesse me favorecer».<sup>66</sup>

O professor Giuseppe Cima é o professor competente e exigente que estimula ao empenho e à responsabilidade pessoal, sabe fazer brotar energia e boa vontade e facilita a aprendizagem: «Se você tem boa vontade eu não o deixarei inativo. Tenha coragem e, se encontrar dificuldades, diga-me logo e eu as resolverei».<sup>67</sup>

Enfim, *Dom Pedro Banaudi*, professor de humanidade, encarna a paternidade e a *amorevolezza* salesiana, a capacidade de conquistar os alunos, percorrendo os caminhos do coração, fazendo-se amar por eles. «Era um verdadeiro modelo de professor. Sem precisar infligir castigos, conseguia fazer-se temer e amar por todos os seus alunos. Ele os amava como se fossem seus filhos, e era amado como um pai afetuoso».<sup>68</sup>

Seu confessor e pai espiritual, *Dom Giuseppe Maloria*, Dom Bosco lembra como o amigo da alma, acolhedor, incentivador e preveniente; ponto de referência para as escolhas morais: «A minha mais feliz aventura foi a escolha de um confessor estável na pessoa do teólogo Maloria, cônego do cabido de Chieri. Cada vez que o procurava, acolhia-me com grande bondade. Antes, incentivava-me a me confessar e a comungar com a maior frequência possível... Se não fui arrastado pelos companheiros para certas desordens que, infelizmente, os jovens inexperientes lamentaram nos grandes colégios, devo-o muito a este meu confessor».<sup>69</sup>

A mesma Lucia Pianta, amiga de Margarida, que o hospedou na pensão, é lembrada com reconhecimento por Dom Bosco, porque se sentia amado e protegido por ela: «Pelo amor que a ela eu dedicava não queria ir a lugar nenhum, nem fazer coisa alguma sem o seu consentimento... Com grande prazer confiou-me o seu único filho, de caráter muito vivaz, amantíssimo dos divertimentos e pouquíssimo dedicado aos estudos. Encarregou-me de repassar, com ele, suas lições escolares, embora fosse de classe superior à minha. Ocupei-me dele como de um irmão».<sup>70</sup>

<sup>66</sup> MO 79.

<sup>67</sup> C. cit.

<sup>68</sup> *Ibid.* 88.

<sup>69</sup> *Ibid.* 83.

<sup>70</sup> *Ibid.* 81.

### 3. As amizades de Chieri: experiências de acompanhamento recíproco

Nas *Memórias*, Dom Bosco preocupa-se em mostrar como as amizades vividas na juventude, em Chieri, foram para ele uma verdadeira escola de vida, tirocínio às relações sociais, ocasião de expressar-se em um apostolado que se torna sempre mais pessoal e original. Para um adolescente a amizade é elemento fundamental que favorece seu crescimento harmonioso, seu equilíbrio psíquico e a autoestima, além de, evidentemente, favorecer seu progresso espiritual.

A pequena e vivaz comunidade que compõe a *Sociedade da Alegria* é descrita como uma comunidade juvenil reunida em torno de valores humanos e cristãos, vivificada pela presença de um líder fascinante que sustenta e encoraja o caminho de todos. João é hábil na conquista da estima e do afeto dos companheiros: «Eles começaram a vir para a recreação, depois para escutar os relatos e fazer as tarefas da escola e, finalmente, vinham sem mesmo procurar o motivo, como os de Murialdo e Castelnuovo. Decidimos dar um nome àquelas reuniões e chamá-las Sociedade da Alegria; nome muito apropriado, porque era obrigação estrita de cada um procurar livros, introduzir discursos e brincadeiras que contribuíssem para a alegria do grupo; antes, era proibido tudo o que causasse tristeza, especialmente as coisas contrárias à lei do Senhor. Portanto, quem tivesse blasfemado ou pronunciado o nome de Deus em vão, ou tivesse tido más conversas era imediatamente afastado da Sociedade».<sup>71</sup>

No simples programa da Sociedade está em germe a proposta de santidade juvenil que Dom Bosco fará aos seus jovens oratorianos e que dignifica as relações interpessoais, tanto na sua qualidade: «evitar toda conversa, toda ação que não condiga com um bom cristão», quanto na sua finalidade: «exatidão no cumprimento dos deveres escolares e religiosos».<sup>72</sup>

A proposta de João assemelha-se à experiência das *amizades católicas* inspiradas na tradição do Diessbach, postas como fundamento da sua futura formação no Colégio Eclesiástico de Turim. Sua fórmula é muito semelhante: «Ao longo da semana, a Sociedade da Alegria reunia-se na casa de um dos sócios para falar de religião; nós

<sup>71</sup> MO 81.

<sup>72</sup> *Ibid.* 82.

nos entretínhamos por algum tempo em amena recreação, piedosas conferências, leituras religiosas, em oração, dando-nos bons conselhos, e percebendo em nós mesmos aqueles defeitos pessoais que alguém tivesse observado ou ouvido comentar. Além destes amigáveis entretenimentos íamos escutar as prédicas e, frequentemente, confessar-nos e comungar».<sup>73</sup>

Aqui Dom Bosco «acentua a importância da escolha de amizades boas e construtivas, mas em ambiente educativo – o da restauração piemontesa – fundado em valores religiosos, segundo modalidades e formas condizentes com o clima e a sensibilidade romântica do tempo, e em plena abertura de consciência e de conselho com o “fiel amigo da alma” que, numa relação de acompanhamento, estimula e favorece o discernimento nas escolhas, fornecendo para isto os critérios práticos».<sup>74</sup>

Entre estes amigos destacam-se as figuras do hebreu Jonas e de Luís Comollo. Este último, segundo as palavras de Dom Bosco, teve um papel de guia espiritual relativamente a ele: «Eu admirava a caridade do colega, e pondo-me totalmente em suas mãos, deixava-me guiar para onde e como ele queria. De acordo com o amigo Gargliano íamos juntos confessar, comungar, fazer a meditação, a leitura espiritual, a visita ao SS.mo Sacramento, ajudar a S. Missa. Sabia convidar com tanta bondade, doçura e cortesia, que era impossível rejeitar os seus convites».<sup>75</sup>

Em conclusão, por estes primeiros anos de vida em Chieri «parece que Dom Bosco apresenta vários tipos e diversos níveis de acompanhamento espiritual, uns apoiados nos outros: o ambiente positivo e propositivo; o amigo exemplar; o educador adulto inteiramente dedicado ao seu empenho formativo; o sacerdote confidente e o confessor de confiança; o amigo interior, efficacíssimo para a transformação da mente e do coração».<sup>76</sup>

Aproximemo-nos diretamente das fontes para identificar as etapas do discernimento vocacional vivido por João Bosco e descrever as características do ambiente formativo que ele encontra ao entrar no Seminário de Chieri.

<sup>73</sup> MO 82.

<sup>74</sup> GIRAUDO, *Servite il Signore nella gioia* 30.

<sup>75</sup> MO 87.

<sup>76</sup> GIRAUDO, *Servite il Signore nella gioia* 31.

#### 4. As etapas do discernimento vocacional e o ambiente formativo do Seminário

<b>Primeira fase: O discernimento</b>		
Do <i>Jovem Instruído</i> (p. 76)	Das <i>Memórias do Oratório</i> (cf. pp. 99-100)	Atitudes do acompanhante e do acompanhado
<p>No <i>Jovem Instruído</i>, Dom Bosco descreve a escolha vocacional como o discernimento da própria identidade e adesão à tarefa histórica que Deus estabeleceu para cada pessoa:</p> <p><i>«Deus, nos seus eternos desígnios, destinou, para cada pessoa, uma condição de vida e as graças relativas. Como em toda outra circunstância, o cristão deve também nesta, que é de grande importância, procurar a divina vontade, imitando Jesus Cristo que declarava ter vindo para cumprir a vontade do eterno Pai».</i></p> <p><b>Para chegar à tal decisão, sugere:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Passar ilibada a infância e a juventude, ou reparar com uma sincera penitência;</li> <li>2. Rezar com humildade e perseverança;</li> <li>3. Consultar pessoas tementes a Deus e sábias, especialmente o confessor, declarando com plena clareza o caso e as próprias disposições.</li> </ol>	<p><b>O momento crítico da decisão</b></p> <p><i>«Enquanto isso, aproximava-se o final do ano de Retórica, período em que os estudantes costumam discernir a respeito de sua vocação. O sonho de Murialdo estava impresso em mim; antes, renovou-se outras vezes em mim de modo muito mais claro, pelo que, valendo-nos ter fé, devia escolher o estado eclesiástico; ao qual, exatamente, sentia propensão..., mas não querendo acreditar nos sonhos, e a minha maneira de viver, certos hábitos do meu coração, e a falta absoluta das virtudes necessárias a este estado, tornavam duvidoso e realmente difícil aquele discernimento».</i></p> <p><b>Indicadores vocacionais</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Propensão e fascínio</li> <li>2. Concretude que se opõe aos sonhos</li> <li>3. Vida coerente com o projeto que se quer abraçar</li> <li>4. Coração purificado da vaidade, do orgulho, dos afetos</li> <li>5. Possibilidade de um guia espiritual</li> </ol>	<p><b>Nos acompanhantes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prudência</li> <li>• Sabedoria</li> <li>• Prática Formativa</li> <li>• Oração</li> </ul> <p><b>Em João</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Autenticidade vocacional</li> <li>• Procura disponível</li> <li>• Sinceridade</li> <li>• Entrega confiante e confidente</li> </ul>

<p><b>Oração recomendada</b>  <i>«Se você vai ter de vir para a resolução, dirija-se a Deus com orações mais especiais e frequentes; ponha intenção na santa Missa; faça a Comunhão com esta intenção. Você pode também fazer uma novena, um tríduo, alguma abstinência e visitar algum santuário célebre. Recorra também a Maria, que é a mãe do bom conselho, a São José seu esposo, ao Anjo da Guarda e aos seus santos protetores. Seria ótima coisa antepor a esta decisão tão importante o Retiro Espiritual ou algum dia de retiro, se possível »</i> (Jovem Instruído 1878, 76).</p> <p><b>A decisão é tomada com coragem</b> e determinação, sem hesitação:  <i>«Proponha-se a fazer a vontade de Deus seja o que for que lhe possa acontecer, e apesar da desaprovação de quem viesse a julgar segundo a visão secular».</i></p>	<p><b>Primeira tentativa de solução</b>  <i>«Renunciarei ao mundo, irei para um claustro, vou dedicar-me ao estudo, à meditação, e assim na solidão poderei combater as paixões, especialmente a soberba».</i></p> <p><b>Intervenção de Deus</b>  No sonho, Deus mostra-lhe a inconsistência das motivações pelas quais escolheria este caminho, contrárias às suas disposições, estranhas à sua personalidade e, sobretudo, ao desígnio de Deus: <i>«Você procura a paz e paz aqui não encontrará. Outro lugar, outra messe Deus lhe prepara».</i></p> <p><b>Pedido de ajuda</b>  O amigo Luís o orienta a pedir conselho ao tio Dom Comollo o qual, com sabedoria prática, ajuda-o a compreender que esta escolha não é compatível com suas disposições e lhe pede um ato de fé e de obediência: dar um passo concreto para entrar numa situação nova e conveniente à sua necessidade de clarificar o projeto de Deus sobre a sua pessoa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudar para o exame de vestição</li> <li>• Mudança de vida</li> <li>• Empenho apostólico-educativo</li> </ul>	
--	---	--

<b>Segunda fase: A escolha vocacional e suas exigências</b>	
Das <i>Memórias do Oratório</i> (cf. pp. 101-103)	Atitudes do jovem
<p><b>Propósitos para a vestição clerical</b></p> <p>«<i>Oh quanta coisa velha para remover! Meu Deus, destruí em mim os meus maus hábitos [...] Fazei que neste momento eu me revista do homem novo, isto é, que a partir deste momento eu comece uma vida nova, toda ela segundo a vontade divina, e que a justiça e a santidade sejam o objeto constante dos meus pensamentos, das minhas palavras. Assim seja. Oh Maria, sede vós a minha salvação</i>».</p> <p><b>Os passos a serem dados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Despojar-se:</b> purificação do coração e da mente</li> <li>• <b>Vestir-se:</b> mudança radical de perspectiva</li> </ul> <p>Estamos diante de uma <i>reforma de caráter espiritual</i> entendida como <i>plena conformidade à vontade divina</i>, de união e imersão n'Ele, com a finalidade de permanecer na perspectiva de Deus, subtraindo todo espaço ao homem velho, por menor que seja. O <i>Assim seja</i>, como um Amém bíblico e litúrgico, e a invocação a Maria lembram o “cumpra-se em mim a tua Palavra”, coração e vértice da fé cristã.</p> <p>É um verdadeiro divisor de águas no itinerário espiritual: momento autobiográfico de grande intensidade que faz emergir a decidida <i>vontade</i> de João Bosco de um <i>decidido desapego do coração</i>, sem ambiguidades e comprometimentos. Convalida esta posição o ensinamento de grandes mestres de espiritualidade: Inácio de Loyola, Francisco de Sales, Afonso de Ligório os quais sublinham como não pode existir nenhum progresso espiritual sem determinação radical, sem uma ruptura clara com o passado (cf. GIRAU-DO, <i>Servi ao Senhor</i> 42).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fuga das ocasiões de dispersão, fuga da dissipação e da vanglória.</li> <li>• “<i>Ritiratezza</i>” praticada e amada.</li> <li>• Temperança e sobriedade.</li> <li>• Empenho para adquirir uma cultura religiosa em contraposição àquela mundana como modo para “servir” ao Senhor.</li> <li>• Salvaguarda da virtude da castidade “com todas as forças” (“combaterei”, “praticarei”).</li> <li>• espírito de oração</li> <li>• exercício diário da comunicação pastoral para edificação e evangelização, como uma tarefa da missão.</li> </ul>

Neste contexto assumem particular importância as **decisões** do jovem

«Para o futuro não tomarei mais parte em espetáculos públicos nas feiras, nos mercados; nem sairei para ir a bailes ou teatros.

E por quanto me for possível não ficarei para os almoços, que costumam dar em tais circunstâncias. Nunca mais farei as brincadeiras das 'latas', de prestidigitador, de saltimbanco, de destreza, de corda; não tocarei mais o violino, não irei mais caçar. Considero todas estas coisas contrárias à seriedade e ao espírito eclesiástico.

Amarei e praticarei o recolhimento, a temperança no comer e no beber; e, para o repouso, tomarei apenas as horas extremamente necessárias à saúde.

Assim como no passado servi ao mundo com leituras profanas, assim para o futuro procurarei servir a Deus dando-me à leitura de coisas religiosas.

Combaterei com todas as minhas forças cada coisa, cada leitura, pensamento, conversas, palavras e obras contrárias à virtude da castidade. Em contraposição, praticarei todas aquelas coisas, mesmo minúsculas, que possam contribuir para conservar esta virtude.

Além das práticas comuns de piedade, não deixarei de fazer diariamente um pouco de meditação e um pouco de leitura espiritual.

Diariamente contarei algum exemplo ou citarei algum pensamento vantajoso ao meu semelhante.

Farei isto com os companheiros, com os amigos, com os parentes e quando não puder fazer com outros, o farei com minha mãe».

<b>Terceira fase: A proposta formativa do Seminário, uma radical reforma de vida</b>	
Das <i>Memórias do Oratório</i> (cf. pp. 103-119)	Atitudes dos acompanhantes e do jovem
<p><b>O modelo de sacerdote e o percurso formativo</b> (= tarefas de desenvolvimento) apresentados aos jovens seminaristas é um sacerdote com perfil vigoroso permeado de temas da espiritualidade sacerdotal tridentina que encontra realização em figuras de relevo como Filipe Neri, Carlos Borromeu, Francisco de Sales, Vicente de Paulo, Luiz Gonzaga. Deve caracterizar-se pela integridade de vida, pela paixão pastoral e por uma espiritualidade profunda.</p> <p>Como <b>Cristo pastor</b>, ele deve ser para... ou seja, viver para o próximo e trabalhar pela sua salvação.</p> <p>O <b>seminário</b> é um lugar de formação não em vista de si mesmo, mas para tornar-se apto espiritualmente, moralmente, culturalmente, profissionalmente, à salvação do próximo. Aos seminaristas é pedida:</p> <p><b>A integridade de vida, a obediência e a simplicidade:</b></p> <p><i>«Deveis fazer todas as vossas obras com espírito de verdadeira religião e de sincera piedade... Não seja então nem o temor, nem o respeito humano o guia das vossas ações, mas o Espírito de Deus, que é espírito de amor e de liberdade [...]. Aquele que age pelo espírito mostra-se diligente no cumprimento dos seus deveres, onde quer que se encontre, mesmo longe do olhar dos superiores. Não procura mendigar o favor de ninguém. Não se vale do segredo para não ser descoberto, não estuda nem a hora, nem a ocasião, nem o meio... vive tranquilo e dá, a cada coisa, o seu tempo: ao estudo, ao repouso, ao recreio e aos seus particulares ofícios. Numa palavra, procura servir a Deus no seu estado de vida e não fingir apenas para evitar reprovações...</i></p>	<p><b>Nos Acompanhantes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Clareza de ideal.</li> <li>• Exemplaridade de vida.</li> <li>• Presença entre os jovens.</li> <li>• Oração.</li> </ul> <p><b>Em João</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sinceridade.</li> <li>• Obediência.</li> <li>• Empenho nos estudos e nos deveres.</li> <li>• Entrega confiante e confidente.</li> <li>• Radicalismo da escolha.</li> <li>• Frequência regular aos sacramentos.</li> </ul>

*Se as vossas obras forem animadas pelo Espírito, cada coisa se tornará mais fácil e compreensível para vós, nem o estudo vos causará fadiga e nem a disciplina, escravidão e dependência, mas deveis correr ágeis e velozes no caminho empreendido* (de um discurso de Mons. Colombano Chiaveroti aos seminaristas, em GIRAUDO Aldo, *Clero, seminário e sociedade. Aspectos da restauração religiosa em Turim*, LAS, Roma 1993, 248-249).

### **A consciência da prioridade do chamado de Deus:**

*«Por que você está aqui? Por que vestiu este hábito? Ora, queridíssimos, não percam tempo. O seminário é o lugar onde vocês têm de se prover com os meios que lhes são necessários para bem cumprir as funções do sagrado ministério. O estudo, o retiro, a frequência aos sacramentos e aos Retiros Espirituais e a exata observância da disciplina interna, tudo deve concorrer para fazê-los adquirir aquele espírito eclesial que deve distingui-los dos seculares» (ibid. 251).*

### **Os empenhos formativos assumidos por João Bosco**

#### **1 – A alegria**

*Afflictis lentae, céleres gaudentibus horae.* É a espiritualidade da santa alegria, do *'servi ao Senhor com alegria'*, de São Filipe Neri. «É descrito o ânimo de quem aceita com alegria a condição em que veio a se encontrar, como consequência do dom de si ao Senhor, e enfrenta com generosidade e hilaridade o cotidiano com suas fadigas e imperfeições, no propósito de olhar sempre além, focando o sentido e o motivo de fundo sobre o qual está orientando a vida» (GIRAUDO, *Servi ao Senhor* 47).

## **2 – O senso do dever**

Interrogado sobre como comportar-se no seminário, o professor de filosofia havia respondido a João: *uma só coisa: o exato cumprimento dos seus deveres*. «Nesta perspectiva, o clérigo Bosco empenha-se com toda a alma na observância das regras, dos empenhos e dos horários do seminário, sem fazer distinção entre aspectos agradáveis ou desagradáveis. O que importa, de fato, não são os deveres em si mesmos, mas a motivação interior com que são assumidos e aquela observância ativa e fervorosa na qual se exprime uma doação autêntica ao Senhor» (*l.cit.*). Nas *Cenas sobre a vida do jovem Luís Comollo*, Dom Bosco lembrará uma máxima muito apreciada por ele: *faz muito quem faz pouco, mas faz aquilo que deve fazer; faz nada quem faz muito, mas não faz aquilo que deve fazer* (Bosco, *Cenas da vida do jovem Luís Comollo*, em [A. Caviglia], *Obras e escritos*, V 81-82). É uma expressão que entrará na linguagem salesiana e Dom Júlio Barberis, mestre e formador de gerações de clérigos a repetirá por cinquenta anos.

## **3 – O “dar-se” inteiro a Deus**

Esta é a perspectiva mística dentro da qual se coloca e toma sentido o cumprimento dos deveres. É uma reimpostação da vivência em chave de dom de si, de oblatividade: «lembra o *suscipe* que Inácio de Loyola coloca na culminância da quarta semana dos Exercícios Espirituais e se apresenta com os traços evidentes da adesão irrevogável à *vida devota* e do fervor operante projetado por Francisco de Sales» (GIRAUDO, *Servi ao Senhor* 49). Assim o sentido das ações cotidianas se transfigura e assume novo significado.

## **4 – A vida de oração e a frequência regular aos sacramentos**

Em torno deste polo gira o crescimento progressivo da vida espiritual de João no Seminário. Lembramos o seu empenho cotidiano, participando da Eucaristia, na igreja de São Filipe Neri, momento em que pode receber a comunhão. Nos registros das confissões está documentada a sua frequência regular ao sacramento da confissão quinzenal e também semanal.

### 5 – O cuidado com as relações interpessoais

Dom Bosco lembra que procurou logo afastar-se de companhias não dignas de um ambiente como o do Seminário e rodear-se de amigos confiáveis, como Luís Comollo e Guglielmo Garigliano. Lembra também que sua atitude generosa e disponível para com todos foi o motivo pelo qual, em pouco tempo, conquistou a simpatia e a confiança de superiores e companheiros.

### 6 – Trabalho sobre a própria personalidade

- Purificação do coração (com o abandono dos hábitos mundanos).
- “Ritiratezza” (recolher-se todo em Deus e progressivamente se afastar de toda superficialidade e divagação. Progressivo despojamento de si em vista da plena comunhão com Deus).

## Para a reflexão e a partilha



- ✓ **Repercorrer** as fases do discernimento vocacional de João Bosco (as crises, a intervenção de Deus, os passos realizados): que ideias você pode extrair para a orientação vocacional das jovens em formação?
- ✓ **Releia e medite** a proposta formativa do Seminário:
  - Que pontos fortes emergem em nível de conteúdos e de estratégias formativas?
  - Quais aspectos da proposta formativa do Seminário foram mais assimilados por João, permeando depois a espiritualidade salesiana?

## No Colégio Eclesiástico de Turim: o tempo da entrega

«Nas mãos de Dom Cafasso depusitei cada escolha, cada estudo,  
cada ação da minha vida»

### 1. O Colégio Eclesiástico

O Colégio Eclesiástico foi reconhecido pelo rei Carlo Felice, em 25 de outubro de 1822 e aprovado pelo arcebispo Chiaveroti, em 4 de junho de 1823, com a nomeação do Reitor. Fundado no contexto cultural-espiritual das *Amizades (Cristã, Sacerdotal e Católica)*, no Colégio Eclesiástico dava-se muita importância à vida comunitária. O ambiente formativo estava impregnado de espiritualidade inaciana e visava a um projeto de sacerdote devotado ao Papa, formado na teologia moral e na pastoral afonsiana.<sup>77</sup>

No Colégio Eclesiástico, a figura de São José Cafasso foi particularmente relevante. Ele foi formador, direta e indiretamente, de gerações de padres-pastores: «desenvolvia a sua tarefa institucional – formar bons confessores e válidos pregadores – tanto a partir da cátedra, quanto na prática intensa do confessionário e do púlpito. Com sua vida, sem ostentação, mas com simplicidade, propunha-se efetivamente como modelo de vida sacerdotal».<sup>78</sup>

João Bosco conheceu José Cafasso em 1827, quando este era clérigo e João adolescente. A sua relação, caracterizada primeiro pela amizade e depois pelo relacionamento mestre-discípulo, durou mais de trinta anos, até 23 de junho de 1860, quando Cafasso morreu. Ambos tiveram origens e formação comuns: nasceram em Castelnuovo d' Asti e se formaram no Seminário de Chieri. Todavia, foi o período vivido por João no Colégio Eclesiástico, como padre jovem, que determinou a relação entre os dois, qualificada como verdadeira experiência de direção espiritual.

<sup>77</sup> Cf. TUNINETTI Giuseppe, *La figura di don Giuseppe Cafasso in prospettiva storica*, em BUCCELLATO Giuseppe (editado por), *San Giuseppe Cafasso il Direttore Spirituale di Don Bosco*. Atos do Convênio Zafferana Etnea, 29 de junho – 1 de julho de 2007, Roma, LAS 2008, 71.

<sup>78</sup> Cf. *Ibid.* 71-72.

Os anos no Colégio Eclesiástico (1841-1843) foram fundamentais na formação de Dom Bosco. Afirma Braidó: «É fácil encontrar as raízes da paixão de Dom Bosco pela salvação das almas na sua formação de seminarista, enriquecida no tempo do Colégio por Guala, dilatada pelos conselhos e exemplos de Cafasso, seu diretor espiritual e revisor moral». <sup>79</sup> Ao lado deles, estiveram pessoas como o teólogo Luís Guala, fundador da obra, D. Felice Golzio, verdadeira “mina de ouro” e braço direito de Guala e de Cafasso.

Estas figuras luminosas e exemplares de sacerdotes formadores compunham a comunidade formadora ideal para a consolidação da formação dos jovens sacerdotes. O curso oferecido não era erudito, era prático, voltado à pastoral do povo cristão, orientado a uma moral não elitista ou rigorosa, mas benigna e misericordiosa. No Colégio Eclesiástico, visava-se, sobretudo, à formação do sacerdote pastor, ressaltando a profunda unidade entre a interioridade e a missão pastoral. Seu Regulamento dizia: «Recomenda-se a alegria e o amor para com todos, desaprovam-se as amizades particulares, a demasiada familiaridade, especialmente nos toques de mão. Praticarão a civilidade, a polidez e a caridade recíproca, refletindo que, encontrando-se próximos nos postos de trabalho, é de grande importância a tolerância na convivência com todo tipo de temperamento, o que se obtém mais facilmente adaptando-se aos demais do que procurando neles outras virtudes». <sup>80</sup>

A teologia moral afonsiana na qual se inspiravam os formadores do Colégio Eclesiástico exigia grande respeito por todos, adequação às diversas condições espirituais, amor pela paz da alma e pela salvação eterna de cada um. Daqui resultava um pastor voltado ao bem na doutrina, e amável no trato.

## **2. Dom José Cafasso, diretor espiritual de Dom Bosco**

Dom Bosco estava ligado a Dom Cafasso por grande amizade. Ele o havia conhecido em Murialdo quando era jovem clérigo e, desde então, sempre o estimara como amigo e confidente. Mais

<sup>79</sup> BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani* I, 170.

<sup>80</sup> Citado por *Ibid.* nota 10 p. 162.

tarde tornou-se seu confessor e diretor espiritual, sábio e prudente, orientando-o em algumas fases delicadas de sua vida. A expressão de Dom Bosco, a respeito da completa experiência formativa do Colégio Eclesiástico: “aqui se aprende a ser padre” pode, com razão, ser aplicada antes de tudo ao exemplo cativante de Cafasso em relação aos jovens do Colégio e em particular a Dom Bosco.

O método formativo de Cafasso visava, antes de tudo, a lançar as bases e a consolidar a ossatura interior dos jovens sacerdotes. Para realizar isto, ele se valia em particular das aulas de teologia moral prática, da homilética e da ascética. O exemplo coerente e convincente que ele oferecia aos jovens, com os conteúdos que transmitia, era fascinante e envolvia os formandos em primeira pessoa. Os jovens sacerdotes, além disso, eram envolvidos numa experiência de tirocínio prático e enviados a exercer o seu ministério em atividades pastorais de fronteira (os cárceres, as obras da mendicância instruída, as escolas populares dos Irmãos das Escolas Cristãs, a obra dos catecismos). Neste horizonte é colocada a visita de Dom Bosco aos cárceres da cidade, mas também sua inserção nas obras da Barolo, mediada precisamente por Cafasso, como primeiro e verdadeiro tirocínio de Sistema Preventivo.

Dom Bosco, de sua parte, confiou-se totalmente ao seu guia, continuando o estilo de obediência e de docilidade assumido no Seminário. Além do guia sábio e prático, Dom Bosco via em Cafasso a realização do modelo de padre que lhe havia sido apresentado no Seminário, por isso foi-lhe ainda mais simples escolhê-lo como seu diretor espiritual e, anos mais tarde, emitir este juízo: «Dom Cafasso, que por seis anos foi meu guia, foi também meu diretor espiritual e, se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico em cujas mãos coloquei toda a minha decisão, todo estudo, cada ação da minha vida».<sup>81</sup>

A ação de Cafasso de guiar e acompanhar Dom Bosco revelou-se muito preciosa desde o início, ou seja, desde o momento em que o jovem Bosco, neossacerdote, precisou de uma ajuda para o discernimento acerca do seu futuro.

<sup>81</sup> MO 126.

Nas *Memórias*, Dom Bosco afirma que foi Dom Cafasso que o convidou a frequentar o biênio no Colégio Eclesiástico. Naquele momento, foram oferecidas a Dom Bosco três possibilidades de ministério: professor na casa de um senhor genovês; capelão em Murialdo; vice-pároco em Castelnuovo. Antes de decidir ele se aconselhou com Dom Cafasso: «Antes de qualquer decisão final fiz uma viagem a Turim para pedir conselho a D. Cafasso que, fazia anos, havia se tornado meu guia em assuntos espirituais e temporais». Resulta, então, que D. Cafasso já era conselheiro de João quando era clérigo.

Focalizamos em particular as dinâmicas relacionais e espirituais ativas nestes dois momentos, colocando em evidência as atitudes dos dois protagonistas. Observamos mais de perto o acompanhamento de Dom Bosco por Dom Cafasso, evidenciando a atitude que caracteriza o acompanhado e o acompanhante, ambos em plena disponibilidade à vontade de Deus que se manifesta nas inspirações do Espírito Santo.

<b>O discernimento para entrar no Colégio Eclesiástico</b>		
<b>Das <i>Memórias do Oratório</i></b>	<b>Atitude do acompanhado</b>	<b>Atitude do acompanhante</b>
<p>«Aquele santo sacerdote escutou tudo, as propostas de bons salários, as insistências dos parentes e dos amigos, a minha boa vontade de trabalhar. Sem hesitar um instante ele me dirigiu estas palavras: “Você precisa estudar a moral e a pregação. <i>Renuncie por ora a toda proposta e venha para o Colégio Eclesiástico</i>”» (MO 124).</p>	<p><b>Submete-se</b> humildemente às propostas recebidas colocando-se nas mãos do seu guia em atitude de dócil obediência.</p>	<p><b>Escuta</b></p> <p><b>Distingue</b> entre as três diferentes possibilidades deixando-se guiar por um critério formativo que vá além da vantagem imediata.</p> <p><i>Sem hesitar um instante...</i></p> <p>Cafasso não era uma pessoa precipitada nos conselhos e nas decisões, todavia, quando via com clareza não tergiversava, mas ia direto ao objetivo, com decisão. Os dois imperativos: <i>renuncie e vá</i>, o confirmam.</p>

## A destinação pastoral de Dom Bosco

O discernimento para entrar no Colégio Eclesiástico		
<p><i>Certo dia D. Cafasso me chamou e me disse: Você completou o seu Curso; agora é necessário que comece a trabalhar. Nestes tempos a messe é muito grande.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A que você se sente especialmente inclinado?</i></li> <li>- <i>Àquilo que o Senhor tiver o prazer de indicar-me.</i></li> <li>- <i>Há três empregos: Vice-pároco de Buttigliera d'Asti; Revisor de Moral aqui no Colégio Eclesiástico; Diretor do pequeno Hospital ao lado do Refúgio.</i></li> <li>- <i>Qual você escolhe?</i></li> <li>- <i>Aquele que o Senhor achar melhor.</i></li> <li>- <i>Você não sente propensão mais para uma coisa do que para a outra?</i></li> <li>- <i>A minha propensão é ocupar-me com a juventude. Então, o Senhor faça de mim o que quiser. Eu reconheço a vontade de Deus no seu conselho.</i></li> <li>- <i>Neste momento, o que ocupa o seu coração, o que se passa na sua mente?</i></li> <li>- <i>Neste momento parece que estou no meio de uma multidão de meninos, que me pedem ajuda.</i></li> <li>- <i>Então, vá tirar algumas semanas de férias. Ao retornar, eu lhe direi qual é a sua destinação [...].</i></li> <li>- <i>Depois daquelas férias, D. Cafasso deixou passar algumas semanas sem dizer-me nada; não lhe perguntei absolutamente nada.</i></li> <li>- <i>Por que não me pergunta sobre a sua destinação? Disse-me certo dia.</i></li> <li>- <i>Porque eu quero reconhecer a vontade de Deus em sua deliberação e nada quero colocar da minha vontade [...].</i></li> <li>- <i>Pegue a sua mala e vá com T. Borrelli; lá você será diretor do pequeno Hospital de S. Filomena; trabalhará também na Obra do Refúgio. Enquanto isso Deus lhe colocará entre as mãos tudo o que deverá fazer pela juventude.</i></li> </ul>	<p style="text-align: center;">Atitude do acompanhado</p> <p>Promete completa disponibilidade diante dos conselhos de Cafasso que reconhece as “intervenções de Deus” em seu futuro.</p> <p>Encorajado por Cafasso, relê a sua experiência e reencontra nela o chamado de Deus para ocupar-se da juventude.</p>	<p style="text-align: center;">Atitude do acompanhante</p> <p>Diferentemente da decisão precedente – tomada com determinação e sem esperar – aqui Cafasso demonstra prudência.</p> <p>Espera o momento certo para dar o conselho.</p> <p>Com perguntas oportunas faz vir à luz o projeto de Deus (= carisma) sobre Dom Bosco a partir das suas predisposições humanas e dos apelos interiores do Espírito Santo.</p> <p>Entre o primeiro e o segundo colóquio deixa passar um período de tempo no qual invoca a luz do Espírito Santo.</p> <p>Nota-se a solenidade do momento.</p> <p>Não toma a iniciativa, mas deixa a Dom Bosco o protagonismo acerca da escolha definitiva do seu futuro.</p>

### 3. A proposta formativa de Cafasso

#### 3.1. A identidade e a missão do sacerdote

Cafasso convida cada jovem a *estimar* muito a *dignidade da própria identidade e missão sacerdotal*. Põe em evidência a grande responsabilidade que cada um tem relativamente a este dom recebido. Portanto, é necessário dispor-se com todas as forças à tarefa de assumir os traços que caracterizam o sacerdote pastor de almas, isto é, disposto a servir o Senhor *prontamente, exatamente e com garbo*.

A *consciência da própria fraqueza* mantém o sacerdote na sua condição de humildade: «O eclesiástico que sabe e vive praticamente persuadido de ser um homem como os outros... refreia os sentidos, administra a gula, guarda os olhos, foge dos lugares e das pessoas que dissipam, do perigo, faz uso somente daquilo que pode torná-lo vencedor nos desafios e nos perigos, a oração e a fuga das ocasiões: e bom para ele porque bastaria que se esquecesse apenas um momento de ser homem para achar-se arruinado».<sup>82</sup>

Da consciência do próprio ministério brota a necessidade da *formação contínua*: «Somente a ciência da moral e a preparação para o púlpito são suficientes para ocupar todo o tempo livre das obras do seu ministério que um Sacerdote pode ter».<sup>83</sup> Dom Cafasso desaprova aqueles padres que se contentavam com um estudo feito uma vez para sempre, ou com alguma leitura superficial. O tema do estudo, que hoje se identifica como atualização constante para estar à altura do próprio ministério, afirma Lúcio Casto, é assunto característico da espiritualidade sacerdotal de Cafasso: «um assunto um tanto surpreendente num homem como ele, que tinha uma vida literalmente devorada pelos empenhos ministeriais. Cafasso, no entanto, não faz concessões a este respeito: uma lição que certamente foi recebida pelos melhores dos seus discípulos, dentre eles, Dom Bosco».<sup>84</sup>

<sup>82</sup> CAFASSO Giuseppe, *Opere complete. IV: Meditazioni per esercizi spirituali al clero*, 10-12.

<sup>83</sup> CAFASSO, *Esercizi spirituali al clero* 527.

<sup>84</sup> CASTO, *San Giuseppe Cafasso formatore*, em BUCCELLATO (editado por), São Giuseppe Cafasso 114.

Segundo Cafasso, o sacerdote está particularmente envolvido no ministério da *pregação e da confissão*. Para estas eles devem se preparar com o estudo e o exercício. Quanto ao resto, o sacerdote deve ter vida retirada e modesta: «O que é preciso a um sacerdote para se salvar? Nada mais do que aquela vida ministerial ordenada, devota, recolhida, que vemos em tantos bons padres. Nada de extraordinário, de surpreendente, de estrepitoso aos olhos do mundo. Cada coisa a seu tempo: o despertar, o estudar, o cuidar dos enfermos, o atendimento às confissões, o repousar e também um pouco de trégua, mas tudo, repetido, com ordem, e não por capricho ou secundando desejos, pois não é isso que deve regular a jornada de um sacerdote».<sup>85</sup>

Este é o quadro de um *heroísmo ordinário*: «As obras grandes são poucas, e poucos são chamados a realizá-las [...] Então, a vida do verdadeiro e bom sacerdote há de ser tecida de obras para a glória de Deus, e de zelo pelas almas, e não de ocupações profanas, seculares, divertimentos e ociosidades; de modo que, ao findar de um dia, de um mês, de um ano [...] dever-se-ia perguntar ao sacerdote quantas almas salvou, quantas ajudou, que tipo de glória procurou, porquanto estas e não outras hão de ser as ocupações do sacerdote».<sup>86</sup>

### 3.2. *Jesus Cristo, pastor das almas, único modelo do sacerdote*

O dever principal do sacerdote é identificar-se com o espírito de Jesus Cristo, com seus sentimentos e pensamentos. É tornar o próprio coração e o próprio espírito, conformes ao d'Ele. «Tomemos nas mãos este Crucifixo e, fixando-o, digamos a nós mesmos: – se não me faço uma só coisa com este Senhor, se os meus pensamentos, os meus afetos, as minhas obras não são como as obras deste divino Redentor, devo desiludir-me: terei o nome, o título, o caráter de sacerdote, mas na realidade não o sou: serei sacerdote sim, mas desvinculado, separado do princípio que me deve animar; sacerdote, porém, cópia disforme, degenerada do meu tipo e do meu modelo».<sup>87</sup>

<sup>85</sup> CAFASSO, *Esercizi spirituali al clero* 634.

<sup>86</sup> *Ibid.* 686.

<sup>87</sup> CAFASSO, *Opere Complete* III, 203-204.

A vida e as ações de Jesus, contínuo ponto de referência do sacerdote:

*Em Belém* aprendemos de Jesus a verdadeira pobreza, o desapego de si e a humildade: «Rezamos, estudamos, trabalhamos, mas tudo isso de nada valerá se não formos humildes; mesmo se formos castos, caridosos, pacientes, zelosos, sem a humildade tudo isso será como um palacete vistoso, resplandecente, enfeitado, que logo desabarará, pois não tem alicerces. O Senhor nunca se servirá daquele sacerdote que, persuadido de ser alguma coisa, faz depender de si mesmo, em tudo ou ao menos em parte, o fruto do seu ministério, da sua ciência, da sua habilidade, do seu modo de fazer».<sup>88</sup>

*Jesus em Nazaré* por longos anos foi modelo de vida recolhida e laboriosa. Daqui nasce a “*ritiratezza*” e a “separação” da dissipação, dos rumores, das divagações. Isto confere ao sacerdote delicadeza, profundidade e eficácia, é condição para cultivar o “espírito interior”, isto é, o espírito de quem «não opera por acaso ou por fins humanos, mas para a glória de Deus; espírito que não se preocupa em fazer muito, mas em fazer bem; espírito que não julga as coisas pela aparência, mas tão somente pela substância e que, por isso, considera como vaidade e sem consistência tudo aquilo que não é feito para a glória do seu Senhor».<sup>89</sup>

A “*ritiratezza*” do sacerdote é “ocupada”, isto é, assídua e constante, adequada e útil, ordenada e dependente: «O estudo do confessional e do púlpito, uma ciência suficiente para os casos que ocorrem, a maneira de saber conduzir uma alma, orientá-la, cultivá-la, um jeito útil de fazer a pregação, capaz de atrair a audiência e de dizer tudo o que deve ser dito sem ofender, nem causar aborrecimentos; facilitando o caminho para que possa ser feito aquilo que lhe foi dito, sabendo animar com motivos fortes, agradáveis, claros e muitas outras coisas e iniciativas, que ajudam a tornar útil o nosso ministério... Eu digo que tudo isso não é serviço de um momento, não se aprende em um dia, é preciso estudo, consideração, experiência, oração e não de um dia e de uma vez, mas diária e continuamente».<sup>90</sup>

<sup>88</sup> *Ibid.* 213-214.

<sup>89</sup> *Ibid.* 233.

<sup>90</sup> *Ibid.* 233.

*Jesus no ministério público* é modelo de virtudes pastorais: espírito de oração, de doçura e caridade, de verdadeira e plena generosidade de modo a ter em mira apenas e sempre a salvação das almas: «Eis, neste pequeno quadro, um sacerdote de oração: quando tem algum retalho de tempo goza dele, consagrando-o à oração, e quando não o tem, encontra o modo de manter viva a sua relação com Deus por meio de aspirações, de olhares, de ímpetos amorosos; não espera que outros lhe ensinem, sabe fazê-lo por si mesmo e com facilidade, com destreza, trabalhando, caminhando, até mesmo conversando e rindo. Daqui nasce aquela retidão de intenções, aquela franqueza no bem que não teme nem obstáculos nem zombarias, aquela maneira de trabalhar que edifica e encanta, aquela candura, aquela alegria no semblante e no trato que atrai e cativa e, finalmente, aquela união nas palavras, na pregação e no confessionário».<sup>91</sup>

A respeito da *doçura*: «O Divino Redentor sempre foi amável, em todos os lugares e com todos, sem exceção: com os familiares e com os estranhos, com os pequenos e com os adultos, com os ricos e com os pobres, com os amigos e com os inimigos, com os justos e com os pecadores, fossem estes penitentes ou obstinados; amável não somente em certos dias ou períodos de tempo, mas habitualmente; amável em tudo, no trato, na sua maneira de falar ou até mesmo no olhar; de modo que quem tivesse de tratar com ele ou somente o visse, ficava enlevado e enamorado, tão calma e serena era a sua presença».<sup>92</sup>

*Jesus pregado na cruz*, paciente, manso e obediente, que entrega nas mãos do Pai a sua vida, é a mais sublime lição ao sacerdote: «Tomemos nas mãos este Crucifixo e digamos-lhe: Senhor, resta-nos ainda um assunto a ser esclarecido entre nós dois, é sobre este tempo de vida que ainda me resta. Vós sois o único dono dele, pensei nisto, eu o coloco nas vossas mãos e não penso mais; não pensarei mais nem em viver nem em morrer, mas somente em trabalhar como exige o meu dever, para agradar-vos em tudo, fazer sempre a vossa vontade. Senhor, direi, Vós o sabeis, quero morrer convosco, quero morrer como Vós, quero morrer em vossa companhia».<sup>93</sup>

<sup>91</sup> CAFASSO, *Opere complete* III, 245-246.

<sup>92</sup> *Ibid.* 49.

<sup>93</sup> *Ibid.* 290-291.

É um ímpeto de amor puro, afirma Giraudo, que compõe o coração da espiritualidade sacerdotal de Cafasso. Um amor de caráter unitivo, que se exprime pensando frequentemente em Deus e desejando conformar-se plenamente à vontade divina; desejando que não haja diferença alguma entre a sua e a nossa vontade.<sup>94</sup> O padre que vive com tal intensidade de amor não percebe as fadigas do ministério, trabalha com fecundidade, vive sereno, calmo, tranquilo e feliz, preocupado em fazer tudo unicamente para servir e glorificar a Deus:

«Acreditai em mim, meus irmãos, o vazio de nós, padres, habitualmente está mais no coração do que nas mãos, e quero dizer que, com exceção de poucos, geralmente, se trabalha como sacerdote; mas o que valem estas obras externas, aparentes, superficiais, quando lhes falta a substância, o miolo, a retidão nos objetivos e aquela pura intenção de agradar a Deus e de buscar unicamente a sua glória? Trabalha-se, sim, como muitos sacerdotes o fazem, mas trabalha-se por lucro e interesse temporal, trabalha-se por ambição e por um pouco de vanglória; trabalha-se por genialidade e inclinação natural; trabalha-se finalmente por costume e hábito. Comumente, estas são as causas motrizes em muitos sacerdotes, mesmo ocupados da manhã à noite com trabalhos mais ou menos orientados pelo ministério...

Ao contrário, considerai outro sacerdote ainda mais sobrecarregado de dificuldades, de aborrecimentos, mas dotado de outro espírito, que em suas ações busca somente a vontade do Senhor, a sua honra, a sua glória, e logo vereis nele um sacerdote brioso, outra alma, outros modos e maneiras bem diferentes. Observai com que hilaridade, com que alegria, também externa, ele se comporta em meio às ações mais comuns, repulsivas e cansativas. O que se dizer depois que se entrar naquele coração? Qualquer que seja a ação desse sacerdote, ele sempre traz consigo aquele conforto de paraíso. Aliás, esta pureza de intenção é a que nos serve de grande meio e de forte estímulo para fazer bem as nossas obras, e para torná-las úteis e frutuosas ao nosso próximo».<sup>95</sup>

As ideias oferecidas na figura de Cafasso são suficientes para restituir uma figura imponente e determinante à formação do clero

<sup>94</sup> Cf. GIRAUDO, *Servite il Signore nella gioia* 61.

<sup>95</sup> CAFASSO, *Opere complete* IV, 314. 217. 318.

turinês, no século de Dom Bosco. É evidente também que o modelo formativo do santo, afirma Buccellato, «foi pensado num tempo profundamente diferente do nosso». O desejado «desapego do mundo» não é mais viável num tempo de nova evangelização que requer a capacidade de conhecer e valorizar alguns espaços socialmente relevantes; a identidade do presbítero é cultivada, hoje, pela dimensão ministerial que se diferencia numa pluralidade de papéis; a mesma disponibilidade ao ministério das confissões é submetida à lei da demanda e da oferta. Aliás, uma «pastoral da conservação» não pode ser reproposta na moderna sociedade pós-cristã e secularizada; em cada caso deve-se perguntar se o estilo “estufa” dos seminários pós-tridentinos, em parte ainda em voga hoje, é adequado para formar personalidades robustas e pastores corajosos.<sup>96</sup>

Para nós, isto significa que o modelo do Colégio Eclesiástico é interpretado e avaliado em função da resposta, certamente eficaz, que soube dar ao contexto religioso e social em que nasceu, mas que, ao mesmo tempo, não pode ser reproposto *sic et simpliter* no contexto atual.

Resta o fato de que alguns elementos formativos e algumas intuições possam ser para nós motivo de reflexão, embora com as necessárias relevâncias críticas.

A percepção da importância de serem comunicadores eficazes, por exemplo, é certamente ainda hoje de grande atualidade e pode enriquecer-se com a contribuição das ciências da comunicação. A consideração do particular cuidado que necessitam os anos imediatamente sucessivos à ordenação presbiteral e a inadequação de experiências formativas ocasionais e fragmentárias; a necessidade de integrar os percursos teóricos das ciências teológicas com a vida real e o serviço aos pobres, e com a gradual aquisição de uma experiência pastoral; a eficácia de um modelo de formação desvinculado de exames e avaliações institucionais, e centrado no papel de guias experientes e fidedignos; uma “paixão pelo Reino” que não conhece medida e que se confronta, hoje, com a tibieza do pensamento frágil

<sup>96</sup> BUCCELLATO Giuseppe, *Il Convitto Ecclesiastico di Torino: un modello di formazione presbiterale nell'Ottocento italiano*, em ID. (editado por), *São Giuseppe Cafasso* 50.

e com uma religião às vezes privada de impulsos de autêntica religiosidade. «Provavelmente, isto e muito mais ainda, pode ensinar-nos o Colégio Eclesiástico».<sup>97</sup>

A nós permanece, todavia, o empenho de conhecê-lo e, sobretudo, de reencontrá-lo em sua obra prima: Dom Bosco que, do seu mestre, copiou o zelo pela salvação das almas, o senso altíssimo da dignidade sacerdotal, o cuidado pelo ministério, o amor ao estudo, a versatilidade pastoral e, sobretudo, a santidade simples e cotidiana que se torna o manifesto da espiritualidade salesiana.

### **Para a reflexão e a partilha**

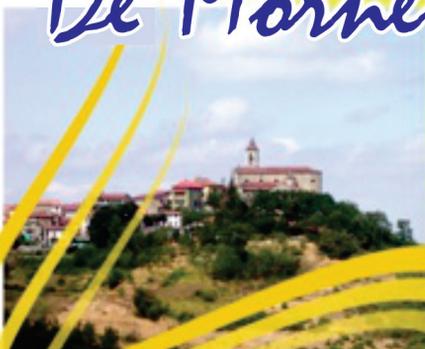


- ✓ *O que mais a toca no modelo formativo do Colégio Eclesiástico? Quais elementos mantêm a sua atualidade?*
- ✓ *Reconstrua e descreva conteúdos e modalidades do acompanhamento de Dom Bosco por Dom Cafasso e do seu discernimento sobre a futura missão. Quais ideias podem ser aproveitadas hoje?*

<sup>97</sup> BUCCELLATO, *Il Convitto Ecclesiastico* 50.

*O itinerário  
de Maria D. Mazzarella*

*De Mornese*



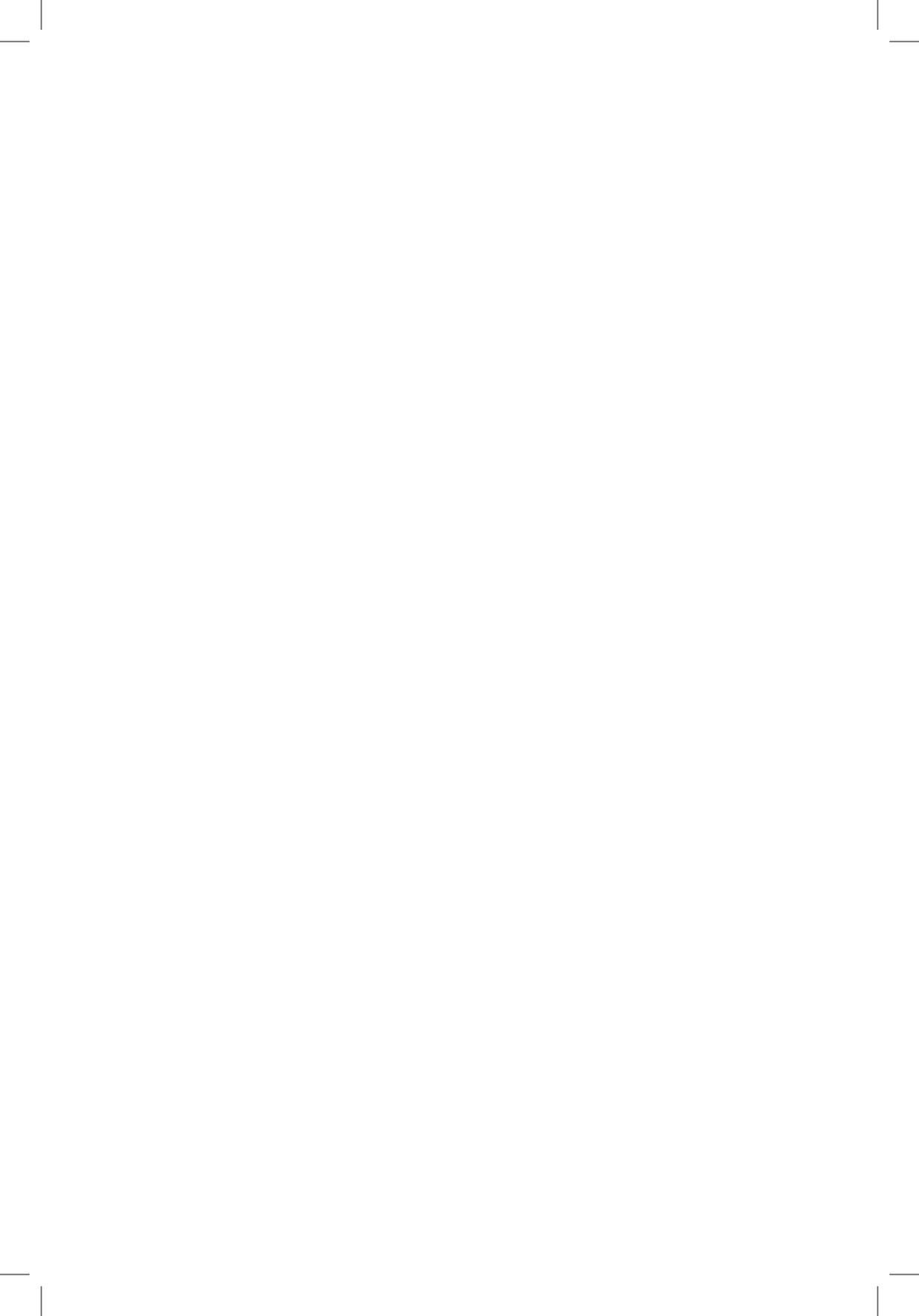
*a Nizza*





# *Caminhando com a Palavra*





## **«Estão em ti todas as minhas fontes» (Sl 87)**

Em nossa época de grande mobilidade, os meios de transporte ligam um ponto ao outro do planeta com rapidez sempre maior e diariamente as fronteiras são atravessadas por milhares de migrantes, de nômades, de turistas: os deslocamentos físicos abrem novos espaços sociais e novas dimensões de existência. Apesar disso, no fundo do coração humano sempre existe um anseio, mais ou menos consciente, de voltar à raiz da própria identidade para poder reconhecer-se no fluxo dos eventos e das coisas. Existe um inalienável desejo de ter fortes pontos de referência na terra, de estar em casa: existe saudade de uma pátria. O vínculo com o espaço e a terra é tão importante quanto o vínculo com o tempo e a história. Considere-se que na antiguidade usava-se identificar as pessoas pela sua pertença a um território específico ou cidade natal: Francisco de Assis, Tomás de Aquino, Leonardo da Vinci, etc. Se este vínculo vital com a própria terra de origem vale para todas as pessoas, com maior razão é importante para um povo convicto de que a própria terra é terra do Senhor, terra doada pelo Senhor com amor, terra onde o Senhor mesmo habita. O Salmo 87, no qual concentramos a nossa reflexão, expressa de modo intenso e luminoso o orgulho e a alegria de pertencer a esta terra.

Hoje, o primeiro dia de nossa parada em Mornese, meditamos este salmo. De diversas partes do mundo, voltamos a Mornese, às fontes, à nossa pátria espiritual. Foi aqui que brotou o «espírito de Mornese» que caracteriza o nosso Instituto, foi aqui que todas as Filhas de Maria Auxiliadora de cada geração e de cada lugar nasceram. Cada retorno à terra natal é um fortalecer a própria identidade, um alimentar-se na primeira fonte da vida, um reinserir-se no espaço carregado de afeto genuíno, um alcançar do passado, esperança para o futuro. Cada retorno à pátria é como uma descoberta e uma nova consciência do próprio eu. Voltamos a Mornese para recarregar-nos da força das raízes e da transparência das origens. Após mais de 140 anos, Mornese ainda é terra fecunda. Os fundamentos do «monumento vivo» são sólidos. Também deste pequeno povoado na colina, «dizem coisas maravilhosas».

## 1. Salmo 87: Sião, terra natal e origem de todos os povos

O nosso salmo pertence à série dos salmos que têm por tema o louvor à cidade de Sião, localizada no «monte santo» e «escolhida» por Deus «como sua morada» (cf. Sl 46, 48, 76, 84). A sua composição provavelmente é do período pós-exílico. A estrutura poderia configurar-se como tripartida. A primeira parte (1b-3) apresenta o salmista que exalta a relação de predileção de Deus para com Sião, a segunda (4-5) contém palavras de Deus acerca de Sião, enquanto a terceira (6-7) reporta palavras que os povos dizem a respeito de Sião.

O salmista (1b-3): *Os seus fundamentos estão sobre os montes santos;*

*o Senhor ama as portas de Sião  
mais do que todas as moradas de Jacó  
de ti dizem coisas maravilhosas, cidade de Deus.*

Deus mesmo (4): *Lembrarei Raab e Babilônia  
entre aqueles que me conhecem;  
eis, Palestina, Tiro e Etiópia:  
todos lá nasceram.*

Os povos (5-7): *Dir-se-á de Sião: “Um e outro ali nasceu  
e o Altíssimo a mantém firme”.  
O Senhor escreverá no livro dos povos:  
“Lá este nasceu”.  
E dançando cantarão:  
“Estão em ti todas as minhas fontes”.*

Encontramos neste breve salmo duas séries de vocábulos: a primeira é uma sequência de termos “topográficos” – fundar, montes, portas, moradas, cidade – a segunda gira em torno do verbo “nascer”, repetido três vezes. Do entrelaçamento das duas séries de vocábulos emerge a ideia da Sião-Mãe. A cidade torna-se ventre, o espaço é visto como um sinal de vida.

## 2. A cidade predileta de Deus (vv. 1b-3)

A cidade de Sião possui uma grande solidez, porque «os seus fundamentos estão nos montes santos»; antes, porque está fundada no próprio Deus. No Salmo 45 aparece expressa esta mesma certeza: «Deus está nela: não poderá vacilar». Também Jesus usará esta imagem para reafirmar a solidez da Igreja e de cada fiel que constrói a própria vida sobre a palavra de Deus (cf. *Mt* 16,18; *Mt* 7, 24).

O Senhor «ama as portas de Sião mais do que todas as moradas de Jacó»: a escolha de Sião como morada é concedida unicamente pela gratuidade do amor de eleição. «O Senhor ligou-se a vós e vos escolheu, não porque sois mais numerosos do que os outros povos – sois de fato o menor de todos os povos –, mas porque o Senhor vos ama» (*Dt* 7,7). Como Israel goza da predileção do Senhor em meio a todos os povos, assim Sião, entre todas as cidades de Israel, emerge como objeto particular do amor divino.

A escolha de Sião como morada do Senhor, porém, não é fim em si mesma: cada eleição é feita em vista de uma missão. Sião vai descobri-la sempre mais ao longo da história. «De ti dizem coisas maravilhosas, cidade de Deus»: a cidade vai abrir-se ao mundo, vai tornar-se o ponto de irradiação da glória do Senhor, testemunha das suas obras maravilhosas, como anuncia um oráculo do Senhor por meio do profeta Isaías: «Eu virei reunir todos os povos e todas as línguas; e eles virão e verão a minha glória» (*Is* 66, 18).

## 3. Todos lá nasceram (v. 4)

Na segunda e terceira parte do salmo, ouvem-se duas vozes: a voz de Deus e uma voz coral, a dos povos; ambas proclamam a mesma realidade: «Todos lá nasceram!».

Deus fala em primeira pessoa. O salmo permite-nos imaginar uma cena de recenseamento, na qual é Deus mesmo que acolhe as pessoas que vêm para registrar-se, é Ele que escreve no «livro dos povos», como num registro civil, os seus nomes. De onde afluem e convergem para Sião os vários povos? Dos quatro pontos cardeais da terra: «Lembrarei Raab e Babilônia entre aqueles que me conhecem;

eis, Palestina, Tiro e Etiópia: todos nasceram lá». Raab, isto é, o Egito, é a superpotência do oeste, Babilônia representa a civilização da mesopotâmia e todos os reinos do leste, a Palestina – país dos Filisteus – e Tiro estão no norte, a Etiópia está no Sul. Estes povos são descritos como se fossem indivíduos que se apresentam para o recenseamento. A todos o Senhor confere a cidadania em sua cidade. «Lá ele nasceu» soa como uma fórmula oficial com que se declara um indivíduo que nasceu em uma determinada cidade e, portanto, como tal, é dotado de todos os direitos municipais. Não se trata, porém, apenas de uma pertença jurídica: os cidadãos da cidade de Deus participam da obra salvífica de Deus, «conhecem» Deus e são «lembrados» por ele; têm uma relação de intimidade, de familiaridade com Deus. Parece quase perceber o eco das palavras de Paulo: «não mais estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus» (*Ef* 2,19). Surge espontânea a associação com a palavra entusiasmada de Jesus: «Alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos nos céus» (*Lc* 10, 20). É Deus mesmo que escreve os nossos nomes e nos acolhe no seu espaço de amor e de salvação. O gesto de escrever marca nitidamente que se trata de um vínculo forte, de uma pertença indelével.

Os cinco povos elencados têm um claro valor simbólico: representam todos os povos da terra. Isto confere uma perspectiva de universalidade ao salmo todo e, ao mesmo tempo, revela uma profissão de fé em Deus, Senhor de todos os povos; esta convicção será sempre mais reforçada no tempo do pós-exílio. Muitos outros textos desse período manifestam a mesma linha teológica, como, por exemplo, nos profetas: «Alegra-te, exulta, filha de Sião, porque, eis que venho para morar em teu meio. Oráculo do Senhor. Naquele dia, nações numerosas aderirão ao Senhor e se tornarão seu povo, e ele morará no meio de ti e tu reconhecerás que o Senhor dos exércitos me enviou» (*Zc* 2,14-15; cf. também *Is* 60, 1-16); e nos salmos: «Todas as gentes que criaste virão e se prostrarão diante de ti, Senhor, para dar glória ao teu nome. Grande és tu e realizas maravilhas: tu somente és Deus» (*Sl* 86, 9-10). O nosso salmo destaca-se pela sua originalidade: a realeza universal de Deus é expressa por meio da imagem perspicaz do recenseamento.

#### 4. Estão em ti todas as minhas fontes (vv. 5-7)

Chegando à cidade de Deus os povos darão início a uma festa com danças e canções. Nos vv. 5-7 ouvem-se as vozes destes povos representantes de todos os povos da terra. Eles constatam com admiração e estupor que cada um deles nasceu em Sião. É a descoberta alegre da cidadania comum e da fraternidade universal no seio da Mãe Sião. É a descoberta da sua identidade no projeto de Deus, de um Deus «Altíssimo» que impera no céu (cf. Sl 18,14), que é «o grande rei de toda a terra» (Sl 47,3), mas que não desdenha, antes, se compraz em tomar morada em Sião. É este Deus Altíssimo que mantém firme a sua cidade, com todos os povos reunidos no seu seio, é este Deus que confere harmonia e fecundidade a Sião.

O canto alegre dos povos: «Estão em ti todas as minhas fontes» desenvolve ulteriormente o simbolismo materno da cidade santa. À imagem do seio materno associa-se a da fonte, que alude provavelmente à ideia do “rio do templo” do qual falam os profetas do pós-exílio. De fato, para Ezequiel (47, 1-12) e Zacarias (13,1; 14,8), o rio que jorra do lado direito do templo contém uma água que irriga e torna férteis todos os terrenos e também purifica as águas salgadas do Mar Morto. Aquelas águas, por onde quer que escoem, levam vida e esperança, alegria e fecundidade.

Sião é, ao mesmo tempo, mãe da qual se nasce e fonte da qual jorra a água. É em Sião que a glória de Deus se irradia para todo o mundo, é por meio de Sião que a bênção de Abraão passa aos povos (cf. Gn 12,3). A cidade eleita e amada pelo Senhor torna-se a cidade que transmite vida e bênção a todos os povos.

## «O meu rosto caminhará contigo» (Ex 33,14)

Nós nos preparamos para uma peregrinação a Valponasca. Queremos colocar como objeto particular da nossa reflexão o termo “caminhar” com toda a riqueza de significado que comporta. Deixamo-nos acompanhar pela Palavra com a convicção do salmista: «Lâmpada para os meus passos é a tua palavra, luz no meu caminho» (Sl 118,105).

O caminho é uma categoria que percorre toda a Bíblia. Trata-se de um elemento estrutural da fé: não se proporcionaria uma experiência de fé sem alguma forma de itinerância. Esta constatação parece que vale também para a vida humana em geral: sair, movimentar-se, caminhar, viajar, passar, peregrinar, voltar, atravessar, ultrapassar, etc., portanto, são modos fundamentais de humanização. O caminho combina o espaço e o tempo. Caminha-se de um lugar para o outro, de um acontecimento para o outro, de uma experiência para a outra, de uma decisão para a outra. A vida desenvolve-se exatamente no dinamismo deste movimento.

A revelação de Deus na história de Israel, e depois, sobretudo na história de Jesus e do seguimento dos seus discípulos, mostra como o próprio Senhor é itinerante em movimento rumo a nós e conosco. É Deus o primeiro que, para encontrar-nos, sai de si mesmo. Ele se colocou a caminho por primeiro para entrar na nossa realidade humana e libertar-nos da escravidão. A relação entre Deus e o homem, segundo a revelação bíblica, é construída sobre um *advento* de Deus e um êxodo humano: Deus sai de si mesmo para vir até nós e nós saímos de nós mesmos para ir-lhe ao encontro. Há, portanto, uma força que impele o cristão a colocar-se a caminho, a ser peregrino na fé, a pôr-se em estado permanente de êxodo: êxodo de si mesmo e das próprias seguranças: sair de si para entrar em relação com o outro; êxodo da Igreja para lançar-se na missão com maior paixão e agilidade. «Uma igreja em saída» é efetivamente uma imagem eclesial desejada pelo Papa Francisco. Ele afirma na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: «Na Palavra de Deus aparece constantemente este dinamismo de “saída” que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou o chamado para partir rumo a uma terra nova (cf. Gn 12, 1-3).

Moisés escutou o chamado de Deus: vai, eu te envio” (*Ex 3,10*) e fez o povo sair rumo à terra prometida (cf. *Ex 3,17*). A Jeremias disse: “Irás a todos aqueles aos quais eu te enviar” (*Jr 1,7*).<sup>98</sup>

Hoje, neste “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade discernirá qual é o caminho que o Senhor pede, porém, todos nós somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.<sup>99</sup> «Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo». O Papa exorta com insistência: « Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e suja por ter saído pelas ruas, do que uma Igreja doente pelo fechamento e pela comodidade de agarrar-se às próprias seguranças».<sup>100</sup>

Procuremos agora aprofundar um pouco mais este dinamismo do caminho e da saída no Antigo Testamento. Dois são os termos que queremos destacar: o tema do “caminho” e o tema do “*Deus que caminha com*”.

## 1. O tema do caminho no Antigo Testamento

«Meu pai era um Arameu errante...» (*Dt 26, 5*): assim começa a oração para a oferta das primícias. Os israelitas de cada geração não se esquecem de que os seus antepassados eram nômades. Abraão é conduzido para uma terra desconhecida. O Senhor lhe diz sem muitos preâmbulos: «Sai da tua terra, da tua pátria e da casa do teu pai, e vai para a terra que vou te indicar» (*Gn 12, 1*). Estabelecido em Canaã, Abraão deverá ainda movimentar-se e se preocupar com a manutenção da própria vida e da família. De fato, imediatamente depois do relato da chegada de Abraão, o Gênesis comenta: «Houve uma grande carestia em Canaã e Abraão desceu para o Egito, e lá ficou por algum tempo» (*Gn 12, 10*). Deverá enfrentar diversos conflitos: aqueles com as culturas estrangeiras e aqueles mais penosos,

<sup>98</sup> EG 20.

<sup>99</sup> L. cit.

<sup>100</sup> *Ibid.* 49.

desencadeados na família. Na segunda geração depois de Abraão, Jacó deverá partir para Haran fugindo da ira do irmão Esaú. Mais tarde será José a deixar a terra, vendido pelos irmãos e levado pelos mercadores para o Egito. Sucessivamente todo o clã emigrará para o Egito e ficará naquela terra mais de quatro séculos. Em suma, para os patriarcas, caminhar é o seu destino, a sua vocação, a sua crença e esperança, a sua experiência com Deus e com os outros. Esta itinerância originária será prolongada ao longo de toda a história de Israel e o ser «estrangeiros e peregrinos na terra» (*Hb* 11,13) fará parte constitutiva da identidade do povo. De fato, quando finalmente Israel habitar na terra prometida, continuará a considerar-se um hóspede, um inquilino que mora numa terra que não é a sua. Deus mesmo não cessará de lhes lembrar: «A terra é minha e vós estais comigo como forasteiros e hóspedes» (*Lv* 25, 23). O *Sl* 39,13 recita: «Junto de ti eu sou um forasteiro, hóspede como todos os meus antepassados». E Davi, no final de sua vida, dirá: «Nós somos forasteiros diante de ti e hóspedes como todos os nossos antepassados» (*1 Cr* 29,15).

A itinerância inclui também o elemento “*erranza*”. É uma busca, e como tal ela tem momentos de bloqueio, de desaceleração, de estagnação, de desorientação, de regressão, de conversão, de retorno. As várias vicissitudes históricas – o êxodo, o exílio, a diáspora – são um entrelaçamento destes elementos que marcam de modo indelével a consciência do povo de Israel. Em particular, nos eventos do êxodo, em seu caminho longo e cansativo pelo deserto, Israel percebe-se sendo guiado por uma sábia pedagogia de Deus. Portanto, a itinerância é também uma escola, é lugar de prova, de tentação, de lutas e quedas, mas ao mesmo tempo é a ocasião da epifania do amor de Deus: «Lembra-te de todo o caminho que o Senhor teu Deus te fez percorrer nestes quarenta anos no deserto, para humilhar-te e colocar-te à prova, para saber o que tinhas no coração e se observaste ou não os seus mandamentos. Humilhou-te e te fez passar fome, depois te alimentou com o maná, que tu não conhecias e nem teus pais conheceram, para ensinar-te que o homem não vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca do Senhor. O teu manto não se gastou e o teu pé não se inchou durante estes quarenta anos. Então, reconhece no teu coração que, assim como um homem corrige o seu filho, assim também o Senhor, teu Deus, te corrige» (*Dt* 8, 1-5).

## 2. Deus acompanha e guia o caminho do seu povo

Se forte é a consciência de Israel de ser um povo em caminho, assim também é forte a certeza de que Deus caminha com eles. Em particular, no caminho do êxodo a presença do Senhor é intensa e o seu acompanhamento sensível. É Deus que tem nas mãos todo o plano, todo o itinerário e o destino de seu povo. Ele caminha junto, o povo deve «ir atrás» dele (Dt 13, 5), deve segui-lo porque ele o «precede» (Dt 1, 30). É fácil organizar uma antologia de textos nos quais emerge o modo pelo qual Deus guia e acompanha o caminho do seu povo.

*«Guiaste com o teu favor este povo que resgataste, com o teu poder tu o conduziste à tua santa morada» (Ex 15, 13).*

*«Sede fortes e corajosos, [...] porque o Senhor, teu Deus, caminha contigo; não te deixará nem te abandonará» (Dt 31, 6).*

*«O Senhor mesmo caminha adiante de ti. Ele estará contigo, não te deixará nem te abandonará. Não temas nem desanimes!» (Dt 31, 8).*

*«O Senhor, vosso Deus, que vos precede, ele mesmo combaterá por vós, como já fez, aos vossos olhos, no Egito e no deserto, onde vistes como o Senhor, vosso Deus, vos levou como um homem leva o próprio filho, por todo o caminho que fizestes até que chegásseis aqui ». (Dt 1, 29-31).*

*«Eu vos conduzi por quarenta anos pelo deserto; vossas vestes não se gastaram, nem se gastaram as sandálias de vossos pés, [...] para que reconheçais que eu sou o Senhor, vosso Deus » (Dt 29, 4-6).*

*« Estabelecerei a minha morada entre vós e não vos rejeitarei. Caminharei entre vós e serei vosso Deus e vós sereis o meu povo. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito para que não fosseis mais seus escravos; eu quebrei o vosso jugo e vos fiz caminhar de frente erguida » (Lv 26, 11-13).*

Particularmente significativo é este texto da oração de Moisés:

*«Vê, tu me ordenas: “Faz subir este povo”, mas não me indicaste quem mandarás comigo. [...] Ora, se realmente encontrei graça*

*aos teus olhos, ensina-me o teu caminho, para que eu te conheça e encontre graça aos teus olhos; considera que esta nação é o teu povo”. Respondeu: “O meu rosto caminhará convosco e te darei repouso”. Repliou: “Se o teu rosto não caminhar conosco, não nos faças sair daqui”» (Ex 33, 12-15).*

A presença e o acompanhamento de Deus tornam-se perceptíveis também por meio dos sinais visíveis como a arca da aliança (Nm 10, 33-35), a nuvem (Nm 9, 15-23) e a coluna de fogo (Ex 13, 21-23). O acompanhamento cuidadoso de Deus é também descrito com imagens que indicam um vínculo afetivo, como por exemplo, a imagem do pastor e o seu rebanho («fez partir o seu povo como um rebanho»: Sl 78, 52) ou a do pai que leva nos ombros o próprio filho (cf. Dt 1, 31, acima citado).

O acompanhamento cuidadoso de Deus continua depois da entrada de Israel na terra prometida. A Josué, Deus assegura: «como estive com Moisés, assim estarei com você; não o deixarei nem o abandonarei» (Js 1, 5). Do mesmo modo Deus fará sentir a sua assistência a todos os juízes por ele suscitados em meio ao povo, acompanhará Samuel, aquele que deverá conduzir Israel para a Monarquia, acompanhará os reis Saul, Davi e Salomão, acompanhará os profetas e colocará a sua palavra na boca deles (cf. Jr 1, 9).

Na dura experiência do exílio, Israel sofreu amargamente o vazio de Deus. O povo eleito, que havia sempre gozado da abundância dos dons de Deus, encontra-se tragicamente privado de tudo: faltam-lhe pátria, templo, ideal, segurança, liberdade e, sobretudo, o acompanhamento amoroso e solícito de Deus. A partir desse abismo Israel toma consciência de que a causa de tudo isso está no seu pecado, no seu afastamento de Deus; então se esforçará para converter-se e voltar para Deus. Ao «converter-se» do homem corresponde o «converter-se» de Deus. Quando o homem se lembra da bondade de Deus, abandona o pecado e corre para ele, também Deus vai ao seu encontro com amor, abandonando o projeto de castigá-lo. O Cântico de misericórdia no cap. 13 do livro de Tobias ilustra a beleza deste encontro:

*«Quando vos converterdes a ele de todo o coração e de toda a alma para fazer o que é justo diante dele, então retornará a vós e não vos esconderá mais o seu rosto» (Tb 13, 6).*

A oração ao Senhor para que retorne e se converta é insistente também nos profetas. É sempre uma oração confiante. O orante está seguro de que Deus, pela sua grande misericórdia, não pode ficar longe do seu povo para sempre.

*«Não reprimas a tua entranhável ternura e compaixão, pois tu és nosso pai [...]. Senhor, por que nos deixas extraviar longe dos teus caminhos e endureces nosso coração, para que não te respeitem? Retorna por amor dos teus servos, por amor das tribos, tua herança» (Is 63, 15-17).*

A reação de Deus é sempre a da ternura superabundante. Quando acontece uma conversão sincera, o Senhor não tarda em fazer sentir de novo a sua presença, em começar de novo a ser guia e acompanhante no caminho.

No período do pós-exílio, um tempo no qual não existem grandes acontecimentos políticos e não emergem fortes personalidades no campo religioso, o povo aprende a experimentar Deus na simplicidade do cotidiano. Deus agora acompanha o seu povo não mais no clamor de sinais e prodígios, mas na brisa leve da reflexão sapiencial e do exemplo dos personagens simples e pequenos. Entre as histórias edificantes escritas neste período destaca-se aquela narrada no livro de *Tobias*. Por meio dos fatos de Tobit pai, de Tobias filho e do personagem anjélico Rafael-Azarias, o autor quer ilustrar como Deus acompanha o caminho dos justos, mesmo em meio a pobreza e sofrimentos. Deus faz-se presente aos que nele confiam e vivem retamente, e os socorre nas dificuldades, também de modo surpreendente.

## «Segui-me» – «Permanecei em mim» – «Ide»

Continuemos a reflexão sobre o tema do caminho e da itinerância, concentrando a atenção no Novo Testamento, sobretudo nos Evangelhos. Dada a amplitude e a vastidão do tema, será desenvolvido de modo esquemático, apresentando apenas algumas ideias que deveriam ser ulteriormente aprofundadas. Em primeiro lugar algumas constatações panorâmicas:

- Jesus fez todas as etapas fundamentais do *caminho* do seu povo: a descida para o Egito, a ameaça de morte pelos poderosos, o retorno, a permanência no deserto. Ele é o Messias esperado, no qual se cumprem as promessas de salvação feitas por Deus a Israel.
- Jesus é itinerante: nasce pelo caminho, morre pelo caminho e ao longo de sua vida missionária está sempre no caminho. Ele assume a característica de forasteiro: sem morada estável, escapa à posse, vive pobre, pede hospedagem. Identifica-se com os necessitados e os marginalizados (cf. *Mt 25*).
- Ele mesmo é «o Caminho» (*Jo 14, 6*) para o Pai, é a luz que ilumina o caminho, sem ele o homem «caminha nas trevas e não sabe para onde vai» (*Jo 12, 35*).
- Nos evangelhos sinóticos o relato de Jesus desenvolve-se no esquema geográfico organizado em três partes: Galileia, rumo a Jerusalém, em Jerusalém. A vida de Jesus apresenta-se como um caminho gradual para Jerusalém, o ponto culminante da sua missão messiânica. O tema do “caminho” é particularmente ressaltado em Lucas. Pensa-se na “grande viagem” (*Lc 9, 51 – 19, 44*) relatada com particular cuidado pelo evangelista.
- A relação formativa entre Jesus e os seus discípulos também se desenvolve em conformidade com este esquema. Os discípulos devem seguir Jesus «pelo caminho» (*Mc 10, 52*), até o fim. Na medida em que progridem no caminho com Jesus, cresce a sua compreensão da verdadeira identidade da missão do Mestre.

- Depois da ressurreição, os dois discípulos se afastam de Jerusalém, colocam-se num caminho diferente daquele de Jesus, então Jesus vem caminhar ao lado deles levando-os a fazer uma inversão de marcha (cf. *Lc* 24, 13-35).
- Toda prática messiânica de Jesus é sintetizada pelos Atos dos Apóstolos nesta frase: «Passou fazendo o bem» (*At* 10, 38).
- Maria é itinerante: a Mãe de Jesus encontra-se frequentemente no caminho. Os seus frequentes deslocamentos geográficos – Nazaré, Ain Karim, Belém, Jerusalém, Egito, etc., – são acompanhados por um movimento interior bem mais intenso. Toda a sua vida é um caminho, uma «peregrinação da fé». Também Maria é caminho, caminho que conduz a Cristo, caminho que leva ao «Caminho». É a *Odighitria*, aquela que indica o caminho.
- A Igreja recebeu de Jesus o envio: «Ide, fazei discípulos todos os povos...» (*Mt* 28,19); «Com a força do Espírito sereis minhas testemunhas em Jerusalém... até os confins da terra» (*At* 1, 8). É uma Igreja peregrina, em contínuo caminhar pelo mundo.
- Os cristãos são chamados «os que pertencem ao caminho» (*At* 9, 2; 19, 9. 23).

Jesus itinerante realiza o desígnio salvífico de Deus e assim torna presente o nosso Deus que caminha no mundo com a humanidade por ele criada e amada. O caminho de Jesus, da Galileia a Jerusalém, é também o caminho dos discípulos que o seguem de modo radical, compartilhando a sua vida, a sua missão e a sua cruz com a certeza da glória final. Ser discípulo significa essencialmente fazer próprio o caminho de Jesus. E Jesus, mesmo depois de sua vida terrena, continua a caminhar nos seus discípulos e com eles pelos caminhos do mundo e ao longo da história. Para uma visão sintética deste caminho de Jesus e dos discípulos procuramos concentrar a reflexão em torno de três verbos essenciais, três convites feitos por Jesus aos seus discípulos: “Segui-me”, “permanecei comigo”, “ide”.

## 1. «Segui-me»

A pessoa de Jesus devia exercer um forte fascínio sobre os seus contemporâneos. Diversas vezes os Evangelhos falam das grandes massas que «seguiam» Jesus. Muitos viam nele um profeta enviado por Deus, outros esperavam dele uma cura ou qualquer outro milagre. Trata-se, porém, na maioria dos casos, de um seguimento físico, ocasional, mesmo se animado por sentimentos sinceros.

Diferentemente das massas, os primeiros discípulos não seguiram Jesus por própria iniciativa, mas somente depois de um chamado, muitas vezes inesperado. Isto aparece claramente nas cenas de vocação. Simão e André estavam pescando, quando Jesus, passando, lhes disse: «Vinde após mim» (Mc 1, 17); logo depois, «chamou» também Tiago e João, e eles «o seguiram» (Mc 1, 20). Do mesmo modo, um pouco mais tarde, chamou Levi, sentado à mesa onde eram pagos os impostos. «Jesus disse: “Segue-me”. Ele, levantando-se, o seguiu» (Mc 2, 14).

São relatos carregados de dinamismo. Jesus «passando... viu» (Mc, 1, 16). O verbo *passar* sinaliza movimento, não apenas a entrada em cena de Jesus junto ao lago da Galileia, mas, sobretudo o mais significativo: o seu colocar-se a caminho ao longo das estradas do homem, apresentando-se nos lugares da existência cotidiana, inserindo-se no concreto da história humana, impactando-se com cada vida humana, pondo-se no nível do homem para encontrá-lo no seu chão. É o mistério da encarnação que culmina na passagem da Páscoa.

Com o *passar*, o *caminhar* de Jesus em meio aos homens e às mulheres realiza-se o plano divino da salvação. No início da missão Jesus apresenta-se sozinho no Jordão, mas logo chama os primeiros discípulos a *seguir-lo*: quer envolver outros no seu caminho; assim, na medida em que avança, atrai ao seu seguimento um número sempre maior de homens e mulheres que, com o *caminho*, compartilham o seu ideal, a sua missão, o seu estilo de vida, o seu destino.

As expressões usadas por Jesus na vocação dos discípulos também indicam um movimento: «vinde após mim», «seguir-me». O *ir após*, do discípulo, corresponde ao *ir adiante*, do Mestre. Jesus, de fato, *precede* os seus discípulos, indicando-lhes a meta e tornando-se

para eles «o caminho» para alcançá-la. Rumo ao final do caminho terreno «Jesus *prosseguiu adiante dos outros* subindo para Jerusalém» (Lc 19, 28), onde se realizaria o evento culminante da sua missão. Mas a cruz e a morte não são a marca final deste caminho; de fato, na vigília de sua morte ele promete: «Depois da minha ressurreição, eu vos *precederei* na Galileia» (Mc 14, 28). E no discurso de despedida, assegura aos seus discípulos: «Eu vou preparar-vos um lugar; quando eu for e o tiver preparado, voltarei para levar-vos comigo, para que estejais onde eu estou» (Jo 14, 2-3). O *seguir Jesus* continua para além do caminho neste mundo, sem limites de tempo e de espaço. Este pensamento está expresso também no Apocalipse, onde o autor descreve os cento e quarenta e quatro mil santos que «seguem o Cordeiro para onde quer que vá» (Ap 14, 4).

Da parte dos discípulos, acolher o chamado e seguir Jesus significa colocar-se em movimento numa nova direção de vida, começar um novo caminho, cujo ponto de referência é a pessoa de Jesus.

## 2. «Permaneeci em mim»

O *seguir* traça um movimento que, num primeiro momento, parece exterior, mas que se transforma logo num caminho espiritual. João ilustra-o com clareza. Ele, mesmo servindo-se da imagem de *seguir, de ir após Jesus*, comum nos Sinóticos, acentua bastante o processo interior da comunhão de vida com o Mestre, e, por meio dele, com o Pai. A categoria que expressa melhor esta sua perspectiva é a de «permanecer», que é recorrente em João 67 vezes.

No primeiro relato vocacional o verbo *permanecer* é usado três vezes. Os dois discípulos de João Batista, fascinados por Jesus, o seguem e lhe perguntam: «Mestre, onde *moras?*» e depois do convite de Jesus para *vir e ver*, estes discípulos «foram e viram onde *morava* e naquele dia *permaneceram* com ele» (Jo 1, 38-39). Há aqui uma interessante inversão de perspectiva: do lugar onde permanece Jesus ao lugar onde permanecem os discípulos. Eles querem informar-se a respeito da morada de Jesus, enquanto Jesus se torna a sua morada. Seguir Jesus quer dizer, portanto, permanecer junto a ele. Dirá o próprio Jesus: «Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estiver,

lá estará também o meu servo» (Jo 12, 26); «Voltarei e vos levarei comigo, para que também vós estejais onde eu estou» (Jo 14, 3).

Este *permanecer* com Jesus e em Jesus torna-se para os discípulos fonte inexaurível de riquezas interiores à sua vida e à sua missão. Permanecendo constantemente em Jesus como os ramos na videira e deixando-se penetrar sempre mais íntima e profundamente por ele, a vida do discípulo torna-se espiritualmente fecunda. «Quem permanece em mim, e eu nele, produz muito fruto» (Jo 15, 4-5). Esta fecundidade espiritual, consequência natural da habitação recíproca, é por sua vez uma característica que distingue o verdadeiro discípulo de Jesus: «Nisto meu Pai é glorificado: que produzais muito fruto e vos torneis meus discípulos» (Jo 15, 8). O verdadeiro discípulo de Jesus nunca é estéril.

### 2.1. *Permanecer na Palavra*

Como pode «permanecer em Jesus» quem não o conheceu durante a sua vida terrena? Permanecer nele significa permanecer na sua palavra, aquela palavra pronunciada durante a sua existência histórica, transmitida pelas testemunhas e posteriormente fixada na Escritura. Na Palavra ele se faz presente para além do limite do tempo e do espaço. João não apenas insiste em acreditar na Palavra, mas também em permanecer nela, fazendo a experiência profunda de comunhão, de sintonia do coração. O acreditar, isto é, a acolhida e a adesão inicial, são fundamentais, mas Jesus exige dos seus discípulos um grau mais maduro de fé, alimentada e vivificada continuamente pela Palavra. Ele diz expressamente: «Se permanecerdes fiéis à minha Palavra, *sereis verdadeiramente meus discípulos* e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (Jo 8, 31-32). «Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vos será dado» (Jo 15, 7).

Este pensamento é expresso muitas vezes também de forma negativa. Quando a multidão murmura depois do seu «duro discurso» sobre o pão da vida, Jesus pergunta aos discípulos: «Também vós quereis ir embora?» (Jo 6, 67). Quem não permanece na sua Palavra, é melhor que se vá, ou seja, que não o siga por nada. Em Jo 5, 37-41, Jesus reprova os judeus por nunca terem escutado a voz do Pai nem

interiorizado a sua Palavra, e a razão profunda é esta: «Vós não sois habitados pela sua Palavra, porque não acreditais naquele que Ele enviou. [...] Eu vos conheço e sei que não tendes em vós o amor de Deus».

## 2.2. *Permanecer no amor*

Atraído pelo Pai ao seguimento de Jesus, o discípulo entra na comunhão de vida e de amor entre Pai e Filho, deixando-se amar com gratidão e simplicidade. É Jesus mesmo que o garante: «Como o Pai me amou, assim também eu vos amei. Permaneci no meu amor» (Jo 15, 9).

O amor plasma e estrutura a pessoa tornando-a sempre mais voltada para o outro. Permanecendo no amor de Deus o discípulo adquire uma nova visão da realidade, uma nova fonte de desejos. Ele deseja aquilo que Deus quer. É neste sentido que Jesus diz: «Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, como eu observei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. [...] Vós sois meus amigos se fizerdes aquilo que eu vos mando» (Jo 15, 10-12). Não se trata da observância dos mandamentos impostos a partir de fora, mas sim de uma harmonia com o mundo de Deus, adquirindo, como afirma o documento *Vida consagrada*, «uma espécie de instinto sobrenatural».<sup>101</sup>

E quais são os mandamentos de Jesus? Ele sintetizou em um, mostrando-nos o essencial que sustenta tudo: «Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei» (Jo 13, 12); «Eu vos dou um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como eu vos tenho amado, assim também vós, amai-vos uns aos outros. Por isso todos saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros» (Jo 13, 34-35). Este novo mandamento, que se torna o sinal distintivo dos discípulos de Jesus, não é um simples preceito acrescentado a outros, mas sim o princípio de vida que deriva do seguimento de Jesus e daquele fluxo de amor que une o Pai e o Filho no Espírito Santo. Permanecendo em Cristo, o discípulo está em comunhão de amor com a Trindade e com todos os irmãos e irmãs.

<sup>101</sup> VC 94.

### 3. «Ide»

O «seguir» Jesus e o «permanecer» nele tornam os discípulos semelhantes ao Mestre, alcançando aquilo que diz Paulo: «ter o pensamento de Cristo» (*1Cor* 2, 16), «ter os mesmos sentimentos de Cristo» (*Fl* 3, 5). O coração então se dilata ao amor universal, os olhos se abrem a horizontes mais vastos e a mente assume a lógica divina da gratuidade generosa.

Segundo *Mc* 3,13 ss, discípulo é aquele que «está com Jesus»; esta relação de comunhão torna-se o fundamento do «ser enviados por Jesus», participando da sua missão. A expressão de João tem o mesmo sentido: «Não fostes vós que me escolhesteis, mas eu vos escolhi e vos destinei para que vades e produzais frutos» (*Jo* 15, 16). Enquanto no primeiro encontro com Jesus, os discípulos escutavam o convite do Mestre: «vinde após mim» (*Mt* 4, 19), agora este mesmo Mestre, no último encontro antes de voltar ao Pai, diz aos discípulos: «Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos» (*Mt* 28, 19). Comenta Bento XVI: O «estar com Ele [Jesus] e ser enviados por Ele parecem, à primeira vista, excluir-se mutuamente, mas evidentemente vão juntos. Os Doze devem aprender a ficar com Ele de um modo que lhes permita ser com Ele, mesmo se forem enviados até os confins da terra. O ser com Jesus traz por natureza, em si, a dinâmica da missão, pois o ser de Jesus é, com efeito, missão».<sup>102</sup>

Terminamos com um trecho do discurso do Papa Francisco aos jovens, em 28 de julho, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude celebrada no Rio de Janeiro com o tema “Ide e fazei discípulos todos os povos”: «A fé é uma chama que se faz sempre mais viva quanto mais é compartilhada e transmitida, para que todos possam conhecer, amar e professar Jesus Cristo, Senhor da vida e da história (cf. *Rm* 10, 9). Atenção, porém! Jesus não disse: se vocês quiserem, se tiverem tempo, vocês vão, mas disse: “Ide e fazei discípulos todos os povos”. Compartilhar a experiência da fé, testemunhar a fé, anunciar o Evangelho é o mandato que o Senhor confia a toda a Igreja, também a você; é uma ordem que, porém, não nasce da vontade de dominar, do desejo de poder, mas da força do amor, do fato de que

<sup>102</sup> BENTO XVI, *Gesù di Nazaret* I, 204.

Jesus veio por primeiro em meio a nós não para dar-nos apenas algo de Si, mas para dar-Se inteiro a nós, Ele nos deu a sua vida para salvar-nos e mostrar-nos o amor e a misericórdia de Deus. Jesus não nos trata como escravos, mas como pessoas livres, como amigos, como irmãos; e não apenas nos envia, mas nos acompanha, está sempre ao nosso lado nesta missão de amor. Para onde nos envia Jesus? Não há fronteiras, não há limites: envia-nos para todos. O Evangelho é para todos e não para alguns. Não é só para aqueles que nos parecem mais próximos, mais receptivos, mais acolhedores. É para todos. Não tenham medo de ir e levar Cristo a cada ambiente, às periferias existenciais, também aos que parecem estar mais distantes, mais indiferentes. O Senhor está à procura de todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor».<sup>103</sup>

<sup>103</sup> FRANCISCO, *Homilia na XXVIII jornada mundial da juventude*. Calçadão de Copacabana, Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013, em [HTTP://www.vatican.va/holy\\_father/francesco\\_20130728\\_celebrazione\\_xxviii-gmg\\_yi.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco_20130728_celebrazione_xxviii-gmg_yi.html).

## Os sinais de Deus nas idades da vida. O exemplo de Moisés

Enquanto visitamos os vários lugares de Mornese, façamos memória da vida de Maria Domingas Mazzarello, percorrendo as etapas do seu crescimento. A sua biografia não contém acontecimentos extraordinários, sua vida foi vivida num contexto agrícola marcado pelo trabalho, pela fé robusta enraizada no cotidiano; nesta simplicidade, porém, esconde-se um dinamismo espiritual vivíssimo. Dos Mazzarelli ao Colégio, e depois de Mornese a Nizza, os deslocamentos geográficos assinalam o desenrolar de um desígnio: cada fase da vida traz vestígios de Deus e ecos da sua voz.

Também nós somos convidadas a refletir, em companhia de Maria Domingas Mazzarello, sobre as diversas fases da nossa existência para descobrir com mais consciência como Deus age em nós. É em cada fase da vida que somos chamadas a conhecer-nos novamente, a reformular a resposta de fé, a renovar as motivações da fé, a fazer reflorescer o amor, a reavivar a gratidão. A Palavra de Deus inspira-nos e nos guia em todo este processo.

De poucas figuras bíblicas, a Bíblia nos oferece notícias suficientemente amplas para esboçar um perfil biográfico e espiritual ou traçar uma linha de desenvolvimento por meio das diversas etapas da vida. Uma entre estas é Moisés, que agora queremos contemplar por meio de alguns textos tanto do Antigo como do Novo Testamento.

### 1. Salvo da morte desde o nascimento

Moisés, aquele que conduziu Israel através das águas do Mar Vermelho, é ele mesmo um «salvo das águas». A cena de *Ex 2, 1-10* é sugestiva, rica de calor humano e de delicadeza feminina. Para salvar a vida do pequeno Moisés, figuram três mulheres: a mãe, a irmã e a filha do faraó.

Atrás dos bastidores está o faraó, o qual, sentindo-se ameaçado pelo rápido crescimento demográfico dos hebreus no próprio território, decide tomar medidas drásticas, emitindo um decreto cruel: «Jogai no Nilo todo menino que nascer, mas deixai viver as meni-

nas» (*Ex* 1, 22). O recém-nascido Moisés estaria destinado a morrer, mas o amor impeliu a mãe a fazer de tudo para salvá-lo. Após tê-lo escondido por três meses, não podendo sustentar por mais tempo esta situação, «tomou um cestinho de papiro, rebocou-o com betume e piche, pôs dentro dele o menino e o colocou entre os juncos na margem do Nilo». Nos gestos transparece uma ternura comovente. Fez o máximo pelo filho, agora o confia ao amor providente de Deus que pode fazer muito mais e melhor.

Para acompanhar o menino exposto a um destino desconhecido está a irmã, que a tradição identifica com Miriam, a profetisa, colaboradora do irmão. Escondida na moita, a uma distância que lhe permite vê-lo, vigia e cuida do irmãozinho que está no cesto preparado com tanto cuidado pela mãe. O que acontecerá com o menino? O verniz poderia defendê-lo da água do Nilo, mas não da espada do faraó. A irmã prende a respiração, fixa o olhar no cesto, o coração bate forte. O seu jeito de ficar «observando o que iria acontecer com o menino» é cheio de ternura e de responsabilidade. É uma bela imagem que lembra a vigilância de Deus sobre o homem, descrita no Salmo 121: «Não dorme nem cochila o protetor de Israel. [...] O Senhor está à tua direita, ele velará sobre ti, te protegerá de todos os males». A menina apresenta também uma contracena de *Gen* 4: a história da primeira dupla de irmãos. Caim, depois de haver matado o irmão Abel, respondeu irritado para Deus: «Sou por acaso o guarda do meu irmão?». Agora Miriam é a guardiã do irmãozinho e o faz com amor. A irmã vigia porque naquele cesto está o irmão que ama, vigia porque é um momento decisivo para a sorte do irmão, vigia porque espera algum sinal de esperança, porque quer ficar atenta para aproveitar todas as oportunidades. A menina faz-se sentinela da vida, toma sobre si a sorte do irmãozinho. O amor a torna vigilante.

Uma terceira mulher aparece na cena: a filha do faraó. Quando descobre o menino no cesto, deixa-se tomar pela compaixão. Mesmo sabendo que é um filho dos Hebreus, portanto destinado a morrer, acolhe-o com bondade. Para ela não conta muito saber se o menino é hebreu ou egípcio: vê nele, sobretudo, um ser humano indefeso, uma criança inocente exposta ao perigo e à morte, uma vida a ser salva. Sem perceber, esta mulher egípcia entrou para fazer parte do desígnio de Deus tornando-se sua colaboradora.

Ao constatar a bondade da filha do faraó, Miriam sai do esconderijo. Com coragem e inteligência, faz a sua proposta: «Queres que eu vá procurar entre as mulheres hebreias uma ama de leite, que amamente o menino para ti?». A garota leva a mãe até a filha do faraó e esta lhe confia a criança para ser amamentada, assim a mãe recupera o próprio filho e não precisa mais escondê-lo. Miriam faz a ponte entre as outras duas mulheres, e as três juntas contribuem para a salvação do futuro salvador de Israel.

É Deus quem guia os acontecimentos de forma maravilhosa, chegando ao ponto de fazer com que as águas do Nilo, ameaçadoras de morte, tragam, ao contrário, vida e esperança àquele pequeno que flutua num cesto de juncos. É Deus quem realiza o seu plano de salvação servindo-se da colaboração de três mulheres diferentes pela idade, linhagem e posição social, mas todas as três simples e corajosas, sábias e criativas, ricas de humanidade e amantes da vida. Sob o diretor divino cada uma delas fez a sua parte e interagiu de modo misterioso e harmonioso com as outras. Deus salva não apenas com o poder, mas também com a beleza.

## **2. Três etapas da vida**

No relato dos *Atos dos Apóstolos*, o primeiro mártir, Estêvão, antes de morrer, pronuncia diante do sinédrio um belíssimo discurso que, em síntese, expõe as maravilhas realizadas por Deus na história de Israel (*At 7*). Mais da metade deste discurso é dedicada à figura de Moisés, cuja vida se apresenta dividida em três etapas de quarenta anos cada uma: segundo o simbolismo bíblico, querem indicar três períodos completos e distintos.

### *2.1. Os primeiros quarenta anos*

É o tempo em que Moisés passa no Egito, na corte do faraó, onde é «instruído em toda a sabedoria dos egípcios», de tal modo a se tornar «poderoso nas palavras e nas obras» (*At 7, 22*). Depois de ter sido salvo das águas, Moisés cresce na corte do faraó e recebe uma

educação requintada. É o tempo da preparação, o tempo dos métodos e das teorias. Tornando-se adulto, pensa já haver aprendido muito, sente-se pronto para enfrentar a vida, para gerir o próprio destino e assumir responsabilidades sobre os outros. A realidade, porém, é muitas vezes bem diferente de como é conhecida na escola.

Certo dia, o jovem Moisés decide «visitar os seus irmãos, os filhos de Israel, e vendo um deles ser tratado injustamente, toma-lhe a defesa e vinga-o, matando o egípcio» (*At* 7, 24). Foi movido por fortes motivações ideais e pelo desejo de ajudar, mas não foi bem acolhido. «Pensou que seus irmãos haviam compreendido que Deus lhes dava a salvação por seu intermédio, mas eles não compreenderam». A intervenção surgiu “de sua cabeça”, não veio do alto e não amadureceu junto com “seus irmãos”, não foi fruto de partilha e de participação, tanto é verdade que lhe perguntam com ironia: «Quem te constituíu chefe e juiz sobre nós?». Em vez de percorrer junto com os demais o caminho mais longo do discernimento e do diálogo, prefere explorar sozinho o atalho do resultado imediato, usando o método da violência. Os tempos e os métodos previstos por Deus para a libertação do povo hebraico não coincidem com os de Moisés. O seu generoso empenho é frustrado, o seu impulso ideal desmorona: para Moisés, desiludido e amargurado, não resta senão a fuga.

## 2.2. *A segunda quarentena de anos*

Depois de haver provocado a hostilidade do faraó com a morte do egípcio e de ter sido rejeitado pelos seus, Moisés «fugiu e foi para a terra de Madian». O Êxodo o retrata cansado e depressivo, «sentado perto de um poço» (*Ex* 2,15). Ali ele começa uma nova vida. Casa-se e se torna pai de duas filhas.

O homem «poderoso nas palavras e nas obras» agora leva o rebanho de seu sogro Jetro para pastar; o homem com perspectivas de futuro na sociedade agora se retira para a vida privada. O Senhor sabe que ele precisa de um período de deserto para se tornar forte, humilde, concreto, com uma experiência doméstica, familiar para se enriquecer de humanidade.

### 2.3. Os últimos 40 anos

«Passados quarenta anos, aparece-lhe no deserto do Monte Sinai um anjo, em meio à chama de uma sarça ardente...». Com oitenta anos Moisés é ainda um homem cheio de vida: tem olhos atentos para distinguir uma sarça que arde sem se consumir, tem ouvidos vigilantes para escutar a voz de Deus que chama. A solidão foi um momento de preparação para a grande missão, a de Deus, e não a que ele acreditava dever assumir: colaborar com Deus para salvar o seu povo. Ele compreendeu que a iniciativa é de Deus que, pela sua misericórdia, «desce para libertar» o seu povo. Agora Moisés «tirou as sandálias dos pés» (*Ex* 3, 5); libertado da presunção de salvar os seus irmãos, apresenta-se nu diante do Senhor: somente assim pode ser instrumento dócil nas mãos de Deus e sinal da sua misericórdia.

## 3. A Páscoa da morte

Moisés é o homem escolhido por Deus para realizar a “passagem”, para fazer passar o povo da escravidão para a liberdade. E não apenas isso. Ele realizou uma páscoa pessoal que permaneceu exemplar para todos os séculos. É interessante notar quanto espaço a Bíblia deu à descrição da morte de Moisés (cap. 31,32 e 34): muito mais do que a qualquer outro personagem. O *Deuteronomio* apresenta com graça a sua passagem desta vida àquela junto de Deus: a cena sobre o monte Nebo, sobre o Mar Morto e o vale do Jordão. Era desejo ardente de Moisés caminhar, alcançar a meta com o povo e, com ele, entrar na terra prometida; de fato, suplicava ao Senhor: «Deixa-me passar para o lado de lá e ver a terra formosa que está além do Jordão!» (*Dt* 3, 25). Mas não é esta a vontade do Senhor, que lhe mostra a terra prometida, dizendo: «Eu te fiz vê-la com teus olhos, mas tu não entrarás nela!» Chegou a hora da troca da guarda. O Senhor põe-lhe um limite: “Aqui termina a tua tarefa. Confio o restante a outro”.

Moisés, que fora pacientemente educado por Deus ao longo de toda a sua vida, aceita com docilidade e obediência esta última manifestação do plano misterioso de Deus: «Moisés, servo do Se-

nhor, morreu naquele lugar, na terra de Moab, segundo a ordem do Senhor» (*Dt* 34, 5). Ele morre simplesmente porque assim quer o Senhor. Sem discussões, sem perguntas, sem arrependimentos ele aceita morrer no limiar da meta, sozinho, em terra estrangeira, mas sereno, nobre, dignitoso, em plena consciência: «Os seus olhos não haviam se apagado e o seu vigor não havia diminuído». Ele morre não porque exausto e com suas forças esgotadas: sai da cena com liberdade, fecha os olhos ainda luminosos e entrega nas mãos do Senhor as suas energias ainda vivas. Trata-se de um despojamento voluntário semelhante ao de Jesus, uma passagem tranquila da atividade à passividade. Deixa-se cancelar, como o servo que realizou o seu serviço, agora transmitido a outros, e que não tem necessidade de gloriosas comemorações. Parecem ressoar sobre o monte Nebo as palavras de Jesus: «Também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis. Fizemos tudo o que devíamos ter feito» (*Lc* 17, 10).

Moisés morre nas alturas, sobre uma montanha, com o olhar abrangente que, de longe, abarca toda a terra prometida. Ele morre cheio de esperança: não apenas viu o território para além do Jordão, mas também, apresentou-se ao futuro da história que está chegando. Morre talvez magoado, mas não frustrado. Ele viu, para além do Jordão, a aurora de uma nova história que começa gloriosa. Moisés teve a alegria de ver o momento em que se vira a página para dar início a um novo e importante capítulo, para cuja realização ele próprio deu uma forte contribuição.

Morre deixando uma herança, já segura, ao seu povo: pode retirar-se da cena e ceder o passo, porque o povo, aliás, o Deus do povo de Israel é o protagonista da entrada na terra prometida. Na despedida, são belíssimas as palavras de Moisés ao povo: «Eu hoje tenho cento e vinte anos. Não posso mais ficar indo e vindo. O Senhor, além disso, me disse: “Desta vez tu não atravessarás o Jordão”. O Senhor, teu Deus, o atravessará adiante de ti, destruirá adiante de ti aquelas nações, de modo que tu possas apoderar-te delas. Quanto a Josué, ele o atravessará adiante de ti, como o Senhor disse» (*Dt* 31, 1-3). Ainda mais belas e comoventes são as palavras dirigidas diretamente a Josué, seu sucessor, na presença de todo o povo: «Sê forte e corajoso, porque tu conduzirás este povo para a terra que o Senhor

jurou aos seus pais que vos daria: tu lhe darás a posse. É o próprio Senhor que caminha adiante de ti. Ele estará contigo, não te deixará e não te abandonará. Não tenhas medo e não percas a coragem!» (*Dt* 31, 7-8). Moisés deixa este povo ao qual dedicou toda a sua vida e desaparece da terra com esta segurança: «o Senhor vos guiará; Josué vos guiará».

Moisés desaparece da cena do mundo, mas a sua memória, o seu espírito durarão para sempre. A sua vida tornou-se um paradigma, não só para o povo de Israel, mas para cada homem e cada mulher que se deixa guiar pela pedagogia sábia e misteriosa de Deus. A mesma Bíblia dedicou epígrafes belíssimas de santidade e de grandeza a este personagem exemplar: « Moisés era o mais manso de todos os homens que apareceram na terra! [...] Ele é o meu servo, o homem de confiança de toda a minha casa. Falo com ele face a face; em visão direta e não por enigmas, ele contempla a figura do Senhor » (*Nm* 12, 3.7-8).

E depois de sua morte é ainda a Bíblia que irá “canonizá-lo”: «Nunca surgiu em Israel um profeta como Moisés; com ele o Senhor falava face a face» (*Dt* 34,10). Mais de um milênio depois de sua morte, dele se escreve: «um homem humilde, que reconquistou uma estima universal, foi amado por Deus e pelos homens: Moisés, cuja lembrança é uma bênção» (*Sirac* 45,1).

## A comunidade cresce em meio aos desafios

Seguindo o itinerário de Maria Domingas Mazzarello, de Mornese fomos a Nizza. Se Mornese deu à nossa humilde cofundadora a existência e lhe ofereceu o ambiente para descobrir sua vocação e realizar as primeiras experiências apostólicas, Nizza abriu-lhe completamente o horizonte à plenitude da vida. Mornese é o início, Nizza é a difusão; Mornese é a fonte, Nizza é o rio que flui benéfico até alcançar os confins do mundo. Os anos de Mornese assinalam o desabrochar do carisma do nosso Instituto, os de Nizza coincidem com a consolidação e o progressivo desenvolvimento em dimensão missionária. Nas duas etapas, as dificuldades e os desafios, que são inerentes a todo crescimento, não faltaram.

A passagem de Mornese para Nizza faz pensar no crescimento da Igreja primitiva relatada nos *Atos dos Apóstolos*. Os 28 capítulos dessa obra de Lucas resumem cerca de trinta anos de história da difusão do Evangelho. O eixo geográfico-teológico dominante em toda a narrativa é o que vai de Jerusalém a Roma. Se Jerusalém representa o coração da história da salvação e, por conseguinte, as raízes profundas do cristianismo em que esta história encontrou plena realização, Roma, capital do império romano, parece ser símbolo do ambiente novo no qual o cristianismo é chamado a expandir-se com a sua missão de oferta universal de salvação. Jerusalém representa as raízes, Roma a abertura ao futuro. A linha de Jerusalém a Roma é indicada pelo mesmo Jesus na sua palavra programática pronunciada antes da ascensão: «Recebereis a força do Espírito Santo que virá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até os confins da terra» (At 1, 8). Nesta linha Lucas articulou todo o seu livro.

Cap. 1-7: ambientado em Jerusalém, descreve a pregação dos apóstolos e a consolidação da primeira comunidade, modelo ideal de Igreja.

Cap. 8-12: a difusão do Evangelho fora de Jerusalém, em outras partes da Judeia e na Samaria.

Cap. 13-28: a expansão do Evangelho fora da Palestina até alcançar idealmente os «extremos confins da terra» passando pela Ásia Menor, a Grécia e, sobretudo Roma, o centro do império.

## 1. Quadro da comunidade ideal

Nos cap. 1-5, Lucas oferece aos leitores quadros resumidos da vida comunitária de Jerusalém, em particular estes três: 2, 42-47; 4, 32-35; 5,12-16. Neles são apresentadas as constantes da comunidade primitiva, portanto, as características que todas as comunidades cristãs deverão ter. Podemos perceber que estes sumários não dizem apenas *como* a comunidade *deve viver*, mas oferecem indicações sobre o *como tornar-se* comunidade. Os elementos característicos são a oração, a escuta do ensinamento dos apóstolos, a comunhão, a fração do pão. E ainda, uma bela pincelada que não pode ser negligenciada: os cristãos «gozam da simpatia de todo o povo. Enquanto isso o Senhor diariamente acrescentava à comunidade os que eram salvos». A espiritualidade intensa combina com a alegria e a “simpatia” atraente. Aqui está o segredo do dinamismo e da rápida difusão do cristianismo. Este ícone ideal da comunidade primitiva encontra um reflexo nas nossas Constituições, em particular na descrição da comunidade FMA no art. 49: «A nossa comunidade, reunida pelo Pai, está alicerçada na presença de Cristo Ressuscitado, e se nutre dele, Palavra e Pão. É chamada a servir o Senhor na alegria, em profundo espírito de família, e a trabalhar para o Reino de Deus com otimismo e solicitude, na certeza de que o Espírito atua já neste mundo».

## 2. «Surge um descontentamento».

### A Igreja primitiva enfrenta problemas internos (At 6,1-7)

Mesmo descrevendo o quadro ideal da comunidade caracterizado pela harmonia, Lucas não pretende esconder as dificuldades externas e internas que envolvem a comunidade. Entre as externas ele menciona as perseguições a Pedro e a João (cap. 4), e entre as internas o caso de Ananias e Saffira (cap. 5). O cap. 6 abre-se com outro problema, ainda maior, porque ameaça infectar a comunidade, rompendo a comunhão.

«Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, os de língua grega murmuravam contra os de língua hebraica porque, na assistência cotidiana, as suas viúvas eram esquecidas». Presente-se

um mal-estar na comunidade, que é percebido e expresso na forma de descontentamento e de mau humor. Onde está o problema? Para um olhar superficial não parece se tratar de uma coisa grave. A tensão surge a respeito da assistência às viúvas, portanto tem relação com a organização da obra de caridade, mas na realidade, o que se vê não é senão a ponta do *iceberg* de um problema mais amplo e com raízes profundas. Com efeito, trata-se da dificuldade de convivência entre os dois grupos de tradições, línguas e culturas diferentes: os judeus tradicionais e os helenistas, que têm modos diferentes de conceber a novidade cristã. Se não for bem administrada, a situação poderá degenerar-se em conflitos e divisões. Além do mais, esta tensão faz-se sentir exatamente no momento em que a comunhão de fé deveria se tornar visível e atuante: no testemunho da caridade.

Como reage o grupo dos Doze? Poderiam impor a sua autoridade silenciando os descontentes ou exortando à paciência de suportar o desconforto, poderiam minimizar o problema fazendo o jogo do avestruz ou por sua vez murmurar contra os descontentes. Em vez disso, interferem enfrentando juntos o problema com sabedoria e realismo.

O estudo e a solução do problema ocorrem de modo colegial. Todos são convocados, por iniciativa dos Doze, à mesa da discussão e todos participam. À comunidade é reconhecida uma dignidade própria e corresponsabilidade. A pedagogia adotada é a do diálogo, que ajuda a recompor a harmonia após a “murmuração” e o conflito. O discernimento segue a trajetória de *ver* o problema, de *julgar* a situação e de *agir* com coerência. Eles tomam consciência da nova situação, veem a necessidade de distinguir os papéis e de articular melhor a comunidade. Finalmente chegam a uma proposta concreta. Trata-se da primeira escolha pastoral da Igreja, uma escolha inovadora: a instituição de um novo ministério para cuidar das obras de caridade.

É apenas uma nova divisão do trabalho? É apenas um modo de contentar os helenistas abrindo-lhes espaço e possibilidades de maior participação? Quem pensa assim reduz e dilui o sentido teológico que Lucas atribui a todo este assunto. Na realidade, a tensão entre os dois grupos impeliu os discípulos a ampliar o seu olhar, estimulou a sua inventividade para criar caminhos pastorais mais ousa-

dos, segundo a necessidade da situação; ao mesmo tempo provocou neles uma tomada de consciência mais profunda da sua tarefa na Igreja. «Nós nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra» (At 6, 4). Eles não são *factotum* na comunidade. Existem prioridades e existem tarefas que competem a eles de modo exclusivo enquanto testemunhas oculares da vida terrena de Jesus.

A assembleia decide instituir um novo grupo, fora do grupo dos Doze, os quais têm a missão específica de lançar os fundamentos da Igreja. Elaboram em seguida os critérios concretos para a escolha dos sete homens: boa reputação, espírito de sabedoria. Chega-se assim a uma primeira repartição de tarefas na Igreja. A vocação para pregar a palavra de Deus é distinta do trabalho de prestar serviço às mesas. Os apóstolos reservam para si o dever da «oração» e da «pregação da Palavra». A proposta apresentada pelos Doze encontra o pleno consenso da comunidade, que procede à escolha dos sete. No elenco dos escolhidos é nomeado por primeiro Estêvão, que se distingue pela plenitude «de fé e de Espírito Santo».

Uma aprovação indireta da nova estrutura e uma confirmação do reencontrado equilíbrio interno da comunidade estão no versículo conclusivo: «E a Palavra de Deus difundia-se e o número dos discípulos em Jerusalém multiplicava-se grandemente». Graças à designação dos sete, a crise interna é superada. A remoção do obstáculo permite à primeira Igreja retomar o seu progressivo e alegre caminho de crescimento. A nova organização adotada na comunidade logo produz frutos. O versículo conclusivo parece expressar o *placet* do Espírito Santo que abençoa uma comunidade que encontrou a capacidade e a força para enfrentar e superar os próprios problemas.

### **3. Os desafios e as dificuldades tornam-se trampolins de lançamento (At cap. 8)**

O cap. 8 encontra-se numa posição de reviravolta no plano geral dos *Atos dos Apóstolos*, porque marca o início da expansão do Evangelho para além da cidade de Jerusalém, a fim de alcançar a Samaria

e outras regiões da Palestina. Porém, na abertura do cap. 8, a situação parece deprimente. Depois da morte de Estêvão, o ódio pelos cristãos não cessou; antes, «explodiu uma violenta perseguição contra a Igreja de Jerusalém e todos, com exceção dos Apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judeia e da Samaria» (*At* 8,1). Lucas, porém, descobre entre as sombras, brechas de luz e vê em tudo um desígnio misterioso de Deus. A “dispersão” dos cristãos torna-se uma ocasião para a difusão da mensagem do Evangelho. De fato, os que haviam sido dispersos iam por toda parte e difundiam a palavra de Deus» (*At* 8, 4) e assim os núcleos cristãos foram se multiplicando. O ardor pelo Evangelho impele a atravessar as fronteiras, não apenas as geográficas, mas, sobretudo, as do coração. O Papa Francisco tem palavras muito animadoras a este respeito: «Às vezes temos a impressão de que não obtivemos nenhum resultado com os nossos esforços, mas a missão não é um serviço ou um projeto empresarial e nem mesmo uma organização humanitária, não é um espetáculo para contar quantas pessoas participaram graças à nossa propaganda; é algo muito mais profundo, que foge a toda medição. Talvez o Senhor se valha do nosso empenho para derramar bênçãos num outro lugar do mundo para onde não vamos. O Espírito Santo age como quer, quando quer e onde quer; nós nos gastamos com dedicação, mas sem pretender ver resultados vistosos».<sup>104</sup>

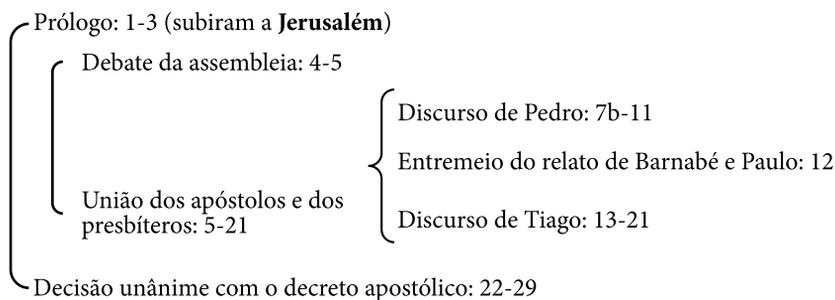
Vemos Filipe começando a missão na Samaria. Segue o episódio da conversão do primeiro pagão procedente do continente africano. Lucas relata o fato com arte (*At* 8, 26-40): numa estrada deserta, que vai de Jerusalém a Gaza, um homem sentado no seu carro de viagem, lia a Sagrada Escritura. Não era hebreu, mas um eunuco da Etiópia, uma região situada nas fronteiras do Império romano. O Espírito diz a Filipe: «vá adiante e alcance aquele carro». Filipe, então, se aproxima. O encontro começa com uma pergunta de interesse, prossegue sentando-se um ao lado do outro, com a Escritura no meio, evolui num diálogo, depois numa catequese e, finalmente, deságua no batismo. Na sábia pedagogia de Deus, a perseguição descrita no início revela-se no final como um trampolim de lançamento.

<sup>104</sup> EG 279.

#### 4. A verdade na caridade – A assembleia de Jerusalém (At cap. 15)

No cenário desta reunião ainda estão os dois grupos já mencionados em *At 6*: os cristãos de origem hebraica e os procedentes do paganismo, mas a questão discutida agora não diz mais respeito apenas à *ortopraxia*, mas também à *ortodoxia*. Trata-se de caracterizar a origem e a causa da salvação. O primeiro grupo encontra-a na lei antiga com o acréscimo da intervenção de Jesus: lei mais Cristo, modelo *et-et*, poderíamos dizer; o segundo, em vez, afirma que a salvação vem unicamente de Cristo, o qual nunca pode ser reduzido a um complemento ou a um acessório: modelo *aut-aut*. Nasce, portanto, a necessidade de estudar o problema a fundo, e colegialmente.

Para os dias de hoje, diante do pluralismo eclesial certamente mais diversificado do que nos primeiros tempos da igreja, o “concílio” de Jerusalém ainda pode ser assumido como paradigma de inculturação da fé, modelo com características de sínodo: alcançar a decisão por meio da convergência da diversidade dos sujeitos e a dinâmica fraterna, comunitária e colegial, sob a inspiração do Espírito Santo.



#### Epílogo: 30-35 (desceram para **Antioquia**)

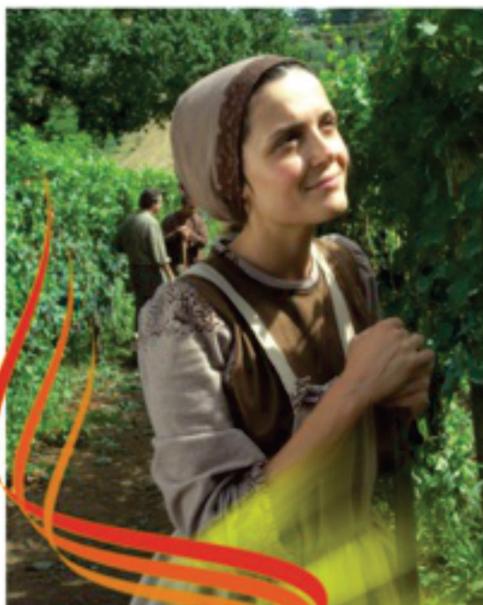
Lucas oferece aqui uma imagem ideal da Igreja que supera as tensões e os contrastes internos no encontro e na escuta das partes sob a *liderança* dos responsáveis. Nesta situação vital, revela-se a ação do Espírito que guia o novo povo de Deus (15,28).

No final do concílio, a verdade de Antioquia se enriquece com a caridade de Jerusalém, chegando assim a realizar a verdade na cari-

dade. A alegria, a coragem, os augúrios recíprocos de paz são a prova da retidão da comunidade e da bondade do método usado. As tensões nas divergências de pontos de vista, segundo Lucas, podem ser superadas graças a uma leitura atenta da ação de Deus nos acontecimentos e nas experiências históricas, em um clima de abertura sincera e de amor fraterno. O concílio de Jerusalém torna-se assim um modelo para a busca teológica e para o confronto eclesial em cada época. E por que não também para as comunidades religiosas, sobretudo as multiculturais?



*Caminhando com  
Maria D. Mazzarella*





## Introdução

Com a abordagem histórico-espiritual da figura de Maria Domingas Mazzarello, iniciada de forma sistemática por Maria Esther Posada e mantida até hoje com interessantes e fecundas consequências no “Projeto Mornese”, as FMA aproximaram-se do itinerário de Maria Domingas de modo sempre mais pessoal e aprofundado.

O Projeto Formativo, escolhendo a perspectiva do acompanhamento espiritual entendido como *mistagogia*, propõe Maria Domingas como aquela que «inaugura uma tradição educativa caracterizada por uma mistagogia, isto é, iniciação ao mistério, expressa nos gestos de uma maternidade gerada pelo Espírito».<sup>105</sup>

São muitas as sugestões amadurecidas nesses anos, em estreito contato com a sua palavra e a sua ação formativa. De fato, Maria Domingas continua o seu ministério mistagógico ao lado de suas filhas, em favor das jovens em formação e das novas gerações na medida em que é conhecida, amada e invocada.

A sua mensagem toca em profundidade, embora nem sempre seja fácil compreender o seu alcance. Realmente, ela se expressa com simplicidade. Em vão procura-se nela o requinte das palavras, as longas introspecções ou a ostentação dos gestos. É uma mulher autêntica e franca, que desmascara acomodações e fugas. Mulher do Evangelho com um modo franco de falar: sim, sim; não, não.

Mulher de têmpera forte, determinada e segura nas suas decisões, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu, tornando-se com o passar dos anos a mãe humilde e terna, mas sempre corajosa e franca ao indicar às suas filhas a meta, ao acompanhá-las no caminho da configuração a Cristo.

Como as mulheres do seu tempo, Maria Domingas não aprendeu a sabedoria nos livros, mas *na* vida. E a vida tornou-se sua mestra. Nela o Espírito Santo teceu o seu desígnio transformando-o em uma obra de arte.

<sup>105</sup> PF 40.

Formada na escola de Dom Domingos Pestarino e do teólogo José Frassinetti, assimilou em profundidade a sua doutrina impregnada de benignidade. Leu os escritos que Frassinetti propositalmente redigia para as Filhas da Imaculada nos quais ressoavam o magistério de Santa Teresa d'Ávila e de Santo Afonso de Ligório. A partir daqui sua espiritualidade se tornou sempre mais cristocêntrica e mariana.

Acolheu a vocação salesiana fazendo-se terra fecunda para que a semente do carisma se enraizasse nos seus gestos e modos de fazer, nas suas palavras, nos pensamentos e no estilo educativo. O encontro com Dom Bosco encontrou-a madura e pronta para que o *da mihi animas cetera tolle*, sonhado pelo santo para os jovens, se traduzisse num projeto de maternidade e se tornasse “feminino” segundo os traços característicos de Maria de Nazaré.

O seu itinerário espiritual – que em força do Batismo consiste numa experiência de fé, esperança e caridade – foi estudado e re-interpretado segundo algumas categorias fecundas. Maria Esther Posada afirma que «do ponto de vista existencial, a sua missão eclesial concretiza-se pela *caridade educativa*»,<sup>106</sup> caridade que se manifesta em três etapas de desenvolvimento: *em direção à caridade educativa* (1837-1860), à *caridade purificada e fecunda* (1860-1872), à *caridade plenamente oblativa* (1872-1881). Na última edição do Epistolário de Maria Domingas, Posada repropõe tal itinerário teologal dividindo -o em quatro etapas caracterizadas por uma particular maturação na vida cristã.

A *primeira* etapa compreende *treze anos*, isto é, desde o nascimento (1837) até a primeira Comunhão (1850). É o período em que Maria Domingas dá os seus *primeiros passos na fé*.

A *segunda* etapa inclui os *dez anos* que vão do primeiro encontro eucarístico até o ano em que contraiu o tifo (1860). Marcou-a com o selo da cruz e operou no seu espírito uma verdadeira mudança de orientação de vida. É o período em que sua *fé se torna pessoal e interiorizada*.

A *terceira* etapa compreende os *doze anos* que se interpõem entre a doença (1860) e a resposta sempre mais empenhativa ao chamado de Deus, com a mediação de Dom Bosco, e que culmina na

<sup>106</sup> POSADA Maria Esther, *Storia e santità. Influsso del Teologo Giuseppe Frassinetti sulla spiritualità di S. Maria Domenica Mazzarello*, Roma, LAS 1992, 49.

fundação do Instituto (1872). Neste período, *a fé* de Maria Domingas *amadurece na esperança*.

A última etapa, que compreende apenas *nove* anos (1872-1881), inclui o período em que se desenvolve intensamente a sua vocação e missão específica na Igreja. Aqui sua *fé alcança a plenitude na caridade*.<sup>107</sup>

Deixando-se guiar pela perspectiva teológica de Federico Ruíz, Anita Deleidi fez uma releitura do itinerário de Maria Domingas segundo uma nova modalidade, muito estimulante para a sensibilidade contemporânea: «O cristão espiritual não se sente à vontade nos antigos esquemas do processo de vida espiritual, sobretudo devido à sua estreiteza e segmentação [...]. Para crescer, o organismo elimina através de fases sucessivas, passa por várias crises, permanecendo o mesmo. O crescimento não acontece por simples acumulação, mas por um processo de perdas e aquisições. O mesmo acontece no processo espiritual, que não é gradual e harmônico; é feito de contradições, conflitos, tensões, rupturas de equilíbrios, que abrem o horizonte a sínteses mais ricas [...]. O ritmo de maturação pode variar dependendo das pessoas, das situações, da liberdade de Deus».<sup>108</sup>

A partir daqui se iniciou uma releitura da vida de Maria Domingas que considera toda a área da experiência real do crescimento espiritual cristão, sobretudo o início e o final, isto é, os sacramentos da iniciação cristã e a experiência da maturidade, da morte e ressurreição. Assim, Padre Federico Ruiz propõe cinco fases, cinco momentos fortes de desenvolvimento no desenrolar do caminho espiritual. Tais fases não se realizam sempre separadamente, misturam-se e, às vezes, mudam a ordem de sucessão:

*Iniciação* cristã (Batismo – Eucaristia – Crisma). Aqui a raiz e a síntese de todo o processo espiritual que coloca as bases objetivas e subjetivas da vida cristã.

<sup>107</sup> Cf. POSADA, *Maria Domenica Mazzarello: un itinerario teologale*, em Posada Maria Esther – COSTA Anna – CAVAGLIÀ Piera, *La sapienza della vita. Lettere di Maria Domenica Mazzarello*, Roma, Instituto FMA 2004. Daqui para a frente L seguido do número da carta.

<sup>108</sup> RUIZ Federico, *Diventare personalmente adulti in Cristo*, em AA.VV., *Problemi e prospettive di spiritualità*, Brescia, Queriniana 1983, 14. Citado em DELEIDI Anita – KO Maria, *Sulle orme di Madre Mazzarello donna sapiente*, Roma, Instituto FMA 1988, 24.

*Personalização* da vida teologal. Período em que se forja o futuro, relevante ou medíocre, da maior parte dos cristãos.

A *crise*. Leva à verdadeira maturidade cristã na configuração a Cristo, morto e ressuscitado. Ela intervém como ruptura de equilíbrios prematuros, para impelir na direção de uma maturidade superior, de ordem psíquica e espiritual.

A *maturidade* cristã. Efetua o processo de santificação que já teve início com o Batismo e que culminará na glorificação. Próximo em Deus, o santo unifica vocação, vida, trabalho, qualidades e limites. O que distingue o santo é precisamente a unidade alcançada entre todas as experiências e componentes do seu ser e o Espírito Santo.

A *doença* e a *morte*. O desgaste, a doença e a morte são realmente uma degradação em nível biológico e psicológico. Isto indica que a plenitude verdadeira está além, não é continuação normal do processo regular: chega mais tarde por puro dom de Deus que submete todas as antecedentes realizações do homem a uma mudança radical de qualidade.<sup>109</sup>

Nesta perspectiva dinâmica, processual e gradual foi relida a vida de Maria Domingas, o seu itinerário espiritual, lógica que está também por trás do Projeto Formativo *Nos sulcos da Aliança*. Pondo-se em sintonia com tal reinterpretação, o Âmbito da Formação elaborou o subsídio *Contigo Main, nas trilhas da vida*.<sup>110</sup> Ele relata o itinerário existencial e vocacional de Maria Domingas evidenciando o crescimento dinâmico e progressivo do dom da vida e da fé. As etapas de sua vida, de seu desenvolvimento pela ação do Espírito são destacadas pela acolhida de tal dom que se faz tarefa empenhativa: de fato, a *vida recebida* deve transformar-se em *vida doada*.

Também nós nos deixaremos conduzir pela mão de Maria Domingas no mistério de sua vida, com a intenção de conhecer mais de perto as dinâmicas do acompanhamento por ela vividos com figuras significativas: seus pais, Dom Pestarino, as amigas e as pessoas de Mornese, Dom Bosco e os diretores espirituais.

Para Maria Domingas vale aquilo que afirmamos de Dom Bosco: os nossos santos não gostam de expor o seu mundo interior e não

<sup>109</sup> Cf. *ibid.* 25-29.

<sup>110</sup> Cf. MENEGUSI Monica – RUFFINATO Piera, *Con te, Main sui sentieri della vita*. Subsídio Projeto Mornese, Roma, Instituto FMA 2007.

é fácil penetrá-lo com as poucas pistas que temos. Maria Domingas, além disso, nada escreveu de autobiográfico, como fez por exemplo Dom Bosco redigindo as *Memórias do Oratório*. Todavia, particularmente suas cartas são uma fonte preciosa. São escritos em que ela se “desvela” e se “revela”.

Um magistério rico e extraordinariamente atual em que se pode descobrir a sua personalidade e o seu caráter. Sem beber em outra fonte diferente da sua experiência humana e espiritual e, portanto, do seu intenso, contínuo e profundo relacionamento com Deus, Maria Domingas revela-se mestra de acompanhamento, verdadeira mistagoga, capaz de conduzir pelos caminhos do Espírito com segura firmeza e constante doçura.

As cartas são uma mina de espiritualidade salesiana, preciosa herança a ser valorizada. Por isso o caminho destes dias será iluminado e acompanhado por esta sua palavra à luz da Palavra de Deus que revela os significados profundos da linguagem humana que se abre à divina.

Neste itinerário vai nos orientar a categoria do acompanhamento que no Instituto «transcende qualquer projeto pessoal, qualquer protagonismo e se inclui em um chamado de amor preveniente, em um projeto de salvação na lógica do *da mihi animas*, a fim de que o Sangue de Cristo não seja derramado em vão».<sup>111</sup>

<sup>111</sup> CAVAGLIÀ Piera, *Dall'affidamento all'accompagnamento. L'esperienza formativa di Santa Maria Domenica Mazzarello*, em RUFFINATO Piera – SÉIDE Martha, *Accompagnare alla sorgente in un tempo di sfide educative*, Roma, LAS 2008, 252.

## **Os Mazzarelli: o tempo do encontro**

**«Quanto devo ao meu pai!**

***Se em mim existe alguma virtude, devo-o a ele!»***

Começamos o itinerário de discipulado na escola de Maria Domingas, entrando na casa que a viu nascer. O povoado dos Mazzarelli, a Paróquia, a Valponasca, a Via Valgelata, as casas do Vilarejo, a casa da Imaculada, o Colégio, Nizza Monferrato... Foram muitas as casas habitadas por Maria Domingas, comparando com a sua breve existência.

Como Dom Bosco, e mais que Dom Bosco, ela foi peregrina, itinerante, deslocando sempre além a sua morada definitiva, até colocá-la somente em Deus. Em cada uma dessas casas Maria Domingas viveu em plenitude a sua vida de criança, menina, adolescente, jovem mulher e mãe. Em cada casa encontrou uma comunidade de pessoas com as quais compartilhou o caminho, pelas quais se deixou acompanhar e que, por sua vez, acompanhou e ajudou a crescer. Um mundo variegado de pessoas com as quais experimentou a alegria da amizade, da fraternidade, fazendo-se companheira, irmã, discípula e mestra. Cada experiência foi amadurecendo nela, em concreto, o espírito de família.<sup>112</sup>

No povoado dos Mazzarelli, Maria Domingas transcorre os primeiros anos de sua vida em um contexto familiar aberto e rico de presenças: irmãos, irmãs, a avó paterna e dois tios (irmãos do pai) com as respectivas famílias. Isto se lhe revela como um ótimo terreno para educar-se à capacidade relacional simples e espontânea.

Sua família goza da estima dos moradores de Mornese porque é exemplo e modelo de relações saudáveis e genuínas: «A família Mazzarello pela sua bondade, ordem e honestidade era verdadeiramente uma família modelo. Embora dedicada ao trabalho nos campos, em casa tudo era muito ordenado e limpo. Todos se vestiam segundo a sua condição, com modéstia, sem exibição de roupas, mas com bom gosto e dignidade. E a jovialidade composta pelos seus rostos e pelas suas conversas deixava transparecer a

<sup>112</sup> Cf. CIGOLLA Erta, *Riflessioni per il Progetto Mornese*, pró-manuscrito.

beleza de suas almas». <sup>113</sup> Eles eram muito abertos à acolhida e à solidariedade. Quando a cólera atingiu o Vilarejo, em 1836, e em consequência morreram o irmão de José e sua esposa, deixando órfãs suas duas filhas, então José tomou consigo a primogênita Domênica, de doze anos, enquanto a outra, de nome Maria, foi adotada pelo irmão Nicola.

Os pais, Maddalena e José, <sup>114</sup> eram solícitos na educação dos filhos. As testemunhas dos Processos afirmam que “um supria as deficiências do outro”. A mãe era realmente um temperamento impulsivo e bastante arrojado, enquanto o pai mostrava-se muito calmo. Maria mesma dirá a Petronilla que «a mãe com tantas palavras não conseguia quase nada; o pai falava pouquíssimo e todos corriam para escutá-lo». <sup>115</sup>

O seu modo de educar era eficaz seja nas modalidades, seja porque era enriquecida pela sua fé sólida e pela vida honesta e transparente. Afirma D. Lemoyne: «Suas orientações e seus avisos estavam em perfeita sintonia com seus exemplos, e eram dados de modo tão oportuno que deixavam um sinal indelével naquela alma simples». <sup>116</sup> Seu pai manifesta uma ‘autoridade’ “séria e suave” e, a partir do seu exemplo, Maria adquire sua capacidade educativa que, cultivada, acabará por se revelar como extraordinário dom de governo. Testemunha Ir. Enrichetta Sorbone: «A Madre fazia-se amar sem leviandade e se fazia temer sem oprimir, nem aviltar». <sup>117</sup>

Com o pai, Maria aprende a viver o trabalho numa visão cristã da vida, dando a cada ocupação o seu verdadeiro significado, nunca subtraindo a oração ao trabalho diário, e santificando com amor as festas.

<sup>113</sup> MACCONO Ferdinando, *Santa Maria D. Mazzarello, Confondatrice e prima Superiora Generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice I*, Turim, Instituto FMA 1960, 39.

<sup>114</sup> O pai de Maria Domingas morrerá em 19 de setembro de 1879 na casa da Valponasca. Também a mãe morrerá na Valponasca em 25/3/1894.

<sup>115</sup> *Cronistória I*, 42.

<sup>116</sup> LEMOYNE Giovanni Battista, *Suor Maria Domenica Mazzarello*, em KOTHGASSER Alois – LEMOYNE G. Battista – CAVIGLIA Alberto, *Maria Domingas Mazzarello. Profecia di una vita*, Roma, Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora 1996, 83.

<sup>117</sup> SACRA RITUUM CONGREGATIONE, *Beatificationis et canonizationis servae dei Mariae Dominicae Mazzarello. Positio super virtutibus*, Romae, Typis Guerra et Belli 1934, 279.

No trabalho campestre, no silêncio do trabalho manual, aprende a viver na presença de Deus, a contemplar sua ação na natureza, respeitando-o e amando-o nas suas criaturas. A partir do trabalho braçal aprende que nada na vida se conquista sem esforço e descobre o valor do sacrifício, mas ao mesmo tempo compreende a necessidade de respeitar os ritmos das estações colocando-se na escola sábia e realista da natureza, metáfora preciosa do trabalho educativo feito de esperas pacientes, de trabalho silencioso, humilde e perseverante, de confiança incondicional nos recursos do coração humano.

O pai a leva aos mercados e às feiras, um dos poucos divertimentos daquele tempo, mas vigia sobre o que poderia ser contraproducente para a educação da filha. Ele a favorece naquilo que lhe agrada, como vestir-se bem, mas sem afetação: «Ela contava que o pai às vezes a levava aos mercados por necessidade de negócios. Pois bem, ele sabia interpor-se entre ela e os objetos menos convenientes, com tal desenvoltura, com tal prontidão de espírito e com discursos tão apropriados, que lhe desviava a atenção das palavras grosseiras que se ouviam nas praças».<sup>118</sup>

Maria Domingas, como primogênita, é particularmente afeiçoada ao pai a quem desejaria nunca causar desprazer e em cuja escola permanecerá como fiel discípula. É ainda de D. Lemoyne a afirmação: «[Madre Mazzarello] exclamava muitas vezes: – Quanto devo ao trabalho de meu pai! Se em mim existe um pouco de virtude, devo-o ao meu pai que, pela pureza de costumes e de palavras, podia comparar-se a um santo».<sup>119</sup>

Em família Maria adquire confiança na vida, pressuposto para a conquista da identidade pessoal e da capacidade de relação com os outros, requisitos que lhe são indispensáveis para desenvolver responsabilmente sua tarefa de educadora dos irmãos e das irmãs e que depois colocará à disposição das meninas de Mornese e das jovens do Colégio.

Mesmo se *Main* promete bom êxito, todavia, não está isenta de defeitos e limitações. A sua prontidão nas decisões, a clareza das ideias e das intuições e o natural realismo e senso prático a tornam “salesiana por instinto”, educadora “nata”, mas deve vigiar para que

<sup>118</sup> LEMOYNE, *Suor Maria D. Mazzarello* 84.

<sup>119</sup> MACCONO, *Santa Maria D. I.*, 24.

a segurança que coloca em si mesma não degenera em prepotência. Por isso, enquanto descobre a alegria e a beleza de ser filha de Deus, conscientiza-se também de que o seu caminho de filiação é dinâmico, contínuo e progressivo e requer empenho na formação humana e cristã. Sendo assim, D. Maccono evidencia algumas tarefas de desenvolvimento: «Maria herdara da mãe uma índole ardente, que precisava modificar com a bondade e a doçura; herdara do pai uma visão precisa das coisas e bom senso; mas tinha também grande tenacidade de juízo, que precisava temperar com a humildade, a flexibilidade e a docilidade, para não se tornar teimosia; tinha um coração sensívelíssimo, cujos afetos precisavam ser elevados e santificados para que não se tornassem presas do mundo. Embora menina, tinha critério, prontidão de juízo e energia de vontade; e, então, compreendia a necessidade de corrigir-se e de se dominar».<sup>120</sup>

## **1. Da experiência da paternidade humana ao encontro com o Pai dos céus**

Desde a infância Maria demonstra ser aberta aos valores e à fé. A mediação oportuna do pai abre-lhe o caminho ao encontro com o Deus vivo e verdadeiro que revela a sua identidade, mais profunda na paternidade. Portanto, na espiritualidade que nela está amadurecendo é impossível não pensar em uma presença forte de Deus Pai. Um Pai onipotente, bom, mas também exigente: «Da família Maria havia aprendido a pensar em um Deus vivo, um Deus Pessoa, um Deus que fala no íntimo da alma, que se manifesta e se revela, desde que se esteja disposto a ouvi-lo. Ele era para ela uma presença real, pessoal, operante: a relação com ele era simples, baseada na confiança. Tinha a convicção de que se pode e se deve falar muito com ele, também no dialeto da própria região, o que ensinará mais tarde às suas irmãs.

Que ela vivia habitualmente na presença de Deus ficou evidenciado também pela pergunta feita ao pai quando criança: “O que fazia Deus antes de criar o mundo?».<sup>121</sup>

<sup>120</sup> *Ibid.* 26.

<sup>121</sup> *Ibid.* 17.

Sua pergunta “O que *fazia* Deus antes de criar o mundo?”, revela um desejo ao qual José responde com as palavras profundas do catecismo e que deixam “grande impressão” no coração e na mente da menina. [...] Sua formulação também nos revela o seu modo de percebê-lo: «não se interrogava sobre o ser de Deus, mas sobre o Seu trabalho, o que subtendia um conceito existencial dinâmico, concreto, pelo qual não conseguia pensá-lo inerte, não atuante, sem mundo, sem os homens, objetos do seu amor».<sup>122</sup>

A resposta do pai, talvez de difícil compreensão para a menina, confirma-nos o papel de José relativamente ao crescimento da fé em Maria. De fato, graças a ele os fundamentos da identidade cristã alicerçaram-se na garota, não apenas com relação aos conteúdos, mas também com relação à experiência psicológica de ser amada, escutada, protegida, perdoada por uma pessoa significativa como o pai. Estas são disposições preciosas para o crescimento do relacionamento filial com Deus Pai e para conhecê-lo, como Jesus o revelou: *Abbà*. Com esta consciência é possível viver na sua presença, colocar toda a própria existência em sintonia com ele, fazer a sua vontade e realizar aquilo que lhe é agradável, viver sob o seu olhar que nunca nos abandona e que nos ajuda a não nos deixar tentar pelo mal. «Por outro lado, o pensamento de dever prestar contas a Deus das próprias escolhas e comportamentos impelia-a a implorar a graça de sentir sincero remorso das próprias faltas, de temê-las e de evitá-las, de modo a não precisar ter medo de sua vinda como juiz, mas de poder esperá-la com alegria como a vinda do Pai e Amigo».<sup>123</sup>

De Deus, bom Pai, é lícito esperar tudo, elevar o olhar a Ele, dono de tudo, e ao mesmo tempo esperar n’Ele que protege os seus filhos e não se deixa vencer em generosidade.

## **2. Em confronto com a sua experiência de Deus**

Consultando uma reflexão de Maria Esther Posada colocamo-nos à escuta de Maria Domingas para entrar na sua experiência de

<sup>122</sup> VENTURA Maria Concetta, *Il volto paterno di Dio a Mornese*, pró-manuscrito.

<sup>123</sup> C. *cit.*

Deus. Nela somos chamadas a espelhar-nos e a percorrer o nosso próprio caminho de fé e de encontro com Deus.<sup>124</sup>

### 2.1. *Mostra-nos o teu rosto*

Ver o rosto de Deus é o desejo do homem de fé, do homem religioso, do místico. Maria Domingas não nos descreve este rosto divino, mas no-lo transmite em suas cartas, pelos traços “antropomórficos” com que tenta expressar que Deus está vivo, atento, presente em cada criatura. Ele vê o coração humano (C 19), percebe os sacrifícios que por Ele se fazem “alegremente” (C 21). Não conta as nossas lágrimas, mas o que fazemos de “coração” (C 58). Deus, o Senhor, tem ouvidos que escutam a nossa oração (cf. C 40).

Ele aceita o nosso coração e as nossas obras, precisamente porque vê, percebe, escuta. A sua mão trabalha em nós (C 66). Ele é o Vivente e nos prepara pessoalmente uma bela coroa no Paraíso (C 41).

### 2.2. *Tu és o Altíssimo*

O justo sentido de Deus, adquirido desde a infância, deságua nos anos da maturidade como consciência da sua transcendência. Os verbos que Maria Domingas emprega para expressar as diversas ações que Deus realiza exprimem esta transcendência que não é ausência, porque dizem respeito à criatura.

Deus, o Altíssimo, nos abençoa (C 7). Tal expressão aparece umas cinquenta vezes nas cartas de Maria Domingas. Com efeito, poder-se-ia dizer que a bênção de Deus é a sua “ação primordial” e quase “conclusiva” da história: «Do princípio ao fim dos tempos toda a obra de Deus é bênção. Desde o poema litúrgico da criação (Gênesis) até as canções da Jerusalém Celeste (Apocalipse), os autores inspirados anunciam o desígnio da salvação como uma imensa bênção divina».<sup>125</sup>

<sup>124</sup> Para esta parte cf. Maria Esther Posada: “*Mostraci il Padre*” (Jo 14,8). *Spunti di riflessione su Dio Padre nell’insegnamento di Maria D. Mazzarello*, pró-manuscrito.

<sup>125</sup> CCC 1079.

É o Senhor Deus que dá a vida (C 57), a força, sobretudo para fazer a sua vontade (cf. C 48); é somente Ele que inflama o coração (C 18), digna-se inspirar-nos (C 27), faz-nos verdadeiramente sábios (C 22), revela-nos a nós mesmos (C 17). É Deus que nos chama (C 30), escolhe-nos (C 60), dá-nos a graça da vocação (C 22). É Ele mesmo que envia em missão e nos envia às destinatárias da nossa missão e será Ele, o Senhor, que nos chamará um dia ao Paraíso para vivermos com Ele (C 42).

### 2.3. *Tu és o Deus-conosco*

Ao conceber e contemplar Deus como o Altíssimo, Maria Domingas Mazzarello não se esquece de apresentá-lo também como o Deus e Senhor “próximo de nós”. O seu realismo espiritual não lhe permite enveredar por um intimismo pseudomístico. Entrando em intimidade pessoal com Deus, a santa intui que Ele está perto de nós, antes, está conosco (cf. C 42). A partir desta proximidade de Deus ela experimenta o amor, (cf. C 63), a ajuda, a força, como a de um “valente” ao seu lado: de fato, no sofrimento pela justiça, somos da parte de Deus (C 28).

Talvez uma das “consequências” mais pressentidas (e também mais expressas) derivadas da proximidade do Senhor é a que ela chama consolação (encontrada, em diversos contextos, umas 35 vezes). É dom de Deus: Deus vos abençoe e vos console a todas (C 39), Ele preenche o seu coração que até “chora de consolação” (C 26), é o melhor augúrio que faz às suas filhas (C 56), é dom do amor de Deus que, de alguma forma, tem relação com a doçura, a confiança (27 vezes), a paz, o abandono, a bondade, a paciência, a alegria.

A consolação, como a alegria, não são apenas um sentimento, são a experiência da ação de Deus no centro do ser, que Maria Domingas Mazzarello chama coração (93 vezes).

A substância de toda forma de consolação é uma efusão nova de dons do Espírito, que chegam a preencher o coração. Alguns santos experimentaram de modo particular esta efusão, e a descreveram amplamente (S. Teresa, S. João da Cruz, S. Inácio de Loyola).

Trata-se de um verdadeiro crescimento no amor que pode assumir o estilo do agradecimento, do arrependimento, da partici-

pação à paixão, comportando também manifestações afetivas, como as lágrimas. Com simplicidade, Maria Domingas dirá às suas filhas: «O meu coração chora de consolação e continuamente pede bênçãos para todas vocês [para que] possam revestir-se verdadeiramente do Espírito do nosso bom Jesus» (C 26). A verdadeira substância da consolação cristã chama-se Espírito Santo, é o Espírito do Pai e do Filho presente no coração dos crentes.

#### *2.4. Escuta e ama*

O Deus Altíssimo e muitíssimo próximo é um Deus Pessoal. Por isso podemos estabelecer uma verdadeira relação com Ele. É esta a razão da Encarnação e da Redenção realizada por Cristo.

As cartas de Maria Domingas revelam as modalidades desta relação. Ela se expressa na oração humilde e constante (C 9), confiante e confidente (32 vezes). Sem querer oferecer uma definição de oração, Maria Domingas Mazzarello a concebe como uma linguagem da alma com Deus (cf. C 17).

Tratando-se de um verdadeiro diálogo interpessoal, ocorre antes de tudo escutar o Senhor: «é preciso estar recolhidas no nosso coração se quisermos ouvir a (Sua) voz» (C 22) e, escutando-a, dar resposta, entretendo-se com Ele: «falar muito com o Senhor». A relação não será tão esporádica, mas levará a uma continuidade de trocas, «conservando – isto é – o espírito de união com Deus» (C 23).

Haverá expressões diversas, como entre as pessoas que se amam: de agradecimento (cf. C 47), de louvor procurando agradecer-lhe (cf. C 23), mas também de sofrer por Ele (cf. C 63), de cultivar aquela alegria que Ele quer (cf. C 43) porque ela é o sinal de um coração que ama (cf. C 60).

Porém, este relacionamento confidente e pessoal é marcado pela humilde consciência de tratar com Aquele que é o Senhor do céu e da terra, ao qual é devida toda a glória (cf. C 37).

A relação alcança a plenitude na totalidade e na radicalidade do amor.

Mesmo se plenamente consciente de que o amor universal qualifica o cristianismo, Maria Domingas é quase “obstinada” ao evidenciar a escolha de Deus como o Único Senhor do próprio coração,

da comunidade, da ação apostólica, do mundo e da história. Sem integralismos desmascara toda afeição que desvie d'Ele (cf. C 35), proclama que é preciso amá-Lo de todo coração (cf. C 44, 62), trabalhar para Ele somente (cf. C 29), amar tudo e todos n'Ele (cf. C 55, 63), trabalhar com o único objetivo de agradar a Ele (cf. C 41), mas também conservar a saúde para a sua glória (C 28). A mesma missão, que é serviço à humanidade no âmbito da educação feminina, é serviço somente a Ele (cf. C 56), porque o campo de trabalho é do Senhor (C 59).

### **Para a reflexão e a partilha**



- ✓ *A partir da experiência de paternidade humana, Maria Domingas chega ao encontro vital com a paternidade de Deus. Detenha-se sobre a experiência de Maria Domingas e deixe que ressoe em você, na sua história de amor com Deus. Qual é o nome de Deus para você?*
- ✓ *Diante de experiências menos positivas de paternidade humana – sempre mais frequentes nas jovens em formação – quais poderiam ser as estratégias para sanar tal imagem e favorecer um encontro real e vital com o Pai celeste?*

## **A paróquia: o tempo da amizade**

**«Por que não rezamos juntas, Petronilla? A oração em comum tem mais valor»**

A paróquia é central na vida e no itinerário espiritual de Maria Domingas. De fato, não apenas é o lugar do seu nascimento à vida cristã: aqui foi batizada em 9 de maio de 1837, mas também o berço da sua fé, alimentada pelos sacramentos da Eucaristia, recebida em 1850, e da Reconciliação à qual se associa o ministério de sua direção espiritual por Dom Pestarino.

Maria Domingas vive trinta e cinco dos seus quarenta e quatro anos profundamente inseridos na comunidade eclesial de Mornese, da qual tudo recebe, e à qual tudo dá. Ela é um atual exemplo e testemunho de leiga empenhada na igreja local que muitas vezes esquecemos de fazer conhecer aos jovens e aos leigos, nossos colaboradores.

Na vivacidade espiritual e social desta realidade, Maria Domingas amadurece na fé e nas relações, desenvolve um apostolado inicialmente orientado a todas as obras de caridade e, depois, pouco a pouco sempre mais voltado à formação integral das jovens. Aqui amadurece a sua vocação de Filha da Imaculada e de Filha de Maria Auxiliadora. A paróquia, poderíamos dizer, é o seio fecundo que dá à luz a sua vocação de consagrada e de educadora.

Na paróquia acontece para Maria Domingas o encontro com Cristo na primeira Comunhão. Afirma Maria Esther Posada: «A paróquia foi o lugar por excelência de sua formação cristã, fundada na vida sacramental. Poder-se-ia dizer que S. Maria Mazzarello é um fruto maduro de santidade paroquial. Ao mesmo tempo, deve-se evidenciar como Maria Mazzarello deu uma contribuição à vida eclesial de seu tempo, precisamente por meio da paróquia. E isto não só pelas obras com as quais colaborou ou por aquilo que criou na comunidade paroquial do seu vilarejo, mas mais ainda por ter contribuído com abertura de mente e plenitude de resposta à obra mais profunda da renovação da vida cristã, superando decididamente os resíduos de jansenismo de vários modos presentes no seu ambiente».<sup>126</sup>

<sup>126</sup> POSADA, *Storia e Santità* 96.

A presença de Dom Pestarino na comunidade paroquial é mediação fundamental. Ele chega a Mornese em 1848, quando Maria Domingas tem onze anos, e se torna seu mestre e guia por vinte e sete anos, até a morte.

Formado na escola do teólogo Dom José Frassinetti, Dom Pestarino orienta a sua ação pastoral no sentido de uma pregação dirigida a iluminar e solicitar a frequência aos Sacramentos, a formação catequética, sobretudo das crianças, a vida das associações e certa promoção cultural. A *Cronistória* descreve-o como “o homem do confessionário, mas, sobretudo, do Altar e do Tabernáculo”.<sup>127</sup>

Quando ele era prefeito, no Seminário de Gênova, revelou a sua habilidade educativa junto aos jovens formandos. Realmente, ele ali se mostrava mais do que um superior, era um irmão maior, um pai muito amado. Queria que os jovens fossem alegres e se divertissem, mas que fossem também estudiosos, mortificados e obedientes, que soubessem vencer-se a si mesmos e renegar os próprios caprichos para cumprir os seus deveres. Suportava os seus defeitos, mas exigia o esforço para corrigir-se. Quase não dava castigos e o mais grave consistia em mostrar-se triste, permanecendo sério e silencioso durante o recreio. Recomendava viver na presença de Deus e ser reto nas intenções, fazer tudo e só por Deus e não para ser visto e estimado pelos superiores. Esta ação educativa foi continuada por Dom Pestarino quando se transferiu para Mornese.

Convicto do valor formativo grupal, Dom Pestarino incrementou as associações. Para as crianças criou a *Obra da Santa Infância*, para as mães a *Associação das mães de família*, para os homens a *Conferência de São Vicente*, para os jovens e as jovens as *União dos Filhos e das Filhas de Maria Imaculada*.

Neste microcosmo social e eclesial Maria abre-se ao dom da amizade, realidade que a ajudará a crescer na vida humana e cristã. Ela intui o valor da amizade desde a adolescência, quando encontrando-se um dia com Petronilla fora da igreja, convida-a para ser sua amiga rezando juntas.<sup>128</sup>

Mais tarde, como membro da Associação das Filhas de Maria Imaculada (FMI), Maria Domingas conhecerá as vantagens das *san-*

<sup>127</sup> *Cronistória* I, 18.

<sup>128</sup> Cf. *Cronistória* I, 33.

*tas amizades espirituais*, nascidas, a saber, da “verdadeira caridade de Deus”. Estas vantagens eram sintetizadas pelo próprio D. Frassinetti no bom exemplo, na animação, nas boas obras, na oração mútua, na ajuda recíproca, na correção fraterna.<sup>129</sup> A “santa” amizade que liga Maria e Petronilla alimenta-se destas riquezas. A presença de Deus, sobre a qual está fundada, garante o seu crescimento afetivo e espiritual.

Anota o biógrafo: «As duas amigas eram diferentes de caráter: Maria vivaz, fogosa, brincalhona e briosa. Sua calma podia parecer feliz dom da natureza aos que a olhavam superficialmente e era, em vez, fruto de contínua vigilância e de esforços, às vezes heroicos, para manter sempre o pleno domínio de si. Era rápida no trabalho e queria as coisas com perfeição, e não transigia. Petronilla era calma por natureza, indulgente, não tão rápida em questões práticas. Maria, mais velha um ano e alguns meses, tinha uma superioridade moral e intelectual que, porém, não fazia pesar; e Petronilla submetia-se a Maria, sem perceber o domínio; mas, as duas amavam a Deus, eram tendentes à piedade e esquivas ao mal. E não sabemos se Maria sem Petronilla teria conseguido fazer tudo o que fez!».<sup>130</sup>

Descrevendo as duas amigas, D. Maccono, mais do que as semelhanças, retrata as diferenças, evidenciando-as como um traço providencial e um componente indispensável para a sua amizade. A mansidão e a calma de Petronilla, de fato, mitigam a impetuosidade de Maria, enquanto a lentidão de Petronilla, que a torna vacilante diante de escolhas perspicazes, é corrigida pela segurança e pela determinação de Maria. Quando se trata de aceitar a proposta de ser FMA, Maria, com a prontidão que a distingue, não hesita em responder afirmativamente, enquanto Petronilla fica indecisa. É exatamente a segurança de Maria que dá também a ela a coragem que lhe falta.

As diferenças presentes nas duas amigas se integram maravilhosamente, tanto é verdade que ambas podem ser elas mesmas na sua melhor forma: «Maria e Petronilla iam adiante como duas irmãs. Maria era sempre a alma de tudo. Inconscientemente era a inteligência, o olho; a outra era o braço, a mão, mas isto acontecia

<sup>129</sup> Cf. FERNANDEZ Ana Maria, *Le lettere di Maria Domenica Mazzarello. Testimoni e mediazione di una missione carismatica*, Roma, LAS 2006, 228-229.

<sup>130</sup> MACCONO, *Santa Maria D. I*, 33.

naturalmente, e tudo procedia com a máxima harmonia. Maria dizia a Petronilla tudo o que pensava e não movia um dedo sem o seu conselho; Petronilla, um pouco lenta nas decisões e execuções, mas piedosa e reta, encontrava em Maria tudo o que podia desejar de rapidez, de energia, de bondade, e as meninas recorriam indiferentemente a uma ou à outra, em cada ocorrência de trabalho». <sup>131</sup>

Para o bom êxito de um relacionamento humano é essencial não pretender que o outro seja diferente daquilo que é. Porém, aceitar a realidade da outra pessoa pressupõe que, com realismo e na paz, se aceite a própria realidade.

Nem todas as amizades têm o mesmo valor, intensidade, profundidade e duração. Algumas surgem esperando por um crescimento promissor, mas depois terminam estagnando-se, regredindo e se rompendo. Ao contrário, há relações interpessoais caracterizadas pelo respeito, fidelidade, ternura, calor humano e empenho. São aquelas fundadas na percepção da riqueza do outro e na sua profundidade de vida. Constrói-se, então, como no caso de Maria e Petronilla, uma amizade sólida e gratificante, que floresce porque permite à outra pessoa revelar-se nas próprias riquezas interiores, mas também nas próprias sombras. O amor paciente e autêntico pelo outro, sólido e maduro, ajuda-o a acreditar em si mesmo e a captar o melhor de si. Então, o clima de amor que a amizade produz reforça o positivo entre as pessoas, mesmo quando é necessário dizer, sem aspereza e agressividade, o que não funciona. A relação entre Maria e Petronilla é deste tipo. Deus é o fundamento comum a partir do qual ambas obtêm o estímulo para comunicar-se reciprocamente em nível profundo. Por isso, com respeito humano, ambas se ajudam a crescer nesta direção. Já lembramos “o aviso” de Maria à amiga para rezarem juntas e, ainda, vemos a ação de Maria para convencer Dom Pestarino a aceitar Petronilla na Associação das FMI, fazendo evoluir e amadurecer as “formas exteriores” de sua piedade, muito redundantes. Isto contribui para torná-la inconscientemente salesiana! A amizade delas ajuda a crescer, a “ser mais”.

O seu relacionamento alcança o nível espiritual, isto é, Deus como ponto de referência essencial, e isto confere sentido à apro-

<sup>131</sup> *Cronistória I*, 137.

ximação recíproca e à relação no seu conjunto. Cada uma das duas amigas vive a experiência de Deus como uma presença certa e íntima, por isso o horizonte do seu relacionamento encontra sentido no seu amor.

Mesmo sendo rica de afeto e de afinidades, elementos que favorecem a aproximação, a estabilidade de sua amizade tem raízes mais remotas: funda-se em Deus e no seu chamado. Realmente, quando numa relação de amizade Deus está no centro, as duas pessoas amadurecem também no seu ideal apostólico. Assim em Maria e Petronilla, já abertas ao sentido profundo da maternidade espiritual, reforça-se o empenho comum de educar as jovens para levá-las ao Senhor.

A oficina das FMI é então um fruto amadurecido graças também à amizade entre Maria e Petronilla, pelo que, como Maccono, podemos exclamar: «Não sabemos se Maria, sem Petronilla, teria conseguido fazer tudo o que fez!».<sup>132</sup>

Antes mesmo que a oficina assuma suas feições definitivas, as duas amigas já se ajudam e se encorajam nos seus projetos: Maria manifesta a Petronilla a contínua e insistente inspiração de se sentir propensa a ajudar as jovens. Propõe-lhe a aprenderem juntas corte e costura e a se servirem posteriormente deste meio para atrair as jovens, torná-las boas e ajudá-las a crescer. Petronilla, por sua vez, escuta Maria maravilhada e lhe parece estar sonhando, ou Maria delirando. Pela lentidão que a caracteriza, não consegue entender todos os motivos daquela proposta, mas o afeto, a confiança que coloca em Maria impele-a a compartilhar a aventura, mesmo se difícil de ser realizada, porquanto, no lugarejo as pessoas riem das duas jovens e as criticam: sim, são boas, mas a seu modo, e não têm muita vontade de trabalhar.<sup>133</sup>

A amizade infunde coragem e capacidade de desdramatizar, e isto permite às duas jovens a decisão de viverem juntas, aceitando também as críticas com grande confiança em Deus. Antes, em vez de se fecharem no seu pequeno mundo, vão cultivando um coração solidário, aberto à hospitalidade e capaz de gerar novas relações humanas.

<sup>132</sup> MACCONO, *Santa Maria D. I*, 33.

<sup>133</sup> Cf. *Ibid.* 90. 93.

Em conclusão, «Maria Domingas amadurece gradativamente a amizade não tanto como escolha preferencial de pessoas para si, mas na disponibilidade e abertura a um projeto que lentamente se lhe revelava por meio de mediações que o Senhor a fazia encontrar; tal disponibilidade lançou as bases para aquele ambiente chamado “clima de família” ou “espírito de família” rico de confiança, de cordialidade, de colaboração entre as pessoas que vivem num mesmo ambiente, na mesma vocação».<sup>134</sup>

### **Para a reflexão e a partilha**

*Nós constatamos como a espiritualidade salesiana valoriza a experiência da amizade espiritual como precioso instrumento de acompanhamento recíproco. Perguntemo-nos:*

- ✓ *Como valorizamos tal realidade em nossa prática formativa? Quais dificuldades encontramos?*

<sup>134</sup> CIGOLLA, *Chiamata alla vita cristiana* pró-manuscrito.

## **A Valponasca: o tempo do amor**

**«Maria abriu as portas da sua consciência ao confessor»**

### **1. O tempo da personalização da fé**

Na Valponasca, Maria transcorre o período da adolescência (dos 11 aos 21 anos 1848-49/1858). Esta transferência é devida ao crescimento das famílias; de fato, nos Mazzarelli viviam três irmãos com suas respectivas famílias. Então, José decide transferir-se para a Valponasca e trabalhar como meeiro do marquês D’Oria.

Para Maria este é um tempo intenso, uma escola de vida em todos os sentidos. Em contato com a natureza e com o trabalho, na solidão e no silêncio, guiada pelo Espírito do Senhor, aprende a viver uma vida espiritual autêntica, enraizada na oração e no serviço aos outros. Aqui aprende a combinar oração e trabalho.

Nesta etapa vamos tentar focalizar o caminho humano e cristão vivido por Maria graças também ao acompanhamento de Dom Pestarino. Deixando a palavra às fontes, vamos entrar com maior profundidade neste itinerário e dele colher sutilezas e dinâmicas.

A meninice, a adolescência e a juventude de Maria estão profundamente marcadas pelo caminho de maturação humana e cristã. Nela se efetua o princípio da unidade do ato formativo/educativo segundo o qual, na pessoa, interpenetram-se dinâmismos de maturação humana, não disjuntos da ação, misteriosa mas real, da graça divina, componentes pessoais e intervenções externas, neste caso, as específicas de Dom Pestarino.

É a fase da personalização da fé, que é assumida de forma sempre mais livre e pessoal, ou também, da passagem da atração, na qual se experimenta o fascínio do amor de Cristo, à iniciação, isto é, o escancarar-se de um caminho de aproximação pessoal ao mistério. Nesta fase é decisivo o acompanhamento.

A experiência central deste processo continua sendo o encontro pessoal e totalizante com Cristo, efetuado, porém, no concreto da vida. A fidelidade à vida exprime-se em Maria como abertura, ou seja, disposição da natureza fortalecida no caminho espiritual, e

compreensão como capacidade de *ler* a realidade e assumi-la com discernimento.<sup>135</sup>

Na Valponasca, isto se efetua com a abertura à realidade natural em que vive e está imersa diariamente, *ao mundo humano*, em particular pela mediação do pai, *a si mesma*, no realismo do conhecimento de si filtrado pelo acompanhamento de Dom Pestarino. Isto lhe permite constatar os próprios limites e imperfeições, mas sem ceder ao desânimo ou à pacificação superficial, e sempre à luz do amor misericordioso e fiel de Deus.

No intenso trabalho sobre o caráter, pedido a Maria Domingas por Dom Pestarino, são colocados os fundamentos do seu edifício espiritual. De sua parte, Maria empenha-se com tenacidade, energia, correspondência inteligente e constância a toda prova. Torna-se disponível às propostas de Dom Pestarino, embora elas lhe custem muito empenho e esforço. Nelas, de fato, reconhece o seu bem, o instrumento para alcançar o ideal que não se identifica com a perfeição, mas sim com o serviço mais livre e total a Deus, pelo qual se sente amada e que ela, por sua vez, ama.

Dom Pestarino, hábil diretor espiritual de Maria, oferece à jovem as propostas espirituais das quais tem necessidade. Embora respeitando os ritmos e sem precipitação, ele é decidido, firme e exigente. Sabe que tem o que fazer com uma jovem de temperamento forte e tenaz, que requer semelhante determinação formativa. Aproveitando os recursos, como a sua vontade e o desejo de ter sucesso e de vencer, obtém a cordial correspondência de Maria que, para alcançar o seu objetivo não teme fadigas e humilhações. Além disso, sabe colher nela a sensibilidade e a retidão de coração, a transparência de vida, o espírito de sacrifício e a firmeza de vontade. Como um escultor hábil, sabe que na fase inicial de sua obra deverá esboçar a criatura nova a partir de uma matéria bruta. Somente num segundo momento poderá utilizar o pequeno cinzel para o acabamento.

Este tipo de acompanhamento ao qual Maria não se subtrai, obtém resultados surpreendentes seja para a jovem, seja em vista da tarefa educativa e formativa que deverá assumir no futuro, como se

<sup>135</sup> Cf. Posada Maria Esther, *Il realismo spirituale di S. Maria Domenica Mazzarello*, em Bodem A. – KOTHGASSER Alois, *Teologie und Leben. Festgabe für Georg Söll zum 70. Geurtstag*, Roma, LAS 1983, 507-514.

pode deduzir das estratégias usadas por Dom Pestarino ao acompanhá-la.<sup>136</sup>

O seu epistolário é realmente rico de referências, conselhos, exortações, iluminações acerca da necessidade de empreender um trabalho contínuo sobre o próprio caráter, de purificar continuamente as próprias motivações, de orientar em cada instante a própria vida para Jesus, deixando que a sua Palavra e a sua Presença operem uma transformação radical no coração e na vida.

As postulantes lembra que é preciso pensar muitas vezes na finalidade pela qual entraram na Congregação, vestindo-se com o hábito de todas as virtudes necessárias a uma religiosa que quer chamar-se esposa de Jesus: espírito de mortificação, sacrifício, a obediência, humildade, desapego de tudo o que não é Deus (cf. C 24).

Do mesmo modo lembra às Irmãs que o único objetivo é aperfeiçoar-se e se fazer santas para Jesus (cf. C 64). Para realizar isto é necessário colocar-se com empenho na prática sincera da verdadeira humildade e esmagar, a todo custo, o amor próprio (cf. C 16), mas, ao mesmo tempo, não ter medo dos próprios defeitos, sabendo que não se pode mudar precipitadamente, mas que é preciso ter paciência, boa vontade e nunca fazer as pazes com eles cada vez que a luz do Senhor no-los fizer conhecer. (cf. C 17).

Para efetuar este caminho são necessárias algumas atitudes. Antes de tudo a abertura de coração, a confiança naquele/naquela que fazem o acompanhamento (a Diretora e o Confessor), a retidão das intenções (cf. C 18, 27,40).

É preciso ainda se colocar na escola da humildade e não dar mais ouvidos à mestra soberba para não se ofender, superando caprichos e vaidades (cf. C 26,27). É preciso estar cientes da própria pequenez, de nada saber fazer, porquanto aquilo que parece ser nosso saber é a mão de Deus que trabalha em nós. Diante da fragilidade da natureza e da tentação do pecado devemos, com realismo, reconhecer que sem Ele somente somos capazes de fazer o mal. Mas este pensamento não deve entristecer-nos ou desencorajar-nos: os nossos defeitos são as ervas do nosso horto; urgem, portanto, a humildade e a coragem para combatê-los, ou melhor, estes mesmos defeitos

<sup>136</sup> Cf. o ponto *L'accompagnamento di don Pestarino: strategie* nas páginas 140-145 do presente volume.

podem ajudar-nos a progredir na perfeição, se tivermos verdadeira humildade (cf. C 28, 55, 66).

Neste caminho é necessário perseverar. Realmente, não basta começar, não basta fazer belos propósitos, mas é preciso colocá-los em prática porque o combate é contínuo, diário (cf. C 19). Cada momento é precioso para reavivar o fogo (cf. C 27).

É preciso ter coragem, não dizer nenhum “mas”, ir adiante com coração grande e generoso; ai de você se, de fato, deixar-se tomar pela melancolia, filha do amor próprio (cf. C 22, 47). As nossas intenções devem ser continuamente retificadas, não procurando satisfações nem nas criaturas, nem nas coisas do mundo, vigiando para não mesclar a busca de Deus com o próprio interesse (cf. C 24, 37).

Somente a religiosa enraizada num sólido relacionamento com Cristo pode realizar este exigente trabalho sobre si mesma, sobre o próprio caráter e modo de agir. O tema retorna com a mesma linguagem em muitas cartas, como um estribilho que oferece a chave para compreender a própria vocação.

É preciso unir-se intimamente a Jesus, trabalhar para agradar somente a Ele. Ele deve ser toda a nossa força. Com Ele os pesos e as fadigas se aliviam, não por magia certamente, mas porque existe perseverança no empenho para “vencer-se” a si mesma (cf. C 22). A sua presença em nós, de fato, nos dá a graça e a força para o combate, e nos consola (cf. C 57).

Jesus é a fonte da consolação e do conforto, no seu coração podemos e devemos colocar todos os nossos aborrecimentos, seguras de que ele acertará tudo (cf. C 25,47). Das suas mãos podemos receber tudo, sabendo que, como suas esposas, ele nos chama a revestir-nos do seu espírito paciente, humilde, cheio daquela caridade que jamais o saciava de sofrer por nós (cf. C 26).

À noviça Lorenzina Natale, que estava partindo para o Uruguai, Madre Mazzarello deixa um compêndio deste itinerário, em oito pontos:

1. «Esforce-se sempre para se tornar humilde, humilde.
2. Seja-lhe a humildade a virtude mais querida; assim também a piedade e a modéstia, que você deve fazer resplandecer em seu rosto, para qualquer pessoa.

3. A obediência seja a sua amiga e nunca a abandone para fazer do seu jeito.
4. Seja amante do sacrifício e da mortificação de sua própria vontade.
5. Não faça amizade com o seu amor próprio, mas procure todos os meios para vencê-lo.
6. Pense com frequência que as nossas santas Regras são guias seguras que nos conduzem ao Paraíso; então, observe-as com exatidão.
7. Seja sempre cheia de caridade para com todos, mas especialmente para com suas Irmãs.
8. Não negligencie a oração: nela você sempre vai encontrar consolação e conforto» (C 67).

## 2. A experiência da “segunda” Valponasca

O período da “segunda” Valponasca (1864) testemunha a lógica evangélica em que Maria entrou plenamente! Quando ela começa a ficar, também durante a noite, na casa Bodrato, com Petronilla e as primeiras quatro meninas, outras FMI pedem para unir-se a elas, como por exemplo, Teresa Pampuro. Isto gera descontentamento; ouvia-se dizer que «Maria e Petronilla queriam agir sozinhas e que Dom Pestarino gostava mais delas».<sup>137</sup>

As novidades introduzidas na oficina são vistas por algumas das mais antigas como “abusos”. Dom Pestarino acredita então ser oportuno afastar Maria por algum tempo, enviando-a a Valponasca. De fato, as críticas «encolhiam os corações, endureciam os espíritos, e impediam saborear toda a doçura da caridade divina e fraterna».<sup>138</sup>

A experiência do «exílio» contribui para treinar ainda mais o coração de Maria no exercício de uma interioridade consciente, vivificada pela pergunta fundamental: estou procurando verdadeiramente o Senhor?<sup>139</sup>

<sup>137</sup> MACCONO, *Santa Maria D.* I, 144.

<sup>138</sup> *C. cit.*

<sup>139</sup> Cf. *PF* 56.

Realmente, o afastamento de Mornese e das atividades apostólicas habituais, das quais ela é a alma, ajuda-a a motivar sempre mais a própria escolha vocacional e a superar suas últimas eventuais inconsistências. Aqui, no silêncio, Maria tem condições de escolher uma vez mais, e em um nível sempre mais profundo, como já acontecera depois da doença, os valores essenciais da sua vocação cristã.<sup>140</sup>

Este exílio forçado é então providencial, porque faz emergir com maior transparência o caminho espiritual que Maria Domingas fez. Ela está completamente desapegada de si mesma e dos seus projetos. A fecundidade das suas realizações passa pelo mistério pascal, ao qual ela agora está associada de todo o coração, com toda a mente, com todas as forças.

<sup>140</sup> Cf. *c. cit*

### 3. O acompanhamento de Dom Domingos Pestarino: estratégias formativas

O TRABALHO SOBRE O PRÓPRIO CARÁTER	O ACOMPANHAMENTO DE DOM PESTARINO
<p><b>Trabalho sobre o próprio caráter:</b> <i>Vaidade</i></p> <p>«Dizer que não se importava em fazer bela figura, não seria a verdade; mas precisava ter este desejo nos devidos limites» (MACCONO, <i>Santa Maria Domingas I</i>. 26).</p> <p>«Embora o seu rosto não fosse tão belo, agradava pela inteligência que expressava e pela pureza daquela alma que se refletia pura e deslumbrante nos olhos e no sorriso; magra e elegante, com porte sempre dignitoso, Maria sabia que um traje bem escolhido lhe acrescentaria graça e beleza, dando-lhe uma indiscutível vantagem sobre as companheiras. Ambicionava-o, e como o ambicionava. Ela mesma confessava mais tarde a Petronilla: “Sabia que não estava certo, mas... eu era realmente ambiciosa. A blusa nova devia assentar-me bem, ser do meu gosto e não do gosto de minha mãe”» (<i>Cronistória I</i>, 45-46)</p> <p>«Quantas vezes, ao passar pelas ruas do vilarejo, especialmente aos domingos, indo para a Missa solene, quando os olhos de todos se dirigiam ao gracioso grupo formado por ela, a irmã Felicina e pela prima Domingas, sempre vestidas com bom gosto e com cores harmonizadas, aos seus ouvidos chegava a frase lisonjeira: Olha a <i>bülla</i>, a <i>bülla</i> está passando (<i>bülla</i> = pessoa importante e que tem consciência disso). Então, sentia-se gratificada, porque o elogio, sem ofender a seriedade que tanto prezava, punha-a numa posição fora do comum » (<i>ibid.</i> 48).</p>	<p>«Dom Pestarino entrevia o perigo, embora não grave, de que o desejo de aparecer sufocasse tão belos dotes, estragasse aquela natureza generosa [...]. Por isso, recomendava que se vestisse com propriedade sim, como convinha à sua idade, mas com toda a simplicidade; e Maria, que não queria desgostá-lo, esforçava-se cordialmente para obedecer-lhe. O trabalho era, porém, lento, árduo e custoso» (<i>Cronistória I</i>, 46).</p> <p>«De agora em diante, em vez, não sentirá mais prazer nisso: seus vestidos, sem deixarem de ser bem feitos, nada terão de rebuscados, de chamativos. Seu próprio modo de andar será mais modesto, disciplinado pela vontade férrea, tendente à humildade. Conservará o nome de <i>bülla</i>, mas verá nele penas um inimigo a ser combatido» (<i>ibid.</i> 48).</p> <p>«Dom Pestarino exigia que mortificasse o amor próprio com a obediência pronta, renunciando ao próprio modo de ver, condescendendo com tudo o que não fosse pecado, com a prima, as irmãs e as companheiras. Queria que suportasse os defeitos delas sem se lamentar; que não rejeitasse ninguém por antipatia; que não se afastasse de nenhuma companheira por diversidade de caráter ou repugnância natural, mas que procurasse vencer-se e tratar com elas como se fossem queridíssimas amigas; que moderasse o seu caráter muito vivaz e autoritário; não sáisse com palavras ou atos impacientes, nem mesmo quando sozinha no trabalho; que fosse calma e humilde; tratasse todas as pessoas com doçura e caridade; ficasse distante dos perigos e em cada</p>

**Trabalho sobre o próprio caráter:****Autocontrole**

«Maria havia herdado da mãe uma índole ardente, que precisava ser modificada com a bondade e a doçura; havia herdado do pai critério e precisão de pontos de vista; mas tinha também grande tenacidade de juízo, que precisava temperar com a humildade, a flexibilidade e a docilidade, para não se tornar teimosia; tinha um coração sensibíllissimo, cujos afetos precisavam ser elevados e santificados, para que não se tornassem presa do mundo e do demônio» (MACCONO, *Santa Maria Domingas I*, 26).

**Trabalho sobre o próprio caráter:****Retidão**

«Do ponto vista da honra, relatam as companheiras, Maria não queria ser superada. Quando era chamada a competir, vencia sempre e segredava frequentemente a Petronilla: “Não quero ficar inferior a ninguém: os meninos não me metem medo e quero vencê-los todos”. E desde então demonstrava aquela firmeza de caráter, que, bem dirigido, devia levá-la a conseguir muitas vitórias sobre si mesma, e colocá-la na condição de dirigir outras pessoas» (*ibid.* 18).

**Trabalho sobre o próprio caráter: gula**

«A partir das confidências que Maria fez às suas amigas, sabemos que ela também, assim como em geral todas as crianças, tinha inclinação às guloseimas, a servir-se de leite, queijo, ovo ou frutas sem permissão» (*ibid.* 29).

coisa não buscasse senão a glória de Deus. As duas últimas recomendações eram facilmente observadas pela jovem, mas para praticar as outras, não só difíceis em si mesmas, mas contrárias às suas tendências, quanta violência devia fazer, como ela mesma confiava a Petronilla. E mesmo sem confidenciar, as companheiras percebiam muito bem. Quando a contrariavam, viam-na ficar com o rosto vermelho, e ‘tremer nas bases’, para controlar-se e resistir à necessidade de se irritar e dizer as suas razões.

Tinha, porém, uma vontade resoluta de se dominar e de se vencer a todo custo; e eis que, gradualmente, as linhas vão se amolecendo, os contornos do caráter fazendo-se mais suaves e o tom autoritário tornando-se amável e condescendente. Se por surpresa cai, entra logo em si mesma, arrepende-se do que fez e se propõe a ficar mais atenta » (MACCONO, *Santa Maria Domingas I* 29-30).

«Depois de religiosa, algumas vezes a amiga lembrava-lhe as pequenas vitórias daqueles dias felizes, mas ela desviava o discurso, dizendo humildemente: “Era tudo amor próprio: esforçava-me para não ser vencida e para não fazer fiasco”» (*ibid.* 18).

«Dom Pestarino queria que mortificasse a gula e que nada tomasse sem licença» (*ibid.* 29).

### ***Quantas reformas se impunham!***

«Examinando-se lealmente, sem paixão, como pediam o coração e a razão, Maria sentia que sua índole, considerada ardente por todos, ameaçava tornar-se fogosa; que a seriedade, tão apreciada pelo pai, podia transformar-se em altivez, tornando-a talvez prepotente com os iguais e pouco respeitosa com os superiores. Compreendeu que à força de se sentir louvada pelas companheiras e pessoas próximas, porque era franca e sincera, podia tornar-se petulante e independente» (*Cronistória I, 39*)

### **A oração, a docilidade e a confiança**

«Pela sua relutância em se manifestar custava-lhe confessar-se. Diante da exigência de Dom Pestarino de vencer esta dificuldade, responde com prontidão, embora sentindo o peso.

Certo dia, a prima Domingas deixou entrever o motivo pelo qual não cabia em si de alegria: havia feito a sua confissão geral e estimulava as presentes a fazerem o mesmo. Maria ficou atordoada e procurou sutilmente dissuadir as companheiras, pensando: “Se elas fizerem a confissão, também eu deverei fazê-la”.

«A luta contra o seu eu, que queria sobressair, foi travada sem descanso e sem tréguas: luta que foi o prelúdio do triunfo, com as pequenas vitórias de cada dia. Dom Pestarino, que percebia sempre melhor de quanto trabalho fosse capaz aquela alma e intuía a que cumes de perfeição pudesse alcançar na própria santificação e na salvação de, quem sabe, quantas outras pessoas, tornava-se diariamente sempre mais exigente. Sem saltos e sem intemperanças, mas em contínuo caminhar e com passos largos, ele a guiava» (*Cronistória I, 46-47*).

«Dom Pestarino respondeu-lhe:

– Sim, para alguns é prejudicial, para ti é necessária e a deves fazer.

– Quando?

– Agora, imediatamente.

– Mas eu não estou preparada.

– Eu te preparo.

Comenta Maria: ele me interrogou e, em poucos minutos, me fez fazer a confissão geral, que eu tanto temia.

Na verdade, a partir daquele momento, Maria levantou voo para as grandes alturas, fixando o olhar no céu onde encontrara todo o seu amor [...] Uniu-se ainda mais a Deus com o voto perpétuo de castidade» (*ibid. 52*).

<p>E se fez sentir mais vivo do que nunca o desejo de não ser superada por ninguém. Sentiu receio de que as outras fossem mais fervorosas, mais humildes e simples fazendo-se conhecer inteiramente por Dom Pestarino. Em casa, a prima Domingas voltou a falar sobre o assunto. Maria ficou um pouco aborrecida e seu pai, que provavelmente intuiu o motivo, disse: a confissão geral para alguns é necessária, para outros, indiferente e, para outros ainda, danosa. Muito bem, pensou Maria, para mim pode ser danosa. Durante vários dias lutou consigo mesma e, chegando o dia da confissão, apresentou-se, decidida a falar do próprio caso, colocando logo de início as palavras de seu pai, na esperança de ser dispensada e ficar tranquila» (<i>ibid.</i> 51).</p>	
--	--

### **O TRABALHO DA GRAÇA**

<b>A primeira Comunhão</b>	<b>Os resultados</b>
<p>«A noite antecedente transcorre num sono alegre e tranquilo que é oração, desejo, ímpeto da alma [...]. As últimas instruções de seu pai sobre a divindade da Eucaristia, as recomendações da mãe para que ficasse recolhida, terão ressoado agradavelmente aos seus ouvidos. Não falava, mas o olhar revelava o desejo profundo de fazer bem cada coisa, para receber Jesus dignamente... Daquele querido e solene dia não se tem outra lembrança, pois, esquivava como Maria era para manifestar os dons recebidos de Deus e o que se passava no seu espírito, não falou sobre isso com ninguém.» (<i>ibid.</i> 36-37).</p>	<p>«Quando a viram naquele dia, as suas companheiras que com ela receberam pela primeira vez o Pão dos Anjos, especialmente Petronilla, ficaram admiradas com o seu extraordinário recolhimento e com a alegria que transparecia de seus olhos. Se a sua precoce prudência levou-a a silenciar sobre o que se passara entre sua alma e Deus naqueles momentos de paraíso, suas obras eloquentemente o revelaram. A partir daquele dia ninguém mais a viu cochilar durante os sermões; muito ao contrário. Ia de boa vontade, ficava presa à palavra do sacerdote e, depois, repetia para a irmã os pontos mais difíceis, atenta para que os irmãozinhos pusessem em prática os avisos recebidos. Nem foi mais necessário que a mãe a solicitasse para a confissão. [...] Agora entendia que determinadas travessuras suas, das quais havia rido como se fossem divertidas espertezas, eram defeitos que desagradavam a Jesus e que precisavam ser corrigidos.</p>

«No catecismo e nas homilias havia ouvido dizer que, de todos os atos religiosos, a Missa é o maior; portanto, estabeleceu participar da Missa e comungar todas as manhãs, e não retroceder diante de nenhum sacrifício» (MACCONO, *Santa Maria Domingas I*, 42)

«Maria, enquanto cavoucava, carpia e cortava a erva ou podava e ligava as vinhas, de vez em quando, dirigia o olhar à igreja, que se eleva a ocidente no alto do vale e o domina, e saudava Jesus. Quando chovia punha-se à janela de sua casa, da qual podia ver a igreja e de lá rezava» (*ibid.* 39).

Suas orações eram agora mais calmas, mais fervorosas, mais regulares: de manhã e à noite, convidava Felicina para rezá-las, de joelhos, ao lado de sua cama; e quando iam à cidade levava-a à igreja e a convidava a repetir ardentes jaculatórias formuladas por ela mesma.

Dom Pestarino não podia ignorar estas visitas cheias de amoroso fervor; e certamente deve ter decidido consigo mesmo a fazer com que os germes de virtude colocados por Deus naquele coração jovem, lançassem profundas raízes, para depois tornar-se uma planta vigorosa. Começou então a cultivá-la com um empenho todo particular» (*ibid.* 37-38).

«Ele não se contentava com pouco e tratava aquela natureza enérgica com firmeza viril. Mas, sob a aparente rispidez do ministro de Deus, ela descobria o zelo do apóstolo que desejava libertá-la de todo o impedimento para crescer na virtude; e como queria ser boa de fato, era grata também às bruscas maneiras do pai espiritual» (*ibid.* 41).

«O amor de Maria tendia sempre mais para o alto e a impelia a procurar as coisas mais perfeitas; queria ser livre e solta de todos os liames. E por isso nesta idade de grande fervor fez voto de perpétua virgindade.

Mais tarde, quando se falou entre as Filhas de Maria a respeito deste voto, Maria disse: Eu não entendo porque lhe pedem (a Dom Pestarino) esta permissão e por um determinado tempo: eu nunca perguntei nada a ninguém e fiz logo o voto de castidade em perpétuo, desde pequena, em uma das minhas primeiras comunhões, ignorando que fosse necessária a permissão. Eu fiz mal?» (MACCONO, *Santa Maria Domingas I*, 39).

<p style="text-align: center;"><b>As crises espirituais</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>A abertura à acompanhante</b></p>
<p>«Maria, de um lado, sentia-se atraída por Jesus e do outro era envolvida por pensamentos que o demônio lhe colocava na mente, e por um sentimento exagerado de suas imperfeições, de sua indignidade. Poderia ter falado logo com o confessor, mas o demônio lhe pôs na cabeça que não devia fazê-lo perder tempo, entre-tendo-o com semelhantes coisas. Por isso passou um tempo muito angustiada, e co-meçou a experimentar um sentimento de insólita apatia, nunca experimentado antes. Rezava e não sentia conforto algum; comungava e o seu coração parecia tornar-se frio como o mármore; fazia as suas práticas de piedade, mas as consolações de antes haviam desaparecido: Deus havia se retirado. A frequência de algo gera tédio; sua culpa estava talvez no fato de receber diariamente Jesus? Quem era esta que ousava fazê-lo? É verdade, as outras, na mesma condição que a sua, também o faziam; mas quando foi admitida à primeira comunhão e ia comungar apenas de vez em quando, sentia no seu íntimo uma alegria vivíssima, um contentamento inexprimível. Será que agora não o experimentava mais pelo fato de estar comungando com muita frequência? Então o remédio é comungar com pouca frequência» (<i>ibid.</i> 74-75).</p>	<p>«Maria, certo dia, sentindo o coração amargurado, precisou falar sobre isto com sua amiga, que ficou admirada e a aconselhou a não deixar a comunhão sem falar com Dom Pestarino e a confiar nele inteiramente. Era o melhor conselho, e Maria o aceitou candidamente. Falou com o confessor, e habituada a obedecer cegamente, como já naquele tempo aconselhava as companheiras a assim fazer, em breve tempo sentiu-se realmente libertada de seus escrúpulos» (<i>ibid.</i> 75).</p>

## Via Valgelata: o tempo da *prova*

«*A ti me confio...*»

Maria Domingas e sua família estabelecem-se na Via Valgelata, em 16 de março de 1858. Maria tem vinte e um anos. Esta é a última casa em que morou antes de estabelecer-se na casa da Imaculada, em 1867. Nela, em 1859, nasce Nicola, o último da família Mazzarello. Um ano depois, em 1860, Maria contrai o tifo, após haver prestado assistência aos parentes doentes, em obediência a Dom Pestarino.

Sem restauros, a casa da Via Valgelata ainda conserva as características daquele tempo. Pobre e sem adornos, transmite-nos uma mensagem profunda, é o “lugar símbolo” da crise na vida espiritual. Uma casa-altar, onde Maria, como Abraão, oferece em sacrifício o “seu” Isaac.

### 1. O “sentido” da provação

Analogamente ao crescimento humano, a vida espiritual também avança e amadurece por meio de crises sucessivas, mudanças e transformações. De fato, o itinerário espiritual avança em linha ascensional e evolutiva: «Em cada desenvolvimento a crise se apresenta, estimula o desenvolvimento espiritual e o vitaliza. É o itinerário pascal da morte para a vida».<sup>141</sup>

Na ótica cristã, portanto, a crise sempre desemboca na conversão, que consiste em “deixar um caminho para tomar outro”, isto é, abandonar a busca egoísta de si mesmo para colocar-se ao serviço do Senhor.<sup>142</sup> A partir daqui se efetua o crescimento do homem interior que transforma os seus modos de pensar e de agir apoiado e esclarecido pela luz do Espírito Santo.

A provação introduz na dinâmica virtuosa do mistério pascal vivido a partir de dentro, experimentado em primeira pessoa. Por isso, na visão cristã a crise é um lugar místico onde o coração se purifica e os olhos da alma podem ver Deus com maior transparência.

<sup>141</sup> DELEIDI – Ko, *Sulle orme di Madre Mazzarello* 48.

<sup>142</sup> Cf. *Ibid.* 44.

Na crise aceita com coragem e confiança efetua-se um itinerário gradual e progressivo que, num primeiro momento, leva a descobrir-se na própria realidade de criatura ferida pelo pecado, depois orienta a alma a abandonar-se a um Tu descoberto como salvação e referência estável e, enfim, chega a uma decisão mais clara acerca das escolhas a serem realizadas num futuro imediato. A provação torna-se assim um “lugar” de discernimento, onde, em contato íntimo com a cruz de Jesus, aprende-se a escolher o amor, mesmo se for cruciante.

A Regra de vida das FMA, coerente com tal realidade, considera «as dificuldades inerentes às várias idades da existência, as provações e os sofrimentos de qualquer gênero como apelos do Senhor que nos convida a renovar com maior consciência as motivações profundas da nossa escolha, para tornar mais livre e verdadeira a nossa resposta».<sup>143</sup>

Também Maria Domingas, agredida pela terrível doença do tifo em idade jovem, precisou enfrentar a provação, e saiu transformada em uma nova criatura.

## **2. A ruptura de equilíbrios precários**

Maria, com vinte anos de idade, ainda jovem, portanto, graças ao intenso trabalho desenvolvido sobre si mesma e usando generosamente os dons da graça e da natureza, alcançou uma maturidade superior à sua idade. Na família, na paróquia, na associação das FMI, com as mães de família, e as meninas do oratório festivo, em cada um destes ambientes, Maria é ponto de referência, jovem exemplar, líder indiscutível.

Correspondendo corajosamente às propostas de Dom Pestarino, seu diretor espiritual, com relação a ele amadureceu uma atitude de dócil abertura e consciente obediência que a abriu a uma nova liberdade consigo mesma e com os demais.

Esta etapa da vida de Maria adapta-se bem ao que o Projeto Formativo afirma a respeito da primeira idade adulta: «tempo da

<sup>143</sup> Const. FMA art. 103.

*estabilização de um estilo de vida*. A pessoa, de fato, por meio das escolhas existenciais feitas, já encontrou o seu modo peculiar de ser, de pensar e de agir». <sup>144</sup>

Todavia, cada fase da vida e a relativa maturidade que a caracteriza adquirem sentido do ponto de vista do crescimento progressivo. Ou seja, cada fase é caracterizada por um *ciclo vital* dentro do qual a pessoa se encontra devendo enfrentar tarefas evolutivas específicas, confrontar-se com mudanças relevantes, possibilidades e riscos, até encontrar o próprio modo específico de ser, de servir e de amar. Do mesmo modo efetua-se o crescimento vocacional segundo tal itinerário. De fato, «a plenitude da resposta ao chamado de Deus não se alcança de uma vez para sempre. Ela se constrói nas escolhas de cada dia, na orientação para viver as exigências do seguimento de Jesus e na realização da missão educativa». <sup>145</sup>

Eis porque a estabilidade alcançada por Maria Domingas ainda é precária. A sua vida espiritual, bem fundamentada, invoca outras passagens e novos êxodos. É o que acontece com qualquer pessoa que percorre com coerência o caminho do Senhor. De fato, a tentação a alcança ali, naquilo que faz e naquilo que é. O risco é confundir os sucessos das realizações com a santidade, apoiando-se excessivamente nas próprias forças. As intenções são retas e a pessoa é sincera, mas ela ainda não passou pelo crivo da prova, e a sua fé, mesmo autêntica, ainda pode faltar no momento da tentação. Em outras palavras, como afirma Marko Rupnik, neste momento pode-se cair na armadilha de «querer servir o amor afirmando-se a si mesmo». <sup>146</sup>

Este é um momento muito delicado para o crescimento vocacional, porque é pedido à pessoa um ato de coragem e de responsabilidade diante da orientação que ela quer dar à própria vida. <sup>147</sup> O “espírito inimigo”, além disso, tenta as pessoas, iludindo-as de serem em Deus e de estarem seguindo o Senhor, embora estejam de fato seguindo a si mesmas, sob um pretexto religioso.

<sup>144</sup> PF 52.

<sup>145</sup> *Ibid.* 51.

<sup>146</sup> RUPNIK, Marko, *Il discernimento. Prima parte: verso il gusto di Dio*, Roma, LIPA 2000, 23.

<sup>147</sup> Cf. PF 54.

A provação chega para erradicar do homem o amor pela própria vontade, que é a mãe de todos os pecados, e que se expressa com muita sutileza para esconder que se tende a enraizar a vida sobre si mesmo e em função de si mesmo.<sup>148</sup>

Nos planos de Deus parece ser este o momento favorável para que Maria Domingas abandone seguranças e conquistas. Deus precisa podá-la como o ramo, para que dê mais fruto ainda. E ela, habituada a nada recusar ao Senhor, aceita confiante, certa de que, qualquer que seja o sacrifício exigido, será sempre fonte de vida nova!

### 2.1. «Se o senhor quer, eu vou»

A provação que afeta Maria Domingas tem um caráter dialógico. Repasemos os acontecimentos que caracterizam este evento importante.

O surto da epidemia de tifo faz vítimas em Mornese; cada família está envolvida e os tios de Maria Domingas também contraem a doença. Dom Pestarino, que se dirige aos pais de Maria para pedir-lhes que mandem a filha cuidar dos tios, é o “porta-voz” da proposta que Deus faz à jovem. Um pedido difícil, ao qual o próprio pai, José, não sente disposição de consentir em nome de sua filha. É Maria, portanto, que assume a responsabilidade.

Na dinâmica da resposta de Maria percebe-se a luta que a jovem deve enfrentar diante do dramático pedido. Repete *várias vezes* a Dom Pestarino que tem medo e que está certa de que vai contrair a doença. Todavia, habituada a obedecer prontamente, sem ‘se’ e sem ‘mas’, aceita entregando-se à vontade do seu diretor: “Se o senhor quer, eu vou”.

Estas simples palavras têm o sabor de um *fiat* e de um *eis-me* nas quais resplandece o valor de uma fé madura, de uma firme esperança e de uma ardente caridade.

Maria assume a tarefa de enfermeira com a desenvoltura que lhe é própria. Habituada a cuidar dos irmãos, treinada para assistir aos enfermos de Mornese em obediência ao regulamento da Pia União, não pensa mais em si mesma. O primo José testemunha a este

<sup>148</sup> Cf. RUPNIK, *Il discernimento* 45-46.

respeito: «Maria corria de um quarto para o outro e prestava o seu serviço a todos, com uma paciência e uma reserva tais que parecia uma irmã de caridade. Dizia-nos certas palavras que agora não sei repetir, mas que no momento me fizeram bem e me ajudaram a me resignar diante da vontade de Deus. Rezava continuamente. Eu tinha dezessete anos, mas poucas vezes havia falado com Maria, porque ela vivia muito recolhida e, mesmo com os primos, não tinha nenhuma familiaridade. Lembro que naquele tempo eu me admirava ao vê-la tão desenvolta, e ao mesmo tempo, tão reservada».<sup>149</sup>

## 2.2. «Morrerei mártir da caridade!»

A doença não chega inesperadamente nem a encontra despreparada. Maria a acolhe não como uma desgraça, mas como um chamado do Senhor, incluindo-a no relacionamento com Ele e, portanto, ressignificando-a num horizonte de sentido mais amplo: «Não só se mostrava resignadíssima à vontade de Deus, mas confortava os pais, dirigia-lhes palavras cheias de afeto e sorrindo às vezes dizia: “Por que choram? Vocês pensam que o mal me aconteceu porque fui assistir aos parentes! Oh, se isso fosse verdade! Assim morreria mártir da caridade. Mas não sou digna... Mártir! Oh, como seria feliz”».<sup>150</sup>

Durante a doença Dom Pestarino leva diariamente a Eucaristia para Maria. A presença sacramental de Jesus torna-se para ela o verdadeiro viático, a fonte da força e da coragem para enfrentar o mal e para preparar-se com serenidade eventualmente também para a morte. As fontes o confirmam e anotam que Maria «recebia Jesus sacramentado com vivo transporte de alegria e de fervor».<sup>151</sup>

Como São Paulo, Maria pode dizer: «Eu transbordo de alegria em minhas tribulações», e une os seus sofrimentos aos de Cristo entrando vitalmente no seu mistério pascal. Por isso, a doença se transforma numa “escola de virtudes”: Filhas da Imaculada, parentes, jovens vão confortá-la e saem dali edificados.

Jesus e Maria são os dois verdadeiros acompanhantes nesta fase crítica da vida de Maria Domingas. Sucede uma série de coincidên-

<sup>149</sup> MACCONO, *Santa Maria D. I*, 79.

<sup>150</sup> *Ibid.* 80.

<sup>151</sup> *C. cit.*

cias para iluminá-la. Maria vai para a cama em 15 de agosto de 1860, dia da solenidade da Assunção, e se levanta debilitada, mas convalescente, em 7 de outubro, dia da festa do Rosário. Além do mais, durante a convalescença, Maria Domingas muitas vezes põe-se a rezar diante da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora pintada na parede oposta da rua. Comenta D. Maccono: «Como [Maria] havia passado a sua infância perto de uma capela dedicada a Maria Auxiliadora, assim recobrou vida nova sob o olhar de uma imagem de Nossa Senhora, ainda invocada com o doce título de Auxílio dos Cristãos».<sup>152</sup>

### 2.3. «Se na vossa bondade»

A convalescença é o momento propício para que, em Maria Domingas, se realize a integração pessoal à luz do Espírito e possa descobrir mais intensamente a graça da aliança que Deus fez com ela, ajudando-a a alcançar um novo e mais profundo sentido da existência.<sup>153</sup> Segundo o Projeto Formativo, os riscos deste momento poderiam ser: enfatizar o ideal, ou deixar-se frear por temores, empobrecendo a fé.

Para Maria não é assim, embora não lhe seja fácil discernir o novo projeto de Deus sobre a sua vida. A jovem encontra-se diante de um novo nascimento. A *Main* que emerge da doença não é mais a de antes, tanto física como espiritualmente. Com suas forças enfraquecidas e esvaziada de si mesma, Maria está mais pronta para lançar-se nos braços do Pai num ato de fé e de abandono. Treinada a confiar e a entregar-se, não se abate, nem desanima e, consciente de não poder voltar à vida de antes, procura ler, dentro dos acontecimentos, os sinais da passagem de Deus e da sua vontade neste período de sua vida.

Pelo que podemos deduzir a partir das fontes, parece que nesta fase Dom Pestarino permanece em segundo plano e, em alguns momentos, ele mesmo tem dificuldade para entender o que está se passando em Maria (como, por exemplo, a visão de Borgoalto). As referências são escassas também a respeito da luta interior e do trabalho deste novo nascimento em Maria. O único indício que o ilu-

<sup>152</sup> *Ibid.* 82.

<sup>153</sup> Cf. PF 53.

mina e o revela é a oração com que Maria protesta a Deus a sua total disponibilidade, o seu ato de abandono pleno: «Senhor, se em vossa bondade quereis conceder-me ainda alguns anos de vida, fazei com que eu os transcorra ignorada de todos, de todos esquecida, exceto de vós».<sup>154</sup>

Esta oração marca a passagem da *vida de antes* para a *vida nova*. Não é mais a *büla*, nem lamenta o fato de o ser. A sua vida encontrou outro centro de gravidade, um Sol em torno do qual girar e em torno do qual unificar a sua vida. Experimentando sua condição de criatura limitada não se dobrou sobre isto, mas soube lançar-se além, sabendo de não cair no escuro. Antes de receber a entrega “*A ti as confio*”, foi-lhe pedido para abandonar suas certezas e ambições, escolher Deus como única razão da existência, dizendo-lhe de todo coração *A ti me confio!*

Durante a doença, Maria vive a conversão definitiva a Deus numa visão sapiencial da vida. Fez a experiência do êxodo, da passagem através do deserto, com a certeza da presença de Deus, que permanece fiel, não obstante a sua pobreza; agora pode assumir a própria história de morte e renascimento que, na morte-ressurreição de Cristo encontra significado e volta a motivar a sua existência. É no mistério desta confiança que as raízes históricas e carismáticas do Instituto das FMA se aprofundam.<sup>155</sup>

Desta provação, Maria Domingas sai purificada e amadurecida, centrada na profunda experiência da cruz de Jesus e no seu mistério pascal. Durante o Processo de canonização as testemunhas lembram estes seus traços característicos. Eles confirmam o exemplo e a profundidade da fé que Maria Domingas havia alcançado e que, em seguida, se torna o coração do seu magistério feito de palavra e vida.

D. Francisco Cerrutti afirma: «Estou profundamente persuadido de que ela tinha uma fé simples e vivíssima, e acredito que não teria conseguido superar as grandes provas físicas e morais, ou seja, de santidade, de trabalho e de contrariedades na realização do bem, se não possuísse esta fé firmíssima».<sup>156</sup>

<sup>154</sup> MACCONO, *Santa Maria D. I*, 83-84.

<sup>155</sup> Cf. CAVAGLIÀ, *Dall'affidamento all'accompagnamento*, em RUFFINATO – SÈIDE (aos cuidados de), *Accompagnare alla sorgente* 251.

<sup>156</sup> *Positio* 169.

Para Ir. Felicina Ravazza, Madre Mazzarello «em todas as circunstâncias prósperas ou adversas tinha sempre o pensamento em Deus somente, reconhecendo que tudo partia dele».<sup>157</sup> A sua vontade estava toda em conformidade com a de Deus e «mesmo nas tribulações costumava lembrar o dever desta concordância, dizendo que Nosso Senhor havia morrido na cruz por nós».<sup>158</sup>

Sua oração predileta era meditar a paixão de Jesus e as dores de Nossa Senhora, «e podia-se perceber que a meditação não era limitada ao tempo estabelecido pela regra, mas que continuava a trabalhar no seu espírito também ao longo do dia».<sup>159</sup>

Sua esperança viva e confiante no Senhor era demonstrada pelo «fervor com que se dirigia a Deus nas necessidades que se apresentavam e pela serenidade que nunca a deixou nas mais variadas circunstâncias da vida».<sup>160</sup> Com esta esperança no coração enfrentava cada dificuldade, sem jamais desanimar. Ir. Úrsula Camisassa afirma: «Esperava sempre vencer as dificuldades e podia-se dizer que tinha a certeza disso. Ela nos incentivava a esperar no Senhor».<sup>161</sup>

Assim testemunha Mons. João Cagliero: «A confiança da Serva de Deus no Senhor foi sempre grande e constante: o abandono à sua infinita e ilimitada misericórdia. Durante o tempo em que esteve sob a minha direção nunca percebi nela nenhum ato de desconfiança, nunca ouvi dela qualquer expressão de medo; nem a vi preocupada com a própria saúde. Queria que suas filhas elevassem o pensamento, fixassem o olhar e colocassem toda a sua firme esperança, ou melhor, certeza, no Paraíso prometido pelo Senhor a quem o ama e o serve. A sua esperança na Divina Providência era sem limite! Jamais uma desconfiança, jamais uma perturbação, um receio de que faltasse a divina proteção e a divina intervenção nas necessidades mais urgentes do Instituto, tanto espirituais como materiais».<sup>162</sup>

Era seguramente a exemplaridade do testemunho de fé e de esperança que dava autoridade às palavras de Madre Mazzarello, à

<sup>157</sup> *Ibid.* 165.

<sup>158</sup> Testemunho de Rosa Pestarino, em *ibid* 201.

<sup>159</sup> Testemunho de Ir. Eulália Bosco, em *ibid* 205.

<sup>160</sup> Testemunho de Ir. Maria Rossi, em *ibid* 186.

<sup>161</sup> *Ibid.* 193.

<sup>162</sup> *Ibid.* 197.

sua ação de guia e de acompanhante das Irmãs, para nelas formar a atitude de fé confiante e filial: «Quando percebia alguma desgostosa, dizia: «vá ficar diante de Jesus Sacramentado, exponha-lhe suas dificuldades, suas necessidades, confidenciando com simplicidade, falando também na linguagem do seu povo, como faria com seu pai ou sua mãe, e esteja segura de que obterá a graça que deseja, se for para o seu bem; exortava ainda a dizer ao Senhor aquilo que nos dita o coração, preferindo esta oração, às que estão nos livros, que, dizia, são expressões dos sentimentos de outros, mas quando você diz aquilo que o coração lhe dita, está expressando os seus próprios sentimentos».<sup>163</sup>

A paixão de Jesus Cristo torna-se central também no magistério espiritual de Maria Domingas Mazzarello. A lembrança amorosa do sacrifício eucarístico, isto é, da Paixão de Nosso Senhor, está continuamente nos seus lábios; nas conferências, nas *boas-noites* e com muita frequência também nos recreios, fala a respeito dela com as Irmãs. As testemunhas lembram que algumas vezes segurava o crucifixo que lhe pendia do pescoço e, indicando com o dedo a figura de Jesus, dizia: “Ele aqui – depois, virando-o e indicando a Cruz – e nós aqui”. E assim fazia sensivelmente entender que devíamos viver crucificados com Nosso Senhor.<sup>164</sup>

A sua meditação preferida é a Paixão do Senhor. Os temas para as conferências espirituais naquele tempo versavam muitas vezes sobre o inferno. Isto não lhe agradava e, com a transparência que a distinguiu, dizia a Dom Costamagna: «Não é isto que me motiva a fazer guerra ao pecado ou a amar muito Jesus, mas a consideração da sua Paixão e Morte; fale-nos sobre isto e verá que obteremos mais frutos».<sup>165</sup>

Contemplando a paixão de Jesus consolida-se ao relacionamento com Ele, que se torna o centro da vida, o motivo de cada escolha e de cada palavra. O caminho exigente de ascese que Madre Mazzarello frequentemente recomenda às Irmãs, não deriva do moralismo, mas brota em vez da contemplação que torna o discípulo semelhante ao Mestre: «Eu passei todas vocês pelo nome e pedi a

<sup>163</sup> Testemunhos de Petronilla Mazzarello, em *Ibid* 191.

<sup>164</sup> Cf. MACCONO, *Santa Maria D.* II, 117.

<sup>165</sup> *C. cit.*

Jesus que lhes conceda a sua humildade, o desapego de si mesmas, o amor ao sofrimento e aquela obediência pronta, cega, submissa que Ele devotava ao seu Eterno Pai, a São José, a Maria e que praticou até a morte na cruz. Pedi-lhe que lhes conceda a caridade e aquele desapego total de tudo o que não é Deus, a paciência e uma perfeita resignação à sua santa Vontade» (C 33).

Assim, os sacrifícios que, seja como for, «precisamos fazer enquanto estamos neste mundo», se forem feitos «de boa vontade e alegremente» transformam-se em oferta agradável ao Senhor, que «os anota e, a seu tempo, saberá recompensá-los» (C 22). Por isso, ao longo do caminho da vida, Jesus e a união amorosa à sua cruz tornam-se fontes de força, de toda a força, motivo pelo qual, com Ele os pesos se tornam leves, as fadigas suaves e os espinhos se convertem em doçura.

Nem sempre é fácil entrar nesta dinâmica pascal; a cruz, às vezes, faz-se pesada. Por isso a Madre recomenda um gesto muito humano, que ajuda as Irmãs a oferecerem a sua dor juntamente com a de Jesus. «Olhem para a cruz que trazemos ao pescoço e digam: “Oh, Jesus, vós sois toda a minha força!”» (C. 64).

A Madre aconselha a não guardar no coração as tristezas, os medos, porque enfraquecem a nossa vida espiritual, são tentações que rompem o nosso relacionamento de amor com Jesus: «Quando você estiver cansada e aflita coloque os seus problemas no Coração de Jesus; lá encontrará alívio e conforto. Nunca se desanime por qualquer dificuldade, receba tudo das SS. Mãos de Jesus, coloque toda a sua confiança n’Ele e espere tudo d’Ele» (C 65).

A participação no mistério pascal, enfim, é uma realidade que não se vive sozinho de modo pessoal, mas que envolve também a comunidade. As dificuldades e as contrariedades da vida, os problemas relacionais ou disciplinares, a difícil inserção em novas realidades comunitárias: tudo é um apelo para entrar na lógica do evangelho de Jesus para transformar cada obstáculo em ocasião de purificação, santificação, redenção. Por exemplo, às Irmãs de Catânia que devem enfrentar a difícil gestão de um orfanato sob as dependências da duquesa de Carcari e dos administradores do Conservatório, Madre Mazzarello escreve: «É verdade que vocês vão ter muitos aborrecimentos e sofrimentos algumas vezes, mas o Senhor quer que carre-

guemos uma pequena cruz neste mundo. Ele foi o primeiro a dar-nos o bom exemplo de sofrer; então, com coragem vamos segui-Lo, sofrendo com resignação. Estejam seguras de que aquelas pessoas às quais Jesus permite mais sofrimentos são as mais próximas d'Ele; mas é preciso que façamos tudo com pureza de intenção para agradecer somente a Ele, se quisermos alcançar misericórdia » (C 39).

Esta participação na paixão redentora de Cristo torna-se somente fecunda e o “combate”, que marca cada vida espiritual, traduz-se em zelo apostólico, para as FMA. Afirma a Madre: «A nós, religiosas, não basta salvar a alma, devemos fazer-nos santas e, com as nossas boas obras, fazer santas muitas outras almas que esperam pela nossa ajuda. Coragem então, depois de poucos dias de combate, teremos o paraíso para sempre» (C 18).

### **Para a reflexão e a partilha**



- ✓ *Releia sua experiência espiritual à luz da centralidade do mistério pascal de Cristo.*
- ✓ *Repense os “êxodos” que na sua vida lhe permitiram alcançar sempre novas “terras prometidas” na relação com Deus, consigo mesma, com as Irmãs e as jovens em formação. A experiência e a palavra de Maria Domingas Mazzarello podem iluminar o seu caminho? Como?*
- ✓ *Não é fácil acompanhar os outros nos momentos de crise. Partilhe em grupo alguma experiência vivida, as estratégias que utilizou, os pontos de apoio para os quais apelou, as dificuldades que permaneceram sem solução...*

## As casas do Vilarejo: o tempo da *entrega*

«*A ti as confio...*»

### 1. Rumo a uma nova vida

Depois da experiência do tifo, Maria é uma mulher interiormente transformada. O seu retorno à vida está profundamente permeado pela consciência da própria fragilidade, mas também pela emergência de intuições, necessidades, desejos e tensões que agora se fazem mais claras.

Como afirma o Projeto Formativo, no seu caminho de crescimento vocacional aflora a necessidade de intimidade e fecundidade, de realização de si, de criatividade e produtividade, de radicalidade e de interioridade, de iniciativa e de responsabilidade, de domínio e de dependência, de maternidade, de expansão e de empenho.<sup>166</sup>

Assim, as atividades às quais Maria volta a dedicar-se, como em círculos concêntricos, alargam-se e se dilatam: da família, da paróquia e da Associação das FMI à oficina de costura, ao oratório festivo, ao orfanato e, enfim, à experiência de convivência estável, em comunidade, na Casa da Imaculada. Ao lado de Maria Domingas, além do acompanhamento direto de Dom Pestarino e da orientação indireta do teólogo Frassinetti, acrescenta-se, discreta mas determinada, a de Dom João Bosco.

Os anos que precedem a fundação oficial do Instituto (5 de agosto de 1872) são como um amplo “espaço de discernimento” no qual o Espírito Santo ilumina, orienta, dirige as primeiras futuras FMA através de um processo de novo nascimento. Antes que surja o “monumento de pedra” do Instituto, é necessário que sejam preparadas as pedras vivas que o formarão.

Observemos mais de perto as relações de acompanhamento que permeiam esta primeira comunidade. As jovens FMI certamente não estão desprovidas do que se refere à missão. Fiéis ao Regulamento da Pia União, acompanham as meninas do vilarejo com solicitude educativa, recebendo o aplauso das famílias e exercendo “extraor-

<sup>166</sup> Cf. PF 32-34.

dinária ascendência” sobre as jovens. Tal acompanhamento, porém, não é feito apenas para as meninas, mas também para as FMI, num espírito de cordial familiaridade.

Segundo a Regra das FMI, é preciso «considerar-se como verdadeiras irmãs [...]. Como uma boa irmã ajuda sua querida irmã em todas as necessidades, assim também deverão ajudar-se reciprocamente, da melhor maneira possível».<sup>167</sup>

A ajuda que trocam entre si estas jovens vai desde o apoio econômico até a assistência na doença, mas é, sobretudo, apoio espiritual: «O socorro recíproco da correção fraterna, avisando-se mutuamente dos próprios defeitos: e nenhuma poderá ficar ressentida por ser repreendida [...]. Exercerão esta correção também com relação à Superiora, pois ela não deve ficar privada desta caridade que, de todas, é a mais importante».<sup>168</sup>

As FMI praticam tal acompanhamento segundo o modelo das amizades espirituais, proposto por Dom Frassinetti no opúsculo *As amizades espirituais, imitação de S. Teresa de Jesus e estímulo ao zelo pela saúde das almas de S. Maria Maddalena de Pazzi*. Isto é, propõe-se a construção de grupos de jovens ligadas por uma “santa amizade” para uma ajuda recíproca com a finalidade da “santificação pessoal” e como meio de apostolado. Maria Domingas, antes mesmo de ser oficialmente designada como superiora, já desenvolve, por inclinação pessoal, o papel de guia, animadora, apoio e vínculo de união entre as irmãs.

Nas Regras da Pia União ela encontra preciosas referências para amadurecer progressivamente em tal função. Inspirando-se nos ensinamentos de S. Ângela Merici, nas Regras afirma-se que a superiora deve tratar as filhas com *amorevolezza*. Isto lhes permite encontrar nela uma mãe terna e afetuosa, que se interessa pelo seu bem espiritual e também corporal. Uma mãe que sabe confortá-las, consolá-las e socorrê-las conforme a necessidade.

Deve ser “toda coração” ao compadecer-se dos defeitos das filhas, sobretudo das mais jovens e daquelas em que os limites e as dificuldades dão uma sensação de desânimo: «se elas encontrarem

<sup>167</sup> FRASSINETTI Giuseppe, *Regola delle Figlie di Santa Maria Immacolata*, em *Opere ascetiche* II, Roma, Postulação geral F.S.M.I. 1978, 8.1.

<sup>168</sup> *Ibid.* art. 136; 137.

na superiora uma verdadeira mãe, mostrar-se-ão verdadeiras filhas e, portanto, ganhando a sua afeição vão disciplinar a vontade para a maior glória de Deus». <sup>169</sup>

Não é difícil reconhecer nestes ensinamentos o estilo e a linguagem que descrevem o espírito de família, característico de Valdocco. São particularmente relevantes os temas da *amorevolezza*, da necessidade de tornar visível o afeto, e a necessidade de “ganhar o afeto” das filhas para ajudá-las a crescer. Por isso, a vida e as relações das FMI construíram-se sobre estes valores, durante quase uma década. Em particular, no período vivido “como família”, na Casa da Imaculada colocam-se, inconscientemente, mas realmente, as bases de um relacionamento novo, com um raio de ação mais vasto: o da comunidade religiosa. <sup>170</sup>

Abordemos a temática deixando-nos conduzir pelas reflexões de Piera Cavaglià.

## **2. Maria Domingas Mazzarello «perita mestra de espírito»<sup>171</sup>**

Segundo Dom João Batista Lemoyne, diretor espiritual de Madre Mazzarello, ela «era mulher provida de dons especiais na direção das almas». <sup>172</sup> A esta sua habilidade de “guiar” Dom Lemoyne atribui o notável desenvolvimento do Instituto, que “maravilhou o próprio Fundador”. Maria Domingas tinha tido como FMI uma longa experiência de acompanhamento, mas agora elementos novos se introduziam.

Com a fundação do Instituto das FMA passa-se da experiência do *grupo* à da *comunidade religiosa*. Então, não mais o círculo restrito das “amigas”, mas aquele mais vasto das relações entre irmãs no espírito de família, uma família sempre em crescimento. O espírito da “santa amizade” assume, na nova realidade, as características próprias da vida comunitária – notifica Maria Esther Posada – «onde

<sup>169</sup> MERICI Angela, *Ricordi* 507-512; *Testamento* 512-516.

<sup>170</sup> Cf. FERNÁNDEZ, *Le lettere di Maria Domenica* 233.

<sup>171</sup> Esta parte é tirada de CAVAGLIÀ, *Dall'affidamento all'accompagnamento. L'esperienza formativa di Santa Maria D. Mazzarello*, em RUFFINATO – Sèide (aos cuidados de), *Acompanhar à fonte* 251-273.

<sup>172</sup> *A superiora-geral das Irmãs de Maria Auxiliadora*, em *A Unidade Católica* (Turim 21-5-1881) n. 120, 479; cf. *Boletim Salesiano* 5 (1881) 6, 8.

não se pode entender a amizade como escolha preferencial de pessoas, mas sim como clima adequado à caridade, rico de confiança, de cordialidade e de colaboração entre os que vivem em um mesmo ambiente e estão enraizados na mesma vocação». <sup>173</sup>

A categoria da amizade harmoniza-se com a da maternidade, da filiação e da “sororidade”. Embora Maria Domingas tenha se esforçado para aceitar o título e o papel de Superiora, gradualmente foi se identificando com a sua missão de guia das primeiras comunidades de FMA. É significativo o fato de que quase sempre ela assina acrescentando ao nome o apelativo de “Madre”.

Pouco a pouco amadurece nela a consciência de ter uma “maternidade espiritual” a ser exercida com as Irmãs e as jovens. Esta missão, acolhida na obediência da fé, é vivida por ela na trama de um caminho concreto de autoformação: praticar, por primeiro, aquilo que deve ensinar às outras, <sup>174</sup> basear a sua autoridade na coerência pessoal. Assim escreve a Dom Lemoyne: «Se eu amar Jesus de todo coração, saberei também fazê-lo amar pelas outras pessoas». <sup>175</sup>

Ela tem bem clara a finalidade a ser alcançada e por isso cuida com sabedoria das condições imprescindíveis para que as pessoas possam tender decididamente à meta. Neste percurso é evidente o princípio salesiano de fazer a pessoa perceber que é amada, para que ela mesma ame tudo quanto se lhe propõe, mesmo se árduo, e de criar um ambiente de família em que todas as pessoas se sintam benquistas e possam desenvolver suas capacidades de educadoras e formadoras. <sup>176</sup>

### 2.1. Mulher capaz de “verdadeira companhia”

Para guiar à santidade Maria Domingas põe-se ao lado de cada pessoa como irmã e mãe. «Era muito jovial e de uma companhia agradabilíssima», <sup>177</sup> descreve-a D. Lemoyne que compartilhou com ela a animação da mesma comunidade, por cerca de quatro anos.

<sup>173</sup> POSADA, *Storia e santità* 139.

<sup>174</sup> Cf. C 3.

<sup>175</sup> C 11.

<sup>176</sup> Cf. Bosco João, *Due lettere datate da Roma: 10 maggio de 1884*, em BRAIDO Pietro (aos cuidados de), *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, Roma, LAS 1992, 381-384.

<sup>177</sup> LEMOYNE, *Suor Maria Mazzarello* 101.

Uma mulher sem instrução, mas repleta da sabedoria que vem de Deus e daquela cordialidade e simpatia que derivam de um especial dom de intuição e, sobretudo, de um coração límpido e pobre. Por isso podia guiar com competência e eficácia formativa.

O segredo está na mesma linha do método de Dom Bosco, como ainda constata Dom Lemoyne: «atraía as meninas com a doçura dos modos, ganhava os seus corações»; dava às suas filhas «prova de um afeto verdadeiramente materno»; era «como as mães afetuosas, sempre pronta a preferir as comodidades de suas filhas, do que as suas próprias».<sup>178</sup>

A regra de ouro da boa animação comunitária e, portanto, do acompanhamento, é explicitada pela mesma Ir. Maria Domingas numa carta à Ir. Ângela Vallese: «É preciso, veja bem, estudar os temperamentos e saber compreendê-los, para ter sucesso; é preciso inspirar confiança».<sup>179</sup>

O acompanhamento é possível somente a quem está atento à pessoa e às potencialidades que nela podem ser desenvolvidas. Saberá assim pôr-se ao lado, escutar, compreender as exigências, exigir, suscitar as questões que fazem crescer.

Maria Mazzarello poderia ser definida como “aquela que tem tempo para os outros” e que sabe dar às jovens e às Irmãs o precioso presente da *presença*. Somente quem sabe “fazer” ou “fazer-se companhia” pode conhecer em profundidade e intervir de modo oportuno.

Ir. Enrichetta Sorbone que por longo tempo havia observado a Madre, atesta: «Parecia uma verdadeira jardineira no governo para ver quais flores devia plantar ou transplantar. Quando via que alguma pessoa não estava muito ajustada num trabalho, colocava-a num outro».<sup>180</sup>

A orientação de fundo de sua vida é o amor que “assume”<sup>181</sup> cada pessoa e a qualidade do ambiente para que favoreça o amadurecimento de cada uma. O “assumir” precede os “atos de assumir”. Mais do que uma atividade particular é um modo de ser, que inclui

<sup>178</sup> *Ibid.* 91.97.

<sup>179</sup> C 25,2.

<sup>180</sup> *Summarium* 265.

<sup>181</sup> Cf. C 19,2; 28,8; 12,3 10,2.

a dimensão afetiva, mas também a intelectual, espiritual, relacional, ética. *Assumir* é acolher a vida e pôr-se ao seu serviço incondicionalmente. Requer uma *atitude* mental e cordial não puramente profissional, mas uma disposição interior de colocar a própria felicidade na busca da felicidade dos outros.

Aquela que se autodefine «a Madre que tanto vos ama no Senhor»<sup>182</sup> e «estou pronta para fazer tudo pelo vosso bem»<sup>183</sup> tem as melhores disposições para *assumir* a pessoa que lhe é confiada. O ato de assumir comporta ter consciência da preciosidade de cada pessoa, é querer que seja ela mesma para deixar emergir o melhor de si. Requer um “olhar que valoriza”, pronto a acolher potencialidades e limites; requer, portanto, a capacidade de abrir espaço ao outro, de “apoiá-lo” como autônomo, sem a dimensão da posse.<sup>184</sup>

Este tipo de cuidado e de atenção postula uma *habitação virgem*, pois o autêntico acompanhamento induz a evitar toda instrumentalização, abre à gratuidade, ao dom, à alegria, ao estupor. É um amar sem possuir, um servir sem dominar, próprio de quem “não divide o coração com ninguém”,<sup>185</sup> mas sente a responsabilidade de uma entrega que transcende todo protagonismo e busca apenas a verdade na caridade.

Maria Mazzarello, em suas cartas, fala de *verdadeira caridade* para indicar o quanto é importante para ela a verdade como fundamento da caridade.<sup>186</sup> De fato, é a verdade que dá autenticidade e transparência ao cuidado com as pessoas. Como escrevia Dom Pestarino, Maria Domingas tinha «uma índole franca e ardente, um coração muito sensível».<sup>187</sup> Ela era «franca ao dizer com amor a verdade, salvaguardando a pessoa, mas não encobrimo ou dizendo uma coisa por outra. Diversamente, gera-se aquela desconfiança que mina a familiaridade das relações».<sup>188</sup>

<sup>182</sup> C 63,5.

<sup>183</sup> C 52,5.

<sup>184</sup> Cf. NICOLA Giulia Paola, *Coeducazione e cultura della reciprocità*, em *Orientamenti Pedagogici* 37 (1990)6, 1233.

<sup>185</sup> C 65,3. Maria Mazzarello recomenda às Irmãs: «Tenham sempre uma grande caridade igualmente para todas, nunca com parcialidade» (C 64,4).

<sup>186</sup> «Minhas queridas filhas, amem-se mutuamente com verdadeira caridade» (C 49,2).

<sup>187</sup> LEMOYNE, *Suor Maria Mazzarello* 95.

<sup>188</sup> COLOMBO Antonia, *Segni credibili per un futuro ricco di profezia*, in *Relazione sulla vita dell'Istituto nel sessennio 2002-2008*, Roma, Instituto FMA 2008, 127.

Para que a relação humana do acompanhamento seja genuína e sólida, deverá fundar-se numa “caridade verdadeira”. Realmente, como escreve Bento XVI «somente na verdade a caridade resplandece e pode ser autenticamente vivida. A verdade é luz que dá sentido e valor à caridade».<sup>189</sup> Sem a verdade, a caridade desliza em sentimentalismos e o amor se torna presa das emoções e das opiniões contingentes. Só a caridade na verdade torna possível o diálogo, a comunicação, a comunhão, em uma palavra, o acompanhamento autêntico das pessoas, rumo à realização do projeto de Deus em suas vidas.

A arte do acompanhamento em Maria Mazzarello inspira-se num princípio de matriz agostiniana e salesiana: «Fazer com liberdade tudo o que requer a caridade»,<sup>190</sup> porque é expressão daquele amor educativo que parte do conhecimento da pessoa, da atenção ao chamá-la pelo nome, ou seja, ao respeito pela sua individualidade, da confiança e do “olhar que valoriza”, de quem pretende ajudar a pessoa a realizar a vocação à qual é chamada, da melhor maneira possível.

## 2.2. *Mediação do encontro com Jesus*

As fontes documentam não apenas as condições para um bom acompanhamento, mas também a finalidade e o conteúdo do acompanhamento formativo. Este, de fato, põe-se como mediação para orientar e propiciar o encontro com o Senhor Jesus.

Como Paulo, Maria Domingas pode dizer que quer viver e agir «a fim de que Cristo seja formado em vós».<sup>191</sup> Para ela, acompanhar é comunicar com simplicidade e alegria o tesouro que recebeu e do qual vive, isto é, a experiência de conhecer e amar Jesus. Trata-se de guiar à fonte.

Desde o início compartilha com a amiga Petronilla a finalidade que motiva todo o seu projeto: ensinar corte e costura a qualquer jovem, mas “com o objetivo principal” de «tirá-la dos perigos, de torná-la boa e especialmente de ensinar-lhe a conhecer e amar o Senhor».<sup>192</sup>

<sup>189</sup> CV 3.

<sup>190</sup> C 35,3.

<sup>191</sup> Gal 4,19.

<sup>192</sup> Cronistória I, 98.

De fato, iniciar ao “gosto” pela vida espiritual é também o modo com que Dom Bosco entende a orientação formativa para ajudar os jovens a terem acesso a uma dimensão interior nova e mais profunda.<sup>193</sup>

No fim da vida Ir. Maria Domingas podia dizer: «Ah, se vos conhecessem como eu agora vos conheço!...».<sup>194</sup> O empenho de conhecer Jesus e de fazê-lo conhecido havia marcado todas as etapas do seu caminho. «Conduzir muitas almas a Jesus»<sup>195</sup> havia sido o escopo da sua missão de educadora e formadora.

Nas cartas, é tocante a grandeza do augúrio que dirige a quem lhe escreve: «Jesus a faça toda dele».<sup>196</sup>

«Esforce-se para se tornar querida por Jesus».<sup>197</sup> «Entrem com frequência no coração de Jesus».<sup>198</sup> «Unam-se intimamente a Jesus, trabalhem para agradar a Ele somente».<sup>199</sup> Maria Mazzarello tem a arte de reconduzir ao essencial com a intuição do coração, mais do que com longos discursos. As simplicíssimas e essenciais perguntas dela feitas às Irmãs revelam a profundidade do seu estilo de acompanhamento que *aponta para a prioridade*: «Para quem você trabalha? Você ama muito Jesus?».<sup>200</sup>

Ela tem a arte de reconduzir continuamente ao essencial. E isto lhe dá a possibilidade de guiar para além do que é banal, contingente, mesquinho. Ela mesma dá provas de vibrar com os percursos significativos, e sentir-se inclinada para os grandes ideais. Orienta as jovens e as educadoras a buscarem e a desejarem “o que mais importa”.<sup>201</sup> Por isso vigia para que o espírito mundano não penetre no Instituto. Esta preocupação é tão forte no seu coração, que também nos últimos dias de sua vida, faz o apelo: «Lembrem-se as filhas de que, tendo abandonado o mundo e vindo para cá, não fabriquem aqui dentro

<sup>193</sup> Cf. GIRAUDO: “*Gli feci conoscere tutto me stesso*” 47-62.

<sup>194</sup> LEMOYNE, *Relazione sulla malattia e morte di madre Maria D. Mazzarello*, em ORME D 122, 335.

<sup>195</sup> C 5,12.

<sup>196</sup> Cf. C 36,3; 66,6; 37,15; 43,3.

<sup>197</sup> C 43,2.

<sup>198</sup> C 17,2.

<sup>199</sup> C 22,8.

<sup>200</sup> MACCONO, *Santa Maria D. I*, 291-292.

<sup>201</sup> Cf. C 58,4.

outro mundo semelhante ao que deixaram... Não são coisas graves, mas que impedem a perfeição... Certas invejzinhas, certas desobediências, soberbas, apegos... sem pensarem na finalidade pela qual vieram para a Congregação. (E aqui se dirige ao Crucifixo:) Querido esposo celeste!... e depois dizem querer somente a vós!...Ah, se vos conhecessem como eu agora vos conheço!».<sup>202</sup>

Dom Lemoyne revela-nos alguns traços da arte formativa e personalizada de Maria Mazzarello que não receia em chamar *direção das almas*: «Se entre suas filhas percebia algum chamado a uma santidade especial, era toda coração para acompanhá-la no difícil caminho, educando-a a um espírito forte, desapegado de tudo e de todos, até mesmo das consolações mais santas e, com a ajuda do Esposo celeste, em pouco tempo, fazia-a tocar os altos píncaros da perfeição». <sup>203</sup>

A uma senhora que se encontrava num período de discernimento da vontade de Deus sobre a própria vida, Maria Mazzarello escreve: «Abandone-se inteiramente a Ele e esteja certa de que Ele fará o que for melhor para a sua alma». <sup>204</sup>

O seu projeto formativo é penetrado de “coisas grandes”, por isso a sua fecundidade carismática não é afetada com a mudança das situações e com o passar do tempo. A existência de Maria Domingas é plasmada por uma apaixonada busca de Deus modulada sobre os caminhos comuns e populares do seu conhecimento, da oração, do amor que dá significado a cada momento e a cada ação, do encontro sacramental e eclesial, do afeto confiante em Maria SS. Fora desta perspectiva é difícil entender a força e a profundidade de sua arte de “guiar as almas”.

Desta solidez de acompanhamento derivam os vários aspectos da sua pedagogia:

*Ela guia à clareza das motivações*, não na linha do moralismo, mas do encontro: «Amas muito o Senhor? Mas, de todo coração? Trabalhas só para Ele?». <sup>205</sup>

<sup>202</sup> *Relazione di don Giovanni Battista Lemoyne sulla malattia e morte di madre Maria D. Mazzarello*, em ORME D 122, 335.

<sup>203</sup> LEMOYNE, *Suor Maria Mazzarello* 101-102.

<sup>204</sup> C 54,3.

<sup>205</sup> C 23,1.

*Guia à oração*, a que se nutre do silêncio, da escuta, do diálogo simples e confiante com Jesus, e que se exprime em «ficar continuamente na sua presença».<sup>206</sup>

*Guia à alegria*, sinal de um coração que ama muito o Senhor, percorrendo um caminho de simplicidade e de desapego de si.<sup>207</sup>

*Guia à acolhida da cruz* como configuração a Jesus Cristo Crucificado que compartilha a cruz com as que Ele mais ama. As testemunhas lembram que algumas vezes segurava o crucifixo que trazia ao pescoço e, indicando com o dedo a figura de Jesus, dizia: «Ele aqui – depois, virando-o e indicando a Cruz – e nós aqui». E assim, fazia sensivelmente entender que se devia viver crucificada com o Senhor.<sup>208</sup>

*Guia à comunhão* entre as Irmãs como reflexo do amor que se tem por Jesus: «Uma filha que ama verdadeiramente Jesus vive em harmonia com todas».<sup>209</sup>

*Guia ao dom de si na missão educativa*: é o campo de Deus confiado às FMA: «Trabalhai, trabalhai muito no campo que o Senhor vos deu, não vos canseis nunca, trabalhai sempre com a reta intenção de fazer tudo para o Senhor».<sup>210</sup>

Podemos resumir numa expressão à fecundidade do acompanhamento em Maria Mazzarello: porque verdadeira discípula torna-se mestra. «Se eu amar Jesus de todo coração, saberei também fazê-lo amar pelas outras».<sup>211</sup>

### 2.3. Uma simples “vigária” de Maria Auxiliadora

Esta pedagogia de forte impregnação cristocêntrica, chamada “mistagogia”, em nível salesiano aprofunda-se tendo presente o caminho mariano do acompanhamento.<sup>212</sup> O caminho de formação da FMA é configurar-se a Jesus e, ao mesmo tempo, assumir na própria vida a

<sup>206</sup> C 23,3; cf. C 22,10.

<sup>207</sup> C 60,5; 24,4.

<sup>208</sup> Cf. MACCONO, Santa Maria D. II, 117.

<sup>209</sup> C 49,6.

<sup>210</sup> C 59,4.

<sup>211</sup> C 11,2.

<sup>212</sup> Cf. COLOMBO Antonia, *Il servizio di autorità: motore e animatore del rinnovamento conciliare nella costruzione del Regno*, na *Sequela Christi* 31 (2005)2, 164-184.

identidade mariana para ser “memória viva” de Maria e, para serem jovens “auxiliadoras”, a exemplo dela, em seu caminho para Jesus.<sup>213</sup>

A casa de Mornese é “casa de Maria”, porquanto Maria Auxiliadora é considerada a verdadeira superiora da comunidade.<sup>214</sup> Ir. Maria Domingas é apenas a vigária. A ela se confia com total confiança e lhe entrega as chaves da casa<sup>215</sup> para que Maria seja a guia das pessoas que nela habitam e da missão que desenvolvem: educar as jovens ao encontro com Deus.

Maria leva a Jesus, por isso fica ao lado de cada uma de suas filhas como auxiliadora, educadora e guia. Ir. Maria Mazzarello, sem retórica, considera-se a “Vigária de Maria” e às Irmãs recomenda que sejam “verdadeiras imagens de Maria”.<sup>216</sup> Coloca-se, também ela, na sua escola, motivo pelo qual o seu estilo de acompanhamento espelha alguns traços da figura de Maria: a docilidade na busca da vontade de Deus, a maternidade que protege a vida, a humildade, a admiração ao reconhecer as grandes obras de Deus.

Vive o serviço de autoridade como mãe e como irmã. A fecundidade do seu amor, como a de Maria, está destinada a despertar vida. Considera-se “uma mãe” que ama muito no Senhor suas filhas espirituais<sup>217</sup> e as mantém próximas ao seu coração, dispondo-se a tudo pelo seu bem.<sup>218</sup>

A lembrança de suas filhas distantes é sempre “em Jesus e Maria” e então é uma lembrança intensa, cheia de amor, de confiança.

Outro aspecto chave do acompanhamento de Maria Domingas é a atitude de serviço humilde e disponível, sem nenhuma presunção. O seu lugar preferido é sempre o último, pois é realmente esquiava de tudo o que seja autopromoção ou reconhecimento pessoal.

<sup>213</sup> Cf. PF 29-30 e Const. FMA art. 4.

<sup>214</sup> Cf. *Cronistória* II, 114.132. Maria D. Mazzarello manifesta com frequência a convicção, colhida da palavra do fundador Dom Bosco, mas por ela mesma compartilhada, que a verdadeira superiora da casa é Nossa Senhora. O Instituto, de fato, foi fundado pela sua direta intervenção (cf. Const. FMA art. 1). Cada FMA, por isso, deve viver sob a sua dependência de amor, mostrando para com ela ternura e docilidade filial, procurando representá-la na pureza do coração e na humildade do espírito.

<sup>215</sup> Cf. Testemunho de Ir. Enrichetta Sorbone, em *Summarium* 152.

<sup>216</sup> *Cronistória* III, 216.

<sup>217</sup> Cf. C 55,10.

<sup>218</sup> Cf. C 52,5.

Reconhece que o maior obstáculo ao caminho da santidade é o amor próprio, o orgulho e, portanto, não cessa de aperfeiçoar o seu temperamento que a levaria a querer aparecer, prevalecer sobre os outros, ceder à vaidade.<sup>219</sup>

Colocar-se ao serviço dos outros com humildade de coração não é um dom inato em Maria Domingas, mas é fruto de sua fiel docilidade ao Espírito Santo que “trabalha” no coração das pessoas, mediante uma progressiva purificação de tudo aquilo que possa afastar de Deus.

Também como superiora – diz a *Crônica* baseada nas testemunhas – «continua a não se dar nenhum tom de superioridade e, conservando o seu querido hábito de sentar-se numa banqueta da oficina de costura, ou nos degraus de uma escada, escuta, anima, incentiva ao bem – ao maior bem – as vontades generosas e as almas inseguras e fracas».<sup>220</sup>

Existe outro aspecto do paradigma mariano no acompanhamento de Maria Domingas : intuir na realidade e nas pessoas a obra do Espírito para bendizer o Pai e fazer crescer a confiança n’Ele.

A certeza de que «é a mão de Deus que trabalha em vós»,<sup>221</sup> torna-a vigilante ao descobrir este “trabalho” nas pessoas e nas comunidades. Como Maria no canto do *Magnificat*, Maria Domingas também reconhece com estupor o bem que floresce nas Irmãs e o torna evidente em suas cartas: «Oh! Quanto me consolam as notícias que recebo das casas; sinto que vocês são caridosas umas com as outras, obedecem de boa vontade e estão atentas à S. Regra. Oh! O meu coração, então, chora de consolação e continuamente pede bênçãos para todas, para que possam realmente se revestir do Espírito do nosso bom Jesus».<sup>222</sup>

O espírito de Jesus é aquele do “eu te bendigo, ó Pai” e o de Maria coloca-se neste mesmo comprimento de onda: “A minha alma glorifica o Senhor!”<sup>223</sup> Para viver neste clima mariano de bênção,

<sup>219</sup> Reconhece com extrema sinceridade que o amor próprio a faz tropeçar e cair (cf. C 7,9) e portanto é um inimigo que precisa “esmagar”, “pisar”, “fritar” (cf. C 32,4; 29,2; 24,9; 20,1).

<sup>220</sup> *Cronistória* II, 333.

<sup>221</sup> C 66,2.

<sup>222</sup> C 26,4.

<sup>223</sup> Mt 11,25; Lc 1,46.

ocorre viver na docilidade ao Espírito e deixar-se guiar pela sua luz. Também S. Teresa d'Ávila emite uma nota tipicamente feminina de autoridade espiritual, que é a capacidade de ver a obra de Deus no coração das Irmãs que lhe são confiadas: « Às vezes, quando estamos reunidas, sinto uma particular alegria ao perceber nas minhas Irmãs uma alegria interior tão grande, que as faz competir no louvor ao Senhor. [...] Fico feliz porque se pode perceber claramente que todo aquele louvor parte do íntimo de suas almas».<sup>224</sup>

Inspirando-se em Maria, quem acompanha no caminho para Jesus, simplesmente se coloca à escuta do Espírito e aprende a declinar diariamente os verbos: acolher, proteger, cuidar, fazer crescer, mas sem protagonismos, para que aqueles que lhe são confiados alcancem a verdadeira liberdade dos filhos e das filhas de Deus.

#### 2.4. Um ambiente de família que forma “acompanhantes”

Guiar para Jesus com a atitude materna de Maria é criar comunhão, fazer respirar um “clima de casa” na trama do cotidiano, um clima de responsabilidade no esforço conjunto de tender à meta.

O acompanhamento no estilo salesiano realiza-se num ambiente, com relações interpessoais abertas e continuamente renovadas num tecido de reciprocidade.

A motivação é clara: as FMA são chamadas *juntas* a seguir Jesus e *juntas* respondem, ajudando-se mutuamente a encontrá-lo e a realizar o seu projeto. A profissão religiosa vincula as pessoas a uma comunidade concreta na qual é possível expressar a fidelidade à aliança de amor com Deus, que faz de cada uma, um dom para a outra e de todas juntas, um dom aos jovens.

A casa de Mornese é chamada a “casa do amor de Deus” porque nela mora o amor que, enraizado em Deus, faz crescer as pessoas e as dispõe a realizar com generosidade a própria missão.<sup>225</sup>

Mesmo as educandas, juntamente com a assistente, sentem-se envolvidas neste “clima” de busca e de encontro com Jesus.<sup>226</sup> É um

<sup>224</sup> TERESA D'ÁVILA, *Il castello interiore*, Verona, Demetra 1999, 159.

<sup>225</sup> MACONNO, *Santa Maria D. I.*, 306.

<sup>226</sup> Cf. a carta das educandas Eulália e Maria Bosco a Dom Bosco, Mornese, 28 de janeiro de 1876, em ORME D 65: «O nosso coração tenta continuamente encontrar Jesus e

clima que se alimenta num “recíproco apoiar-se” umas às outras, relativamente às mediações e corresponsabilidades. É uma *relação de comunhão*, não uniforme nem unidirecional.

Trata-se da lógica do dar e receber, como numa família. Mesmo as Irmãs mais jovens, ou as próprias educandas podem, “com toda liberdade”, fazer as suas observações para melhorar o andamento comunitário: cada uma pode e deve “ajudar e aconselhar”.<sup>227</sup>

Não apenas Maria Domingas tem muito a comunicar às jovens que lhe são confiadas, mas estas também têm muito a dizer e a ensinar à superiora. É este um componente típico de sua arte formativa. Ela fica atenta a esta simples escola de vida e dirige às jovens e às Irmãs uma sábia pergunta, própria de quem sempre está em busca: “O que você acha? O que você faria neste caso?”. Isto cria um clima benéfico, no qual cada pessoa sabe que é acolhida e amada e por isso manifesta-se com espontaneidade e sem receio. Ao mesmo tempo cada uma amadurece ao assumir com responsabilidade o empenho de oferecer a sua contribuição na construção da comunidade, embora reconhecendo a distinção de funções.

Nas últimas lembranças dadas às Irmãs, Ir. Maria Domingas revela uma das linhas mestras da sua arte formativa e define, em concreto, suas modalidades de atuação: «Procurem todas ajudar-se umas às outras no espírito..., mas deixem a direção para quem as guia, para quem tem o dever de determinar as normas... Sem muitas conferências particulares... Faça-lhes somente aquela de que tem o encargo...».<sup>228</sup>

O acompanhamento recíproco não substitui o encontro com a animadora a quem é confiada a comunidade no espírito de família. É preciso respeitar este papel e evitar interferências. Ao mesmo tempo, quem realiza o serviço de autoridade respeite o critério pedagógico da sobriedade de palavras e de intervenções, como convém a uma relação autenticamente familiar.

As Irmãs e o próprio diretor salesiano haviam ouvido muitas vezes Maria Mazzarello dizer: «Não *rendicontos* diários – Não acos-

portanto entrar no Seu, não somente nós, suas sobrinhas, mas também as nossas companheiras e a Irmã que está conosco».

<sup>227</sup> Cf. *Cronistória* II,11.

<sup>228</sup> *Relazione di don Giovanni Battista Lemoyne*, em ORME D 122, 334.

tumar o espírito escravo – Deixar aquela santa liberdade querida por S. Francisco de Sales». <sup>229</sup>

Às vezes, intervenções essenciais e abrangentes que se colocam no fluir do cotidiano incidem mais profundamente do que longos discursos que podem criar dependências e não favorecer o caminho de liberdade interior.

Para Maria Mazzarello, momentos significativos e privilegiados para um acompanhamento pessoal e comunitário são: o colóquio, os encontros do grupo na conferência e na “boa-noite”, os diálogos ocasionais, as cartas.

A partir das fontes deduz-se que, dizer “espírito de Mornese” significa compreender o paradigma de uma família que é seio fecundo de outras comunidades que se abrem de ano em ano. Mesmo quando “um mar imenso” separa as Irmãs, <sup>230</sup> a família não se divide porque é plasmada pelo Espírito, pelo amor recíproco, um amor que gera vida e que, por sua vez, educa a amar, a acompanhar outros. Com a experiência de ter acompanhado tantas FMA no tempo da formação em Mornese ou em Nizza, Maria Domingas amadureceu gradualmente a capacidade de acompanhar.

D. Lemoyné, na biografia já citada, apresenta a Madre cheia de “operosíssima caridade” e de zelo “na condução das almas a Deus”. De fato, com o seu acompanhamento, as FMA, que lhe foram confiadas na formação, inflamam-se «do desejo de cooperar com a saúde das almas, e de fazer conhecer a todo o mundo, se fosse possível, o quanto é doce amar e servir ao Senhor». <sup>231</sup>

Concluindo, o estilo de acompanhamento de Maria Domingas Mazzarello, como o de Dom Bosco, afasta-se da modalidade clássica de direção espiritual, a do discípulo que vai ao encontro do Mestre e a ele se revela. Aqui o acompanhamento não é apenas espiritual, mas educativo porque abrange o crescimento integral da pessoa, deriva de um chamado: “*A ti as confio*” e, portanto, está enraizado na mesma vocação de FMA, fazendo parte da identidade carismática.

<sup>229</sup> *Ibid.* 343.

<sup>230</sup> Escrevendo à Ir. Ángela Vallese, diretora da casa de Villa Colón (Uruguai), a Madre a assegurava: «Embora haja o mar imenso que nos divide, podemos ver-nos e aproximar-nos a cada instante no Coração Sacratíssimo de Jesus, podemos rezar sempre umas pelas outras, assim os nossos corações estarão sempre unidos» (C 22,1).

<sup>231</sup> LEMOYNE, *Suor Maria Mazzarello* 102.

O acompanhamento em estilo salesiano, além disso, mergulha o seu contexto vital em uma comunidade rica de valores e de relações humanas significativas. É vivido numa partilha de vida ligada aos ritmos dos dias e da missão educativa, à experiência de oração, à familiaridade dos relacionamentos, à alegria expansiva do pátio, num entrelaçamento de momentos de encontro personalizado e comunitário.

O estilo é aquele típico do Sistema Preventivo que tem a sua gênese no conhecimento da pessoa, no diálogo familiar, rico de valores e num coração quente de humanidade e de paixão educativa, continuamente alimentado pela Eucaristia, pela familiaridade com Jesus e pela presença de Maria.

No estilo formativo de Maria Domingas é evidente o “modelo mariano” como fonte de inspiração, de serviço humilde e disponível, de frescor amoroso e de admiração. A animadora espelha-se em Maria pela pobreza de coração e abertura ao Espírito Santo, pela solicitude materna, pela intuição das necessidades e capacidade de intervir orientando para Jesus, meta de todo acompanhamento espiritual digno deste nome.

### **Para a reflexão e a partilha**



- ✓ *Nas primeiras comunidades de Jerusalém e de Mornese, o Espírito Santo orientava e guiava caminhos de conversão inspirados no Evangelho.*
- ✓ *Pedro, Paulo, Maria Domingas desenvolviam na comunidade um ministério de guia e de acompanhamento.*
- ✓ *Quais sugestões emergem das comunidades das origens para as comunidades das FMA de hoje? E para uma comunidade formativa como o noviciado?*



# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	3
SIGLAS E ABREVIACÕES .....	5
<b>Na lógica do itinerário – Introdução à experiência .....</b>	<b>9</b>
1. A tradição educativa salesiana como “mistagogia” .....	10
2. As características do acompanhamento .....	11
2.1. As etapas do itinerário .....	12
2.2. A dimensão experiencial do itinerário .....	14
2.3. A dimensão feminina e mariana .....	15
 <b>O ITINERÁRIO DE DOM BOSCO DOS BECCHI A TURIM</b>	
 <b>CAMINHANDO COM A PALAVRA</b>	
 <b>Deus lhe deu um coração grande, como a areia das praias do mar .....</b>	<b>21</b>
1. O amor é mais forte que o pecado .....	22
2. A promessa excede os desejos .....	23
3. Para o alto e para a frente .....	24
4. Deus se compromete .....	25
 <b>Atração em cadeia .....</b>	<b>27</b>
1. Acompanhados por Jesus, os discípulos aprendem a acompanhar outros .....	27
2. «Encontramos o Messias!» .....	30
 <b>Um coração configurado ao coração de Cristo Bom Pastor .....</b>	<b>34</b>
1. O texto Mc 6,30-44 e a cena .....	34
2. A reação de Jesus e dos discípulos diante da mesma cena .....	36
3. A multiplicação dos pães e a transformação dos discípulos ....	38

<b>Maria, Mestra de acompanhamento</b> .....	40
1. « <i>Alegra-te, cheia de graça: o Senhor está contigo</i> » (Lc 1,28). Maria é acompanhada por Deus .....	41
2. « <i>Jesus crescia em sabedoria, idade e graça...</i> » (Lc 2,52). Maria acompanha Jesus.....	43
3. « <i>Entrada na casa de Zacarias...</i> » (Lc 1,40). Maria acompanha outras vidas .....	45
4. « <i>Fazei o que ele vos disser</i> » (Jo 2,5). Maria acompanha o homem a Jesus .....	48
5. « <i>Mulher, eis o teu filho</i> » (Jo 19,26). Maria acompanha o caminho de toda a humanidade .....	50
6. « <i>Eram assíduos e concordes na oração com Maria, a Mãe de Jesus</i> » (At 1,14). Maria acompanha o nascimento e o crescimento da Igreja .....	52

## CAMINHANDO COM DOM BOSCO

### **Nos Becchi de Castelnuovo: o tempo da confiança**

« <i>Minha mãe me disse: “Meu filho, Deus realmente tomou posse do teu coração”</i> » .....	57
1. Dom Bosco narra sobre si mesmo .....	58
2. Um caminho espiritual orientado à confiança em Deus .....	60
3. A descoberta de um fiel amigo da alma .....	63

### **Em Chieri: o tempo da amizade**

« <i>Desejava ser logo padre para entreter-me no meio dos jovens</i> » .....	66
1. Dez anos que valem uma vida .....	66
2. A comunidade formativa das escolas públicas.....	67
3. As amizades de Chieri: experiências de acompanhamento recíproco.....	69
4. As etapas do discernimento vocacional e o ambiente formativo do Seminário .....	71

### **No Colégio Eclesiástico de Turim: o tempo da entrega**

« <i>Nas mãos de Dom Cafasso coloquei cada escolha, cada estudo, cada ação da minha vida</i> » .....	79
1. O Colégio Eclesiástico .....	79

2. Dom José Cafasso, diretor espiritual de Dom Bosco .....	80
3. A proposta formativa de Cafasso .....	84
3.1. <i>Identidade e missão do sacerdote</i> .....	84
3.2. <i>Jesus Cristo pastor das almas, único modelo do sacerdote</i> ....	85

## **O ITINERÁRIO DE MARIA DOMINGAS MAZZARELLO DE MORNESE A NIZZA**

### **EM CAMINHO COM A PALAVRA**

<b>«Estão em ti todas as minhas fontes» (Sl 87)</b> .....	95
1. Salmo 87: Sião, terra natal e origem de todos os povos .....	96
2. A cidade predileta de Deus (Vv. 1b-3) .....	97
3. Todos lá nasceram (v. 4).....	97
4. Estão em ti todas as minhas fontes (Vv. 5-7).....	99
 <b>«O meu rosto caminhará contigo» (Ex 33,14)</b> .....	100
1. O tema do caminho no Antigo Testamento .....	101
2. Deus acompanha e guia o caminho do seu povo.....	103
 <b>«Segui-me» – «Permaneça em mim» – «Ide»</b> .....	106
1. «Segui-me».....	108
2. «Permaneça em mim» .....	109
2.1. <i>Permanecer na Palavra</i> .....	110
2.2. <i>Permanecer no amor</i> .....	111
3. «Ide».....	112
 <b>Os sinais de Deus nas idades da vida. O exemplo de Moisés</b> ...	114
1. Salvo da morte desde o nascimento .....	114
2. Três etapas da vida .....	116
2.1. <i>Os primeiros quarenta anos</i> .....	116
2.2. <i>A segunda quarentena de anos</i> .....	117
2.3. <i>Os últimos quarenta anos</i> .....	118
3. A Páscoa da morte .....	118
 <b>A comunidade cresce em meio aos desafios</b> .....	121
1. O quadro da comunidade ideal.....	122
2. «Surge um descontentamento».	
A Igreja primitiva enfrenta problemas internos (At 6, 1-7) ....	122

3. Os desafios e as dificuldades tornam-se trampolins de lançamento (At cap. 8) .....	124
4. A verdade na caridade – A assembleia de Jerusalém (At cap. 15).....	126

## **Caminhando COM MARIA DOMINGAS MAZZARELLO**

<b>Introdução</b> .....	131
-------------------------	-----

### **Os Mazzarelli: o tempo do encontro**

<b>«Quanto devo ao meu pai! Se em mim existe alguma virtude, devo-o a ele!»</b> .....	136
---	-----

1. Da experiência da paternidade humana ao encontro com o Pai dos céus .....	139
2. Em confronto com a sua experiência de Deus .....	140
2.1. <i>Mostra-nos o teu rosto</i> .....	141
2.2. <i>Tu és o Altíssimo</i> .....	141
2.3. <i>Tu és o Deus-conosco</i> .....	142
2.4. <i>Escuta e ama</i> .....	143

### **A paróquia: o tempo da amizade**

<b>«Por que não rezamos juntas, Petronilla? A oração em comum tem mais valor»</b> .....	145
---	-----

### **A Valponasca: o tempo do amor**

<b>«Maria abriu as portas da sua consciência ao confessor»</b> .....	151
1. O tempo da personalização da fé .....	151
2. A experiência da “segunda” Valponasca .....	155
3. O acompanhamento de Dom Pestarino: estratégias formativas.....	157

### **Via Valgelata: o tempo da prova**

<b>«Eu me confio a ti...»</b> .....	163
1. O “sentido” da prova.....	163
2. A ruptura de equilíbrios precários.....	164
2.1. <i>«Se o senhor quer, eu vou»</i> .....	166
2.2. <i>«Morrerei mártir da caridade!»</i> .....	167
2.3. <i>«Se na vossa bondade»</i> .....	168

## **As casas do Vilarejo: o tempo da entrega**

<b>«A ti as confio...» .....</b>	<b>174</b>
<b>1. Rumo a uma nova vida.....</b>	<b>174</b>
<b>2. Maria Domingas Mazzarello «perita mestra de espírito» .....</b>	<b>176</b>
2.1. <i>Mulher capaz de “verdadeira companhia” .....</i>	<i>177</i>
2.2. <i>Mediação do encontro com Jesus.....</i>	<i>180</i>
2.3. <i>Uma simples “vigária” de Maria Auxiliadora.....</i>	<i>183</i>
2.4. <i>Um ambiente de família que forma “acompanhantes” .....</i>	<i>186</i>

